



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## **TERAPIA DA MÚSICA E DO SOM**

**Em Crianças**  
**com Necessidades Educativas Especiais**

II Ciclo em Ciências da Educação - Educação Especial

Sob orientação de **Professor Doutor José Carlos de Miranda**

Sílvia Cardoso Carvalho

Braga, 2011



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## **TERAPIA DA MÚSICA E DO SOM**

**Em Crianças**  
**com Necessidades Educativas Especiais**

II Ciclo em Ciências da Educação - Educação Especial

Sob orientação de **Professor Doutor José Carlos de Miranda**

Sílvia Cardoso Carvalho

Braga, 2011

**Sentimentos!**  
**Emoção da Música**

*Se todos os contrabaixos do mundo soassem  
A bateria e as guitarras para todos falassem  
A melodia que soa nos corações dos músicos  
Viria com o som de violino de grandes clássicos*

*Se todos os instrumentos fizessem uma reunião  
Saberiam que todo músico tem por eles admiração  
Cada um no seu estilo de adaptação musical  
Cada qual tocado por eles em tom especial*

*Ser músico precisa, com efeito, nascer com o dom  
Escolher o instrumento e com ele dar o tom  
Para o vocalista entrosado com eles os acompanhar  
Assim, som e tom em harmonia a música divulgar*

*Ser músico é ser um artista da vida construindo emoções  
São aqueles que sem querer penetram em todos os corações*

**Ângela Lugo**

A música é universal para os seres humanos e, como as outras artes, é tão básica como a linguagem, para a existência e o desenvolvimento humanos.

Através dos sons produzimos música e, assim, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida e, o que é mais importante, através da música são mais capazes de desenvolver e sustentar a imaginação e criatividade.

Foi assim que descobrimos o “mundo dos sons” e a importância que estes têm para as crianças/adolescentes com Necessidades Educativas Especiais.

## AGRADECIMENTOS

---

Agradeço a todos aqueles que, acreditando em mim, me impulsionaram para concretização de todos os meus sonhos e propósitos de vida, aqui registo o meu profundo e sincero agradecimento:

À minha família, em especial aos meus pais, que sempre confiaram em mim e me incentivaram em todas as decisões e momentos difíceis da minha vida.

Ao Miguel, pelo alento, pela compreensão, apoio e paciência nas horas de maior angústia e ansiedade.

Em especial à minha filha Matilde, pelos momentos que não pude estar contigo!

Ao Professor Doutor José Carlos Miranda, pelo incentivo, motivação e disponibilidade. Também pela preocupação, pela confiança depositada e pelo seu sentido crítico sempre presente, como orientador, a quem quero aqui expressar o meu sincero agradecimento. Obrigado.

À Dr.<sup>a</sup> Filomena Ponte, pelo incentivo e disponibilidade.

À Professora Elisabete, pela sua preciosa ajuda e por toda a sua colaboração desde o primeiro momento, e pela cedência de registos bibliográficos importantes.

À Cátia, que permitiu a observação das aulas de Snoezelen e aceitou ser entrevistada, dispondo todos os meios para a concretização do estudo.

Aos Professores de Educação Musical, Luís, Maria da Luz e Irene, pela preciosa ajuda na realização da entrevista.

Aos “meninos”, pela oportunidade de me ajudarem a compreender melhor a Música e cada um.

## RESUMO

---

O presente projecto situa-se no Mestrado em Ciências Sociais – Educação Especial, e tem como objectivo identificar através da música novos estímulos e benefícios nas crianças com perturbações, capazes de contribuir para a modificação do seu “Eu”, reeducando-o para as suas reais possibilidades e subsequentemente na melhoria de qualidade de vida.

A musicoterapia que, aplicada em crianças com necessidades Educativas Especiais (NEE), pode ser vista com um aspecto da sua Educação Musical, é uma importante técnica de terapia que utiliza a música com o objectivo de desenvolver potencialidades da criança, através da utilização de métodos e técnicas que ajudam a criança a desinibir-se e a envolver-se socialmente, dando-lhe espaço para novas aprendizagens. Contudo, junto a esta problemática abrange outros domínios, nomeadamente, o da comunidade educativa que procura respostas adequadas para melhorar as suas próprias práticas pedagógicas.

Com o conhecimento que temos desta problemática, assentes na recente alteração da legislação, Decreto-lei n.º 3/29008, juntamente com a nossa amostra, constituída pela professora de Educação Especial, a Terapeuta Ocupacional e os professores de Educação Musical, participantes do nosso estudo, depreendemos que as crianças/adolescentes devem ser estimuladas para que as suas capacidades e potencialidades sejam desenvolvidas.

Foi nossa intenção neste estudo, através da música, veicular benefícios a todos os alunos com NEE, podendo assim, usufruir desta arte, desde que aplicada e desenvolvida no contexto educativo de forma a facilitar os processos de aprendizagem, de autonomia e de socialização.

Palavras-chave: Musicoterapia, Educação Musical, Necessidades Educativas Especiais (Autismo, Síndrome de Rett, Síndrome Alcoólico Fetal), interacção, comunicação, Educação Especial.

## ABSTRACT

---

This project is located in the Master of Social Science - Special Education, and aims to identify new stimuli through music and benefits in children with disorders, that can contribute to the modification of their "self" re-educating them to their real possibilities and subsequently improving their quality of life.

Music therapy (which can be seen in several cases as a form of Music Education) is an important technique that uses music with the aim of developing children's potential through the use of methods and techniques that help children to loosen inhibitions and engage socially, giving them space for new learning. However, it implies other problematic areas such as the educational community that seeks answers in order to improve their own teaching practices.

Based on recent amendments to legislation, Decree-Law No. 3 / 29008, along with our sample (the Special Education teacher, the occupational therapist and teacher of music education) study) reveals that children / adolescents should be encouraged so that their skills and capabilities are developed.

It was our intention in this study to convey benefits to all students with special needs, being able to enjoy this art, since it applied and developed in the educational context to facilitate learning processes, autonomy and socialization.

Keywords: Music Therapy, Music Education, Special Educational Needs (Autism, Rett Syndrome, Fetal Alcohol Syndrome), interaction, communication, Special Education.

# ÍNDICE

---

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>IV</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>V</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>VI</b>
<b>ÍNDICE.....</b>	<b>VII</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS .....</b>	<b>X</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS .....</b>	<b>XI</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS .....</b>	<b>XII</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS.....</b>	<b>XIII</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>PARTE I – ENQUADRAMENTO DO ESTUDO .....</b>	<b>5</b>
<b>1. PERTINÊNCIA DO ESTUDO .....</b>	<b>5</b>
<b>2. A QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>3. DEFINIÇÃO DOS OBJECTIVOS.....</b>	<b>9</b>
<b>3.1. OBJECTIVO GERAL .....</b>	<b>9</b>
<b>3.2. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>9</b>
<b>PARTE II – MÓDULO CONCEPTUAL .....</b>	<b>10</b>
<b>1. EDUCAÇÃO MUSICAL .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1. RECONHECIMENTO DO CONCEITO .....</b>	<b>10</b>
<b>1.2. O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO MUSICAL.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MUSICAL.....</b>	<b>13</b>
<b>2. MUSICOTERAPIA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1. DEFINIÇÃO DA MUSICOTERAPIA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2. HISTÓRIA DA MUSICOTERAPIA.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA MUSICOTERAPIA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3.1. Teoria grega do «Ethos».....</b>	<b>20</b>

2.3.2.	O organismo como um todo .....	20
2.3.3.	Princípio Homeostático .....	21
2.3.4.	Princípio de <i>ISOS</i> .....	21
2.3.5.	Princípio do Objecto Intermediário .....	22
2.3.7.	Princípio de Compensação .....	23
<b>2.4.</b>	<b>EFEITOS DA MUSICOTERAPIA .....</b>	<b>24</b>
2.4.1.	Nível Fisiológico .....	25
2.4.2.	Nível Psicológico.....	25
2.4.3.	Nível Intelectual .....	26
2.4.4.	Nível Social .....	26
2.4.5.	Nível Espiritual.....	26
<b>2.5.</b>	<b>FUNÇÃO DO MUSICOTERAPEUTA.....</b>	<b>29</b>
<b>2.6.</b>	<b>MÉTODOS DE TRABALHO.....</b>	<b>31</b>
<b>2.7.</b>	<b>TERAPIA.....</b>	<b>33</b>
2.7.1.	Música .....	33
2.7.2.	Som.....	37
<b>2.8.</b>	<b>MUSICOTERAPIA E EDUCAÇÃO MUSICAL .....</b>	<b>39</b>
<b>2.9.</b>	<b>APLICAÇÕES DA MUSICOTERAPIA.....</b>	<b>41</b>
2.9.1.	Musicoterapia aplicada à Educação Especial .....	42
2.9.2.	Musicoterapia aplicada aos Transtornos Neurológicos.....	45
2.9.2.1.	Paralisia Cerebral.....	46
2.9.2.2.	Epilepsia .....	48
2.9.2.3.	Síndrome de Rett .....	49
2.9.3.	Musicoterapia aplicada às Deficiências Físicas.....	50
2.9.3.1.	Distrofia Muscular .....	51
2.9.4.	Musicoterapia aplicada às Deficiências Mentais.....	52
2.9.4.1.	Síndrome Alcoólico Fetal.....	55
2.9.5.	Musicoterapia aplicada ao Autismo .....	57
<b>3.</b>	<b>NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS .....</b>	<b>60</b>
<b>3.1.</b>	<b>TIPOS DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS .....</b>	<b>63</b>
3.1.1.	NEE Permanente.....	63
3.1.1.1.	NEE de carácter Processológico.....	64
3.1.1.2.	NEE de carácter Emocional.....	65

3.1.1.3. NEE de carácter Motor .....	65
3.1.1.4. NEE de carácter Sensorial .....	65
3.1.2. NEE Temporárias .....	66
<b>PARTE III – ESTUDO EMPÍRICO.....</b>	<b>67</b>
<b>1. MÉTODO .....</b>	<b>67</b>
<b>1.1. OPÇÃO METODOLÓGICA .....</b>	<b>67</b>
<b>1.2. PARTICIPANTES .....</b>	<b>69</b>
<b>1.3. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....</b>	<b>69</b>
1.3.1. Identificação de Características Pessoais .....	69
<b>1.4. TÉCNICA E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS .....</b>	<b>76</b>
1.4.1. Análise Documental .....	77
1.4.2. Entrevista .....	77
1.4.2.1. Guião da Entrevista .....	78
1.4.2.2. Procedimentos durante a Entrevista .....	79
1.4.2.3. Técnica e Análise da Entrevista .....	79
1.4.2.4. Justificação do Sistema de Categorias.....	80
1.4.3. Observação Não Participante .....	83
1.4.4. Sessões de Observação .....	84
1.4.4.1. Observação na Sala de Aula Normal.....	85
1.4.4.2. Observação na Sala de Aula – Música .....	88
1.4.4.3. Observação de Snoezelen - Relaxamento.....	89
1.4.5. Calendarização.....	91
1.4.6. Reacções da amostra aquando a audição de diferentes Géneros Musicais.	91
<b>1.5. PROCEDIMENTO .....</b>	<b>92</b>
<b>1.6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO .....</b>	<b>94</b>
<b>PARTE IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>95</b>
<b>1. EMOÇÕES COM MÚSICA .....</b>	<b>95</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>105</b>
<b>REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXOS</b>	

# ÍNDICE DE FIGURAS

---

FIGURA 1: ORIGINALIDADE DA PESSOA - VAYER & RONCIN (1992) .....	70
---	----

## ÍNDICE DE QUADROS

---

QUADRO 1: QUALIDADES TERAPÊUTICAS DA MÚSICA – RODRIGO (2008) .....	27
QUADRO 2: OBJECTIVOS DA MUSICOTERAPIA – RODRIGO (2008) .....	27
QUADRO 3: MODALIDADES DE TRATAMENTO – RODRIGO (2008) .....	31
QUADRO 4: CARACTERÍSTICAS DO SOM – SOUSA (2005).....	39
QUADRO 5: DIFERENÇAS ENTRE MUSICOTERAPIA E EDUCAÇÃO MUSICAL – (PROGRAMA DE FORMAÇÃO PARA MEDIADORES EM MUSICOTERAPIA Y DISCAPACIDAD “MUSICOTERAPIA 2002” LIBRO DE PONENCIAS, P. 57, CITADO POR PADILHA, 2008, PP.58 E 59).....	40
QUADRO 6: DIFERENÇAS ENTRE NEE E EE – GALLARDO Y GALLEGO (1993) CITADO POR JIMÉNEZ (1997) .....	62
QUADRO 7: REACÇÕES DAS AMOSTRAS FACE A DIFERENTES GÉNEROS MUSICAIS .....	92

# ÍNDICE DE GRÁFICOS

---

GRÁFICO 1: NÍVEL EMOCIONAL CONTEXTO SALA DE AULA (7 DE FEVEREIRO DE 2011 E 21 DE JUNHO DE 2011) .....	86
GRÁFICO 2: NÍVEL COMPORTAMENTAL CONTEXTO SALA DE AULA (7 DE FEVEREIRO DE 2011 E 21 DE JUNHO DE 2011) .....	87
GRÁFICO 3: INTERACÇÃO CONTEXTO SALA DE AULA (7 DE FEVEREIRO DE 2011 E 21 DE JUNHO DE 2011) .....	87
GRÁFICO 4: NÍVEL EMOCIONAL CONTEXTO SALA DE AULA – MÚSICA (6 DE JUNHO DE 2011).....	88
GRÁFICO 5: NÍVEL COMPORTAMENTAL CONTEXTO SALA DE AULA - MÚSICA (6 DE JUNHO DE 2011).....	89
GRÁFICO 6: INTERACÇÃO CONTEXTO SALA DE AULA - MÚSICA (6 DE JUNHO DE 2011)..	89
GRÁFICO 7: NÍVEL EMOCIONAL CONTEXTO SALA DE SNOEZELLEN (17 DE JANEIRO E 14 DE FEVEREIRO DE 2011) .....	90
GRÁFICO 8: NÍVEL COMPORTAMENTAL CONTEXTO SALA DE SNOEZELLEN (17 DE JANEIRO E 14 DE FEVEREIRO DE 2011) .....	90
GRÁFICO 9: INTERACÇÃO CONTEXTO SALA DE SNOEZELLEN (17 DE JANEIRO E 14 DE FEVEREIRO DE 2011) .....	91
GRÁFICO 10: NÍVEL EMOCIONAL (DE 17 DE JANEIRO DE 2011 A 21 DE JUNHO DE 2011). 96	
GRÁFICO 11: NÍVEL COMPORTAMENTAL (DE 17 DE JANEIRO DE 2011 A 21 DE JUNHO DE 2011).....	99
GRÁFICO 12: INTERACÇÃO – RELAÇÃO SOCIAL E DE APROXIMAÇÃO COM OS OUTROS EM AMBIENTE/ CONTEXTO MUSICAL (DE 17 DE JANEIRO DE 2011 A 21 DE JUNHO DE 2011).....	101

## LISTA DE ABREVIATURAS

---

APA	Associação Psiquiátrica Americana
ATA	Associação Americana de Musicoterapia
CIF	Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde
DM	Deficiência Mental
EE	Educação Especial
EM	Educação Musical
LSBE	Lei de Bases do Sistema Educativo
ME	Ministério da Educação
NAMT	National Association for Music Therapy
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCE	Paralisia Cerebral Espástica
PEE	Professor de Educação Especial
PEM	Professores de Educação Musical
QI	Quociente de Inteligência
SA	Sala de Aula
SAM	Sala de Aula – Música
SS	Sala de Snoezelen
TO	Terapeuta Ocupacional

# INTRODUÇÃO

---

A música esteve presente desde a pré-história, sendo descoberta através do estudo de lugares arqueológicos onde foi possível ter uma percepção do seu desenvolvimento nos primeiros seres humanos. Assim, a descoberta da arte rupestre em cavernas, através da apresentação de figuras que parecem cantar, dançar ou tocar instrumentos, permite-nos ter uma vaga ideia do desenvolvimento da música ao longo dos tempos. Esta apresenta-se como domínio artístico e enquadra-se em diversas formas de manifestação, expressa e protagonizada por diferentes grupos e classes sociais em múltiplos contextos, circunstâncias e acontecimentos da vida pessoal, familiar, social e política dos povos.

A Música, ao fazer parte da nossa História, vai-se construindo ao longo do tempo, fazendo parte do nosso processo dinâmico de identidade e agindo sobre a cultura que lhe dá forma. Deste modo, ela tem significado para cada pessoa na medida em que se vincula à experiência vivida, passada e/ou presente, condizendo com o que é vivido e experimentado.

A Música é uma das mais fantásticas e profundas experiências humanas. É produto humano, portanto da sua lavra, sendo desta maneira criada pelo homem e dirigida a ele, pois faz parte da sua Vida e acompanha-o ao longo do seu crescimento e desenvolvimento, através de um ritmo biológico inato, dos sons do meio ambiente, da indústria musical, enfim, de uma amplitude sonora universal. Tanto se dirige à criança como ao adulto e ao seu corpo, à sua inteligência e, entre outras, às suas emoções. É raro, para não dizer muito difícil, que haja qualquer pessoa que não tenha uma melodia, uma música ou uma canção que não lhe evoque sentimentos, sensações ou estados de ânimos diferentes.

A Música é por si mesma uma experiência que nos afecta, consciente ou inconscientemente, e possui uma força de evocação extraordinária, mesmo nos indivíduos considerados não-musicais.

Advindo da estruturação de um conhecimento mais profundo sobre a temática, assistimos de umas décadas a este tempo, à manifesta importância dada à Música como

Arte, Disciplina Curricular ou Actividade de Enriquecimento do Currículo, dos Programas Educativos Nacionais, inclusivamente no da Educação Especial.<sup>1</sup>

A música, cujo efeito sobre a mente é inegável, e é muito utilizada em técnicas de relaxamento, apresenta a vantagem de ser muito apreciada pelas crianças com Necessidades Educativas Especiais<sup>2</sup> e, por isso, a Educação Musical e a Musicoterapia são técnicas de aproximação com estas crianças. As experiências musicais que permitem uma participação activa (ver, ouvir, tocar) favorecem o desenvolvimento dos sentidos das crianças. Ao trabalhar com os sons, ela desenvolve a acuidade auditiva, ao acompanhar gestos ou dançar, ela trabalha a coordenação motora, o ritmo e a atenção; ao cantar ou imitar sons, ela descobre as suas capacidades e estabelece relações com o ambiente em que vive.

Neste sentido, a educação musical tem como objectivo sensibilizar e desenvolver integralmente o aluno e elucidá-lo sobre o conhecimento e prazer musical. Já a musicoterapia tende a ajudar, atender ou tratar um indivíduo, utilizando a música para contribuir ou favorecer o processo de recuperação psicofísica das pessoas.

Deste modo, a musicoterapia tem como principal objectivo trabalhar todo um conjunto de sons de forma a produzir efeitos biológicos desejados e eliminar patologias ou dificuldades. Os sons podem causar vários efeitos no organismo, que podemos resumir em: Stress, Ansiedade ou raiva; Angústia e depressão; Alegria e emoção; Relaxação e equilíbrio psíquico.

A nossa sociedade costuma padronizar as pessoas como “normais”, quando se comportam todas de forma igual, e muitas vezes evita as que pareçam “anormais” ou diferentes da maioria das pessoas conhecidas. As crianças com NEE apresentam distúrbios no desenvolvimento cognitivo, motor, relacionados com a dificuldade de comunicação e interacção social, contudo, podem apresentar incríveis habilidades motoras, musicais, de cálculo matemático complexo, de memória, e outras.

---

<sup>1</sup> “A Educação Especial era dirigida a um tipo de alunos possuidores de algum *défi*ce ou *handicap* que os apresentava como diferentes dos restantes alunos considerados normais” (Jiménez, Rafael, 1997. *Necessidades Educativas Especiais*, p.9).

<sup>2</sup> Expressão criada em 7 de Junho de 1994, na Declaração de Salamanca, referindo-se a “todas as crianças e jovens cujas carências se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares” (Declaração de Salamanca, 1994, p.4).

No decorrer do tempo, no percurso da história do Sistema Educativo Português, o reconhecimento do valor da Música na formação e educação dos cidadãos foi oficializado através da Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro de 1986, (Lei de Bases do Sistema Educativo – LBSE), onde todos os currículos – desde o Ensino Especial, Pré-Escolar, Ensino Básico, Secundário e Superior – passaram a integrar áreas disciplinares com competências de “(...) desenvolver capacidades de expressão e comunicação, (...) desenvolver a imaginação criativa e sensibilizar para a actividade lúdica, (...) promover a educação artística de modo a estimular aptidões, (...) assegurar às crianças com necessidades educativas especiais (...) condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades” (LDSE, 1986, artigos 5º e 7º).

Apresentamos neste estudo uma abordagem teórica acerca da Educação Musical e Musicoterapia, assim como percebermos em que medida a Educação Musical e a Musicoterapia poderão contribuir para um melhor apoio a prestar às crianças com NEE. Mais do que conceitos e conteúdos musicais, importa-nos explorar, através da “Educação Musical / Musicoterapia”, técnicas terapêuticas de integração que permitam estimular os alunos, nomeadamente os que apresentam NEE.

Assim sendo, o problema em estudo permite-nos formular uma questão primordial:

***- Em que medida as aprendizagens da Educação Musical e a utilização de técnicas terapêuticas beneficiarão o desenvolvimento cognitivo, comportamental e emocional de um aluno com Necessidades Educativas Especiais?***

A reflexão sobre estas inquietudes abarca incógnitas pessoais e profissionais e conduziu à análise de uma vasta bibliografia e à composição, em quatro partes, de uma tese que se pretende objectiva perante a problemática exposta. Considerando todos estes pressupostos, especificamos com mais pormenor o conteúdo dessas mesmas partes.

A primeira parte refere-se ao *Enquadramento do Estudo*, onde são apresentados a respectiva pertinência, o problema da investigação, a questão investigadora e os objectivos definidos para a mesma.

A segunda parte, sob a designação de *Módulo Conceptual*, faz a exposição de todo o enquadramento teórico necessário ao estudo. Esta parte encontra-se dividida em

três pontos principais, nomeadamente: *Educação Musical*, *Musicoterapia* e, finalmente, *Necessidades Educativas Especiais*.

Na terceira parte, intitulada *Estudo Empírico*, considera-se o método e os materiais utilizados para a realização deste estudo. Aqui justifica-se a opção metodológica, as técnicas, os instrumentos de recolha e a análise de dados. Procede-se ainda à apresentação dos participantes e a uma caracterização da amostra do estudo. Está ainda patenteada nesta parte, a descrição de todos os procedimentos necessários à concretização e aplicação e, finalmente, a referência a algumas limitações do estudo.

No que concerne à quarta parte – *Apresentação e Discussão dos Resultados* – apresenta-se uma análise de conteúdos das entrevistas e de todos os dados e informações recolhidas durante o período de observação do investigador.

Segue-se a *Conclusão*, onde procuramos expor os aspectos mais pertinentes do nosso estudo, apresentando de forma sucinta as conclusões mais relevantes do trabalho, reportadas ao enquadramento do mesmo.

Posteriormente, as *Referências Bibliográficas* utilizadas ou consultadas para a investigação e, por fim, os *Anexos*.

# PARTE I – ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

---

## 1. Pertinência do Estudo

---

*“A música cria imagens mentais, fantasias num mundo imaginário, sendo ao mesmo tempo uma actividade concreta, positiva, com as suas leis físicas, lógicas em domínios muito variados. Estes são alguns atributos da música que lhe dão um carácter terapêutico, mas o principal é o ser a música uma linguagem não-verbal e um meio único de comunicação”* (Juliette Alvin, 1973, citado por Sousa, 2005, p. 125).

Ao longo do nosso percurso profissional encontrámos duas paixões: a Medicina como terapia e a Música. Nesse sentido, optámos por realizar um trabalho onde pudéssemos conjugar estas duas artes. Tendo como área de formação académica, a Música, e sendo docente de Educação Musical, a investigação e a intervenção pedagógica neste domínio foi sempre o nosso grande propósito. Assim nasceu o tema do projecto agora desenvolvido: *Terapia da Música e do Som em crianças com NEE*.

A opção por investigar esta temática prende-se com os atributos da Música, que lhe dão um carácter terapêutico mas, sobretudo, com o facto de a Música ser uma linguagem não-verbal e um interessante meio de comunicação. Torna-se importante levar os alunos a entrarem em contacto com as diversas formas de comunicação. Ao possibilitar a comunicação, a Música pode contribuir para o desenvolvimento da criança ou do adolescente, uma vez que possui um indispensável poder ou efeito sobre a mente sendo, por isso, muito utilizada como técnica de relaxamento.

Analisando o conteúdo deste tema, podemos entender a Educação Musical como uma estratégia de sociabilização e de integração já que, através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida. De facto, através da música, as crianças são mais capazes de desenvolver e sustentar a sua imaginação e criatividade. A musicoterapia permite às crianças com NEE uma participação activa, uma vez que ouvem, vêem e tocam, favorecendo o desenvolvimento dos seus sentidos.

Sendo a música considerada uma linguagem universal, com capacidades para transcender as emoções próprias do ser humano, abordamos a música no seu carácter terapêutico, uma vez que abrange dimensões físicas, mentais, psicológicas, sociais e

espirituais. Referimo-nos ao seu papel de estimular o bem-estar de forma activa e adaptada às circunstâncias de cada um; e aos objectivos da musicoterapia, como estimular o desenvolvimento motor e cognitivo, o pensamento e a reflexão, as habilidades comunicativas, de interacção e sociais.

Assim, assentes na recente alteração da legislação (Decreto-lei n.º 3/2008) e no facto de a nossa amostra ser constituída por um grupo de quatro alunos com NEE - uma vez que a lei remete para o “planeamento de um sistema de educação flexível (...) que permita responder à diversidade de características e necessidades de todos os alunos” (Decreto-Lei n.º 3/2008) - foi nossa intenção neste estudo, através da Educação Musical e/ou Musicoterapia, veicular benefícios a todos os alunos com NEE, podendo assim, usufruir desta área disciplinar, aplicada e desenvolvida através de intervenções interdisciplinares que, com base no modelo de ensino estruturado, facilitem os processos de aprendizagem, de autonomia e de adaptação ao contexto escolar, conforme o que é preconizado no Decreto-Lei.

De qualquer forma, a escolha tem por detrás razões e valores fundamentais, como os valores sentimentais, que são fruto da nossa convivência quotidiana com os alunos, e os da preocupação como docente.

Por sentirmos necessidade e dificuldade em definir estratégias e implementá-las, principalmente quando esta problemática exige muita dedicação e apoio individual, pretendemos desenvolver uma investigação que envolva uma situação terapêutica com vista a alcançar novos estímulos e benefícios e que seja um recurso pedagógico no processo ensino-aprendizagem.

Para o desenvolvimento e sucesso do nosso projecto, optámos por fazer incidir mais atenção nas crianças que apresentam comportamentos perturbadores, debilitando o normal desenrolar das aulas; alunos estes, a quem foram diagnosticadas perturbações ao nível de: Espectro do Autismo, Síndrome Alcoólico Fetal, Paralisia Cerebral, nomeadamente com Distonia dos membros, Epilepsia, Atraso cognitivo global, Estereótipos – descrição clínica compatível com Doença de Rett. Procuraremos perceber em que medida a Educação Musical e a Musicoterapia podem desenvolver potências e/ou restabelecer funções do indivíduo, para que alcance uma melhor organização intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida.

Desta feita, o problema de investigação fundamentou-se na caracterização – através de observações e entrevistas – das atitudes e dos comportamentos de socialização, em alunos com NEE, durante diferentes actividades propostas nas aulas de Educação Musical, nas aulas normais e nas aulas de Snoezelen, apoiados por uma terapeuta.

No entanto, é de salientar que este estudo tem como alicerce os princípios da Educação Especial, nomeadamente “promover a aprendizagem e a participação dos alunos” (Decreto-Lei n.º 3/2008, artigo 16.º ponto 1), assim como “dar apoio pedagógico personalizado” (Decreto-Lei n.º 3/2008, artigo 17.º), ou “proceder às adequações curriculares necessárias” (Decreto-Lei n.º 3/2008, artigo 18.º ponto 2).

## 2. A questão de Investigação

---

*“A complexidade ou multidimensionalidade da realidade social põe a relevo a insuficiência da aproximação unicamente empírica. Nenhuma investigação pode abarcar a totalidade das dimensões e níveis da realidade social, a qual está em constante transformação.”* (Gordo López & Serrano Pascual, 2008, p. 16).

Considerando a opinião dos autores, julgamos pertinente organizar os dados em causa de forma lógica, nomeadamente a questão de investigação e os objectivos.

As questões orientadoras relativas à investigação:

**A Música, enquanto terapia altera os comportamentos de forma a contribuir para a transmissão de mensagens, emoções e comunicação?**

**De que forma a Música tem uma função terapêutica?**

**O som tem repercussão no corpo e a música envolve movimento?**

**A Música tem uma função terapêutica nos processos comportamentais e estados emocionais?**

**A Musicoterapia contribui para o desenvolvimento do comportamento das crianças?**

**A prática da Educação Musical contribui para a coesão e integração do grupo?**

### **3. Definição dos Objectivos**

---

A fim de compor o repertório desta investigação e de exprimi-la de forma consistente e restrita, a formulação de objectivos de investigação tornou-se como que uma cadência musical para a estrutura desta investigação. Uma vez que pretende analisar de que forma a Educação Musical e/ou a Musicoterapia, em contexto educativo, podem contribuir para dinamizar áreas de competências associadas à comunicabilidade, capacidade relacional e imaginação das crianças com NEE. Desta forma, definiram-se os seguintes objectivos:

#### **3.1.Objectivo Geral**

---

A nossa investigação tem como intuito identificar através da música novos estímulos e benefícios nas crianças com perturbações, capazes de contribuir para a modificação do seu “EU”, reeducando-o para as suas reais possibilidades.

#### **3.2.Objectivos Específicos**

---

Para compor o repertório desta investigação de forma mais precisa, evidenciou-se a conveniência de elaborar objectivos menos abrangentes. Desta forma, partindo da divisão lógica do objectivo principal, foram desenvolvidos os seguintes objectivos específicos:

- I. Analisar a contribuição da Musicoterapia para o desenvolvimento de comportamentos;
- II. Sensibilizar e estimular as crianças para a Música enquanto factor capaz de contribuir para a educação das crianças;
- III. Utilizar estratégias de Musicoterapia para a estrutura de comportamentos de Controlo da atenção/concentração em crianças.
- IV. Compreender de que modo a utilização deste instrumento de intervenção contribui para a evolução nos processos comportamentais e estados emocionais.
- V. Determinar de que modo, a Educação Musical e /ou a Musicoterapia, estimula e promove a aprendizagem e a participação dos alunos com NEE.

## PARTE II – MÓDULO CONCEPTUAL

---

### 1. Educação Musical

---

*“A música ambiente deveria ser usada desde a mais tenra infância em casa e na sala de aula” (Cury, 2005, p. 122).*

#### 1.1. Reconhecimento do Conceito

---

A constante evolução do nosso mundo, a par da mutação das sociedades, tem conferido à Educação Musical um valor intrínseco na formação e educação das crianças e adolescentes, uma vez que “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento pessoal, social e cultural do aluno” (ME, 2001, p. 149). Transformações sociais, económicas, culturais, políticas e tecnológicas, aliadas ao aperfeiçoamento de todas as correntes psico-pedagógicas musicais e estudo científicos, consentem à EM grande mérito no desenvolvimento e equilíbrio estruturante do indivíduo, estabelecendo-se processos diversificados de apropriação de sentidos, de técnicas, de experiências de reprodução, de criação e reflexão. A EM deve acompanhar a criança em todo o seu processo de crescimento, desde o Jardim-de-Infância até níveis de educação superior adaptando-se, em cada momento, às suas capacidades e interesses.

*“Antigamente, a educação buscava formar crianças e jovens para um futuro já conhecido, mas hoje não sabemos para que futuro preparamos as pessoas – daí a importância de ampliarmos a sensibilidade do aluno” (Camargo, 2002, p. 9).*

Educação Musical é a educação que abre ao indivíduo o acesso à música enquanto arte, linguagem e conhecimentos. A EM, assim como a educação geral e plena do indivíduo, acontece “assistemáticamente” na sociedade, por meio, principalmente, da indústria cultural e do folclore e, sistematicamente, na escola, de forma a musicalizar o indivíduo que compreenda o que ouve ou executa. “A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os sinais do quotidiano. Desta forma, ela contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflecte-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento” (ME, 2001, p. 149).

Contudo, o efeito da educação artística está vinculado aos meios e processos de ensino-aprendizagem utilizados pelo professor de EM, num processo de integração que proporciona ocasiões únicas para o desenvolvimento de qualidades pessoais como a expressão criativa natural, os valores sociais e morais e a auto-estima. O professor de EM consegue grande mérito no desenvolvimento e equilíbrio estruturante do indivíduo através das semelhanças entre as propriedades dinâmicas da Música e as do ser humano: **ritmo, timbre, dinâmica, forma e altura.**

Para Pierre Van Hauwe, a criatividade do professor depende do seu coração e não das teorias que leu em livros durante a sua formação académica universitária (Pierre Van Hauwe, citado por Rodrigues, 1999). Já na teoria de aprendizagem de Gordon, este sublinha que “o mais importante não é como se deve ensinar as crianças, mas como é que elas aprendem, em que momento estão ou não preparadas para aprenderem um determinado conteúdo, qual será a sequência de aprendizagem adequada”. Só assim todos, alunos e professor, ficarão satisfeitos com o seu desempenho.

Diversas experiências em EM aconteceram em diferentes partes do mundo, principalmente no século XX. Consequentemente, as concepções e propostas dos pedagogos musicais como Pierre van Hauwe, Edwin E. Gordon, Carl Orff, Edgar Willems, Zoltán Kodály, Suzuki, Villa-Lobos, Willems e Jos Wuytack, partilham “a crença no valor intrínseco e educativo da música, a acessibilidade da música a todas as crianças, independentemente do seu grau de aptidão musical, e a necessidade de uma pedagogia centrada na criança, partindo dos seus interesses e nível de desenvolvimento psicológico” (Palheiros, 1999, p.4). Mesmo que a concepção destas propostas não esteja directamente planeada para crianças e adolescentes com NEE, a habilidade do professor criativo torna-o capaz de adaptá-las à feição de cada interveniente, fazendo a diferenciação dos seus níveis de habilidade, visando sempre o desenvolvimento da musicalidade, mesmo porque a função da música nas escolas apresenta algumas variantes: música como prazer ou divertimento; música e educação como lazer; música visando a transferência de aprendizagem; música como meio de integração das disciplinas; música como um agente de sociabilização; música como herança cultural; música como auto-expressão ou expressão das emoções; música como linguagem; música como uma forma única de conhecimento e música como educação estética.

## 1.2.O Currículo da Educação Musical

---

*“Estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, desenvolvimento que implica favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas” (ME, 1997, p. 18).*

Em Portugal, com a homologação da Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro de 1986, estabeleceu-se o quadro geral do Sistema Educativo Português (artigo 1.º, ponto n.º 1) que desenvolve um conjunto organizado de estruturas e de acções diversificadas (artigo 1.º, ponto número 3), entre as quais o direito à educação e à cultura (artigo 2.º, ponto n.º 1), visando esta “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses, que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética” (artigo 7.º, alínea a), e ainda “promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios” (artigo 7.º, alínea c) e propondo “assegurar às crianças com necessidades educativas específicas [...] condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades” (artigo 7.º, alínea j).

Neste documento, foram enunciados todos os currículos - Educação Pré-escolar, Ensino Básico, Secundário, Superior e as Modalidades especiais de Educação Escolar - incluindo a Educação Especial, e a Educação extra-escolar, passando a integrar áreas disciplinares com a competência de “(...) desenvolver as capacidades de expressão e comunicação, (...) desenvolver a imaginação e a criatividade, (...) promover a melhor orientação e encaminhamento da criança, (...) promover a educação artística de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética (...), assegurar às crianças com necessidades educativas específicas (...) condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades, (...) facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais e possibilitar o aperfeiçoamento da sua expressão artística” (artigos 5.º, 7.º e 9.º, da LBSE). Porém, o reconhecimento oficial da EM apenas é homologado pelo Despacho n.º 139/ME/90, de 16 de Agosto, onde lhe é atribuído valor essencial na educação e formação do indivíduo, passando a ser obrigatória no Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Básico e opcional do Terceiro Ciclo.

“As competências específicas estão pensadas no sentido de providenciar práticas artísticas diferenciadas e adequadas aos diferentes contextos onde se exerce a acção educativa, de forma a possibilitar a construção e o desenvolvimento da literacia musical (...)” (ME, 2001, p.165). Neste sentido, as competências a desenvolver pelo professor constroem-se de forma a potenciar, através da prática artística, a compreensão e as interpelações entre a música na escola, na sala de aula, por um lado, e as músicas presentes nos quotidianos dos alunos e das comunidades, por outro; competências estas que envolvem a criança, o jovem, o pensamento, a sociedade e a cultura, possibilitando a construção de um pensamento complexo.

*“As artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida. [...] Ao longo da educação básica, o aluno deve ter oportunidade de vivenciar aprendizagens diversificadas conducentes ao desenvolvimento das competências artísticas e, simultaneamente, ao fortalecimento da sua construção identitária”* (ME, 2001, pp.149 e 150).

### **1.3.A importância da Educação Musical**

---

*“A música é um importante factor na aprendizagem, pois a criança, desde pequena já ouve música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir, nas chamadas “cantigas de mamar”. Na aprendizagem é muito importante, pois o aluno convive com ela desde muito pequeno”*  
(Faria, 2001, citado por Ongaro & Silva, p.2).

A educação deve ser vista como um processo global, progressivo e permanente, que necessita de diversas formas de estudos para o seu aperfeiçoamento pois, em qualquer meio, haverá sempre diferenças individuais, diversidade das condições ambientais de que são originários os alunos, que necessitam de um tratamento diferenciado. Neste sentido, os professores devem desenvolver e estimular os alunos com a música em sala de aula, mostrando a importância da música em cada época, trazendo a vivência de várias culturas, aprendendo a sua história e o seu significado, sendo utilizada no processo ensino aprendizagem.

A música desenvolveu na educação um importante papel, sendo afirmado por Weigel (1988) e Barreto (2000) que essa actividade pode contribuir de maneira

indelével como reforço no desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e sócio-afectivo da criança” (Weigel & Barreto citado por Chiarelli, 2005, p. 2). Uma vez que a musicalização é um processo de construção do conhecimento, é importante educar o ouvido para activar nas crianças o gosto e sensibilidade musical.

Em continuidade com Brécia (2003), segundo o qual “a musicalização tem como objectivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, auto-disciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afectividade, também contribuindo para uma efectiva consciência corporal e de movimentação”, Weigel (1988) e Barreto (2000), apontam alguns aspectos fundamentais para a contribuição do desenvolvimento da criança, nomeadamente o desenvolvimento cognitivo/linguístico, (“fontes de conhecimento da criança são situações que ela tem oportunidade de experimentar (...), as experiências rítmico musicais permitem uma participação activa (...), favorecem o desenvolvimento dos sentidos (...), desenvolvem sua acuidade auditiva (...), trabalham a coordenação motora e a atenção...”)”; o desenvolvimento psicomotor (“as actividades musicais oferecem inúmeras oportunidades para que a criança aprimore sua habilidade motora, aprenda a controlar seus músculos e mova-se com desenvoltura...”)”; e o desenvolvimento sócio-afectivo (“A criança aos poucos vai formando sua identidade, percebendo-se diferente dos outros e ao mesmo tempo buscando integrar-se com os outros” - Brécia, Weigel & Barreto citado por Chiarelli, 2005, pp.2 e 3).

Uma vez que a função da escola é preparar os jovens para o futuro, para a vida adulta e as suas responsabilidades, esta deve criar um ambiente acolhedor, amistoso, proporcionando uma atmosfera mais receptiva à chegada dos alunos, oferecendo um efeito calmante após períodos de actividade física, reduzindo a tensão em momentos de avaliação e utilizada como recurso na aprendizagem de diversas disciplinas. A música é um benefício para a formação, pois pode contribuir para tornar o ambiente mais alegre e favorável à aprendizagem. “Propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente” (Snyders, 1992, p.14).

*“A música clássica desacelera os seus pensamentos e estabiliza a sua emoção”*

(Cury, 2004, p. 121).

A música e os efeitos da música ambiente na sala de aula são extraordinários, tornando os objectivos desta técnica cada vez mais aproveitáveis, já que desenvolve o prazer de aprender, educa a emoção, desacelera o pensamento, melhora a concentração, alivia a ansiedade, propicia o desenvolvimento sensorial, permite elevação da auto-estima e ajuda a aprimorar a organização da mente.

Uma pesquisa realizada por cientistas da Universidade de Toronto, no Canadá, comprovou que “os recém-nascidos expostos a uma melodia serena permanecem tranquilos”. Mas Britto (2006) acrescenta ainda que “a influência da música vai muito além de acalmar ou agitar os bebês e crianças”, pois são necessários “estímulos para colocar essa inteligência em prática, aumentando as conexões entre os neurónios”, tornando “mais brilhante o ser humano” (Britto, 2006, p. 35). De acordo com Santos, algumas pesquisas revelam “que o desenvolvimento da inteligência é bem maior nas crianças cujas mães cantavam para os seus bebês, enquanto eles ainda estavam no útero” (Santos cit. por Consoni, 1997, p. 3).

Neste sentido, sendo a música importante para o desenvolvimento de estímulos no ser humano, torna-se indispensável a sua utilização na aprendizagem de crianças com NEE, já que “crianças mentalmente deficientes e autistas geralmente reagem à música, quando tudo o mais falhou. A música é um veículo expressivo geralmente para o alívio da tensão emocional, superando dificuldades de fala e de linguagem. A terapia musical foi usada também para melhorar a coordenação motora nos casos de paralisia cerebral e distrofia muscular. Também é usada para ensinar controlo de respiração e de dicção nos casos em que existe distúrbio da fala” (Bréscia, 2003, p.50).

## 2. Musicoterapia

---

*“J. C. nasceu prematuro. Como todas as crianças prematuras, não teve tempo para se encaixar no colo uterino e ficar um mês quietinho, preparando-se para as turbulências da vida... Desenvolveu uma ansiedade intensa... a música clássica desacelerava os seus pensamentos e estabilizava a sua emoção”*

(Cury, 2005, p. 120).

### 2.1. Definição da Musicoterapia

---

Vivemos rodeados por um meio ambiente preenchido com som, provocado pelos movimentos da natureza, por fenómenos físicos de natureza vibratória e conseguido através dos actos dos seres humanos.

A música tem importância na vida do homem pois, para nós, humanos, o som produzido pela música é a imagem auditiva do que nos rodeia, é o modo de sensibilizar a alma que, por intermédio da melodia, altera o nosso estado de espírito proporcionando-nos momentos de satisfação, beleza; suscita emoções, inspirações; traz recordações à consciência, cura a alma e embala sonhos. Todos nós sabemos reconhecer as dinâmicas da música, sobretudo precisar se uma canção nos parece “triste” ou “alegre”.

De acordo com a definição da FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA (WFMT), “a Musicoterapia é a utilização da música e/ou de seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia), num processo sistematizado de forma a facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e organização de processos psíquicos de um ou mais indivíduos em ordem à recuperação das suas funções (mentais, físicas ou emocionais), no desenvolvimento do seu potencial e na aquisição de uma melhor qualidade de vida”.

A musicoterapia é a utilização da música como terapia, é o recurso às estruturas musicais<sup>3</sup>, utilizadas por um musicoterapeuta qualificado que ajuda a promover o desenvolvimento de potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo, através da

---

<sup>3</sup> Melodia, ritmo, harmonia, timbre, intensidade.

prevenção, reabilitação ou tratamento, com o objectivo de conservar a saúde, a felicidade e o conforto do homem.

Segundo Rodrigo (2008, p. 17), “a musicoterapia é um processo dirigido a um fim, em que o terapeuta ajuda a acrescentar, manter ou restaurar um estado de bem-estar, utilizando experiências musicais” sendo que “as relações desenrolam-se através delas, como fortes dinâmicas de mudança”.

A intervenção envolve actividades musicais que podem ser feitas individualmente ou em grupo, num processo planificado e continuado no tempo, organizado com a intenção de expandir o desenvolvimento e a cura durante o tratamento e colocado em prática por profissionais. O processo de envolvimento mútuo entre som/ser humano destina-se especialmente a pessoas com diversas problemáticas, não dependendo de qualquer faixa etária (idosos, adultos, adolescentes), em instituições de saúde física e mental, de educação, de intervenção comunitária e reabilitação.

Tal como defende Bruscia (1997, cap. 4), “a musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a obter mais saúde, utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança”.

O objectivo principal é ajudar o indivíduo a alcançar a saúde e qualidade de vida, exercendo impacto sobre o “eu” do doente e provocando efeitos biológicos desejados e eliminando patologias ou dificuldades, uma vez que a musicoterapia não é apenas uma disciplina paramédica que utiliza o som, a música e o movimento para originar efeitos positivos nas pessoas. Os sons podem causar vários efeitos no organismo como: “stress, ansiedade ou raiva; angústia e depressão; alegria e emoção; relaxação e equilíbrio psíquico” (Santos *et al.*, 2011).

*“A musicoterapia é uma arte e uma ciência com arte. (...) Mas, acima de tudo, a musicoterapia é um caminho descoberto, ao longo do processo terapêutico da música, que explora a dimensão humana em toda sua complexidade para abrir canais de comunicação e cuja ramificação tem possibilitado novas e sólidas perspectivas de intervenção”*

(Rodrigo, 1998, p. 18).

## 2.2.História da Musicoterapia

---

Há evidências de que a música é conhecida e praticada desde a pré-história. Os sons da natureza terão despertado no homem, através do sentido auditivo, a necessidade ou vontade de uma actividade que se baseasse na organização de sons, uma vez que os sons são usados de várias maneiras, especialmente para comunicação através da fala ou música. A percepção do som/música é usada para provocar estímulos, produzindo no indivíduo que escuta ou executa uma gama de sensações e efeitos que se expressam em sentimentos de amor, ódio, tristeza, alegria, desespero, medo, angústia, imaginação, e desenvolve a atenção, a meditação e reflexão, a capacidade criadora. Por isso, a música facilita a aprendizagem e ajuda a manter em actividade os neurónios cerebrais.

A influência da música no comportamento do homem é conhecida desde a Antiguidade e foi mesmo tema de reflexão nas obras de vários filósofos gregos. Os próprios Aristóteles e Platão “consideravam que a música provocava reacções nas pessoas e que, por exemplo, determinada escala devia ser ouvida pelos guerreiros, para que estes ficassem mais agressivos e corajosos”. Defendiam ainda, que “o uso racional da música ajudava a prevenir e curar enfermidades (Rodrigo, 2008, p. 19)”.

Rodrigo (2008, p. 19) refere ainda que “a utilização da música como elemento produtor de mudanças nas pessoas remonta ao Egipto antigo, onde, em 1500 a.c., os papiros recomendavam o uso da música para curar a infertilidade das mulheres”. Também na China antiga, “atribuíram virtudes terapêuticas a uma série de notas musicais relacionadas com órgãos específicos do corpo.”

Foram muitos os pensadores que seguiram esta linha de raciocínio ao longo da história, atribuindo à música outros benefícios para além do seu cariz religioso e de entretenimento. O uso da música como método terapêutico, só começou a ser utilizado, na prática, depois da II Guerra Mundial, nos Estados Unidos, com experiências realizadas com os veteranos, que evidenciaram melhorias significativas relativamente a traumas físicos e psíquicos. A descoberta de uma disciplina que utilizava, com sucesso, o som para fins terapêuticos e profilácticos foi uma coisa espantosa na altura e concluiu-se que era necessário mais pesquisa e, porque não, a profissionalização, sendo a musicoterapia conhecida desde meados do século XX, quando se criou, em 1944 na Universidad de Michigan, o primeiro curso universitário de musicoterapia, destinado à

formação de musicoterapeutas e utilizada como terapia medicinal. Nomes como o de Ficino, Pargeter, Buchoz e Browe escreveram o primeiro tratado sobre a influência da música na saúde, prevenção e tratamento.

Em 1950, Thayer Gaston dizia: “música é a ciência ou a arte de reunir ou executar combinações inteligíveis de sons de forma organizada e estruturada com uma gama de infinita variedade de expressão, dependendo da relação dos seus diversos factores componentes (ritmo, melodia, volume e qualidade tonal). Terapia tem a ver com o modo como pode ser utilizada a música para provocar mudanças nas pessoas que a escutam ou executam (Rodrigo, 2008, pp. 19 e 20) ”.

Para a “National Association for Music Therapy” (NAMT), é “o uso da música na obtenção de objectivos terapêuticos: a restauração, manutenção e aumento da saúde tanto física como mental. É também a aplicação científica da música, dirigida pelo terapeuta num determinado contexto para provocar mudanças no comportamento. Estas mudanças facilitam à pessoa o tratamento que deve receber a fim de que possa compreender-se melhor a si mesma e ao seu mundo, para poder ajustar-se melhor e mais adequadamente à sociedade” (Rodrigo, 2008, pp. 20 e 23).

No ano de 1974 em Paris, realiza-se o I Congresso Mundial de Musicoterapia e, desde então, têm-se realizado sucessivos congressos em diversos países com a presença de inúmeros profissionais, que discutem perspectivas, modificam estratégias, implementam novas teorias e definem novos métodos. Subsequentemente, vários autores como Barbara Wheeler (1998) e Benenzon (1981) fundaram a “Associação de Musicoterapia”, mas é de destacar a Áustria como o país pioneiro a implementar o programa de Musicoterapia Europeu. Posteriormente, foram defendidas teses doutorais sobre “Musicoterapia para crianças autistas”, “utilização do método Orff com crianças que apresentam atraso mental, etc. (Rodrigo, 2008, pp. 19 - 23)”.

No entanto, com a prevalência dos medicamentos químicos, a musicoterapia foi relegada para segundo plano, até à década de 70, altura em que o seu valor terapêutico voltou a ser reconhecido. É, em 1985, criada a World Federation of Music Therapy, a única organização internacional dedicada ao desenvolvimento e promoção da musicoterapia em todo o mundo, em que a música foi considerada como a harmonia e o ritmo da vida, variando de acordo com a cultura e o contexto social.

## **2.3.Princípios Fundamentais da Musicoterapia**

---

### **2.3.1.Teoria grega do «Ethos»**

---

Na antiga Grécia, a música era uma actividade vinculada a todas as manifestações sociais, culturais e religiosas. Para os gregos a música era tão importante e universal como o próprio idioma, pois acreditavam na existência mútua de uma correlação entre sons musicais e processos naturais capazes de influenciar a conduta humana. A música, como forma de expressão, tinha o poder de influenciar e modificar a natureza moral do homem e da *Polis* (o “Estado”, diríamos hoje), na medida em que, a cada modo melódico, se associava um determinado *ethos*. De acordo com essa doutrina do *ethos*, a música tem o poder de agir e modificar categoricamente os estados de espírito nos indivíduos.

A definição de Herman Abert (citado por Nasser, 1997, p. 243) aponta as relações existentes entre o conceito de *ethos* e os seus efeitos: "a ideia do *ethos* se fundamenta no postulado de que entre os movimentos da música e os movimentos psíquicos do homem existem relações íntimas que possibilitam à música um influxo determinado sobre o carácter humano. Prova disso é que os gregos atribuíam uma importância especial às inflexões de nossas faculdades volitivas; importava apenas despertar estados de ânimos passivos".

Esta teoria refere existir relações íntimas entre os movimentos da música e os movimentos físicos e psíquicos do ser humano, influenciando o humor do homem, provocando diversos estados de ânimo e originando no homem mudanças fisiológicas e psicológicas.

### **2.3.2.O organismo como um todo**

---

Altshuler (1953) baseia-se na teoria de William Whyte, aplicando-a à musicoterapia. Segundo o autor, o organismo humano forma uma entidade compacta, encontrando-se corpo e mente unidos, possuindo um propósito comum. A música exerce influência sobre a parte fisiológica do nosso corpo, mas a influência também se estende à parte emocional e a todo o nosso ser.

### 2.3.3.Princípio Homeostático

---

“A música e todas as artes contribuem de alguma maneira a uma homeostasia social, intelectual, estética, etc”

(Altshuler, 1953 cit por Rodrigo, p.24).

A música ajuda o Homem a manter em união as forças socioculturais. De acordo com as observações clínicas de aplicação à Musicoterapia de Blasco (1999), constatou-se que os pacientes deprimidos podem ser estimulados com maior prontidão com música triste, do que com música alegre. Observou, de igual modo, que os pacientes maníacos cujo tempo mental é mais rápido, podem ser mais estimulados com um *allegro* do que um *andante*.

Portanto, neste princípio, o ritmo e a melodia regulam a agressividade das pessoas.

### 2.3.4.Princípio de ISOS

---

O prefixo *ISOS* significa igual em grego e foi adoptado por Benenzon para indicar a ideia de que existem sons ou fenómenos sonoros internos que nos caracterizam e individualizam.

Este princípio refere que “para produzir um canal de comunicação entre terapeuta e paciente, deve corresponder o tempo mental do paciente com o tempo do som-musical executado pelo terapeuta ou da música escutada” (Benenzon, 1981 cit por Rodrigo, 2008, p. 24).

Altshuler comprovou que usar música idêntica ao estado de ânimo e ao “tempo” mental (estados de hiper ou hipoactividade) do paciente era útil para facilitar a resposta mental e emocional do paciente, uma vez que os indivíduos deprimidos (com um tempo mental lento) respondiam melhor à música “triste” (ritmo lento), enquanto os indivíduos maníacos ou em estados de exaltação e euforia contactavam melhor com uma música “alegre” (ritmo rápido).

Isto é aplicável não só a doentes mentais mas também a pessoas normais em estados de tristeza, falta de vitalidade, alegria, agitação, etc.

O princípio de *ISOS* consiste em procurar o tipo de música que está em consonância com o estado de ânimo do paciente, de modo a poder-se contactar com ele. Procura-se (Blasco, 1999, p.145) “(...) estabelecer uma relação de igualdade (...) entre o estado de ânimo do paciente e o tipo de música que se dá a escutar”. Contudo, o estado de ânimo do paciente depende de vários factores: do seu temperamento básico; do seu estado de ânimo presente; dos seus ritmos fisiológicos e do seu tempo fisiológico (hiperactividade, hipoactividade).

O fundamental deste princípio é que o musicoterapeuta tem o dever de eleger a ordem e o conteúdo das sessões, de acordo com o tipo de pacientes, valorizando um tipo de música que provoque um estado de ânimo o mais parecido possível ao seu. Se a musicoterapia se fundamenta nos efeitos que a música pode ter sobre os seres humanos, também é através da música que se procura intervir no estado de ânimo do paciente.

### **2.3.5.Princípio do Objecto Intermediário**

---

*“O conceito de objecto intermediário está ligado intimamente ao do princípio de ISOS”*

(Benenzon, 1998, p.47).

De acordo com Benenzon (1998, p. 47) “o objecto intermediário é um instrumento de comunicação capaz de criar canais de comunicação extrapsíquicos ou de fluidificar aqueles que se encontram rígidos ou estereotipados”.

Benenzon (1998, p. 48) concorda com Rojas Bermudez (s/d) quando este refere que “o objecto intermediário é um instrumento de comunicação que permite actuar terapeuticamente sobre o paciente, sem desencadear estados de alarme intensos, sendo suas características as seguintes:

- A) *“Existência real e concreta.*
- B) *Inocuidade, isto é, que não desencadeia “por si” reacções de alarme.*
- C) *Maleabilidade, isto é, que se pode utilizar à vontade entre qualquer combinação de funções complementares.*
- D) *Transmissor, enquanto permite a comunicação por seu intermédio, substituindo o vínculo e mantendo a distância.*
- E) *Assimilabilidade, isto é, que permite uma relação tão íntima que a pessoa possa identificá-lo consigo mesma.*
- F) *Adaptabilidade, isto é, que se ajuste às necessidades do indivíduo.*

G) *Instrumentabilidade, isto é, que pode ser utilizada como prolongamento do indivíduo.*

H) *Identificabilidade, para que possa ser reconhecido imediatamente”.*

Entre os objectos intermediários, salientamos os instrumentos musicais e os sons por eles emitidos, cabendo ao terapeuta descobrir a identidade sonora do seu paciente. Contudo, os instrumentos seleccionados têm uma emissão sonora que os caracteriza e que lhes é própria, peculiar e independente do musicoterapeuta.

### **2.3.6.Princípio do Prazer**

---

A música tem a função de atrair a atenção ao apelar ao princípio do prazer. O prazer estético é o resultado da projecção do indivíduo na música e da sua identificação com os sentimentos em torno dela.

### **2.3.7.Princípio de Compensação**

---

Cada indivíduo procura na música ou na prática instrumental aquilo de que carece num determinado momento, satisfazendo assim toda uma série de necessidades conforme o estado de espírito em que a pessoa se encontra.

Procuramos, desta forma, ouvir uma melodia que altere o nosso estado de ânimo e, através da música, conseguimos inspiração, serenidade, energia, alegria, etc. A música permite-nos descarregar todos os nossos sentimentos.

### **2.3.8.Objecto Integrador**

---

Benenzon (1998, p. 58) define objecto integrador como “um instrumento de comunicação terapêutica, que envolve a relação de mais de duas pessoas entre si.”

Trata-se de um instrumento que favorece a integração vinculativa de um determinado grupo que lidera os restantes instrumentos musicais e absorve a dinâmica do vínculo entre os pacientes do grupo e o musicoterapeuta.

*“Esses instrumentos costumam ser quase sempre de fácil manejo, possuindo grandes dimensões que possam emitir sons potentes e rítmicos”*  
(Benenzon, 1998, p.58).

Esses instrumentos, regra geral, pertencem à categoria dos membranofones, instrumentos da família de Percussão, destacando-se como instrumentos-líderes devido à sua facilidade de execução rítmica e potencial de som.

## **2.4.Efeitos da Musicoterapia**

---

Ao longo dos tempos, os pioneiros da musicoterapia tentaram explicar as qualidades terapêuticas da música sobre o organismo do ser humano, proporcionando “orientação para esforços clínicos”. (Ruud, 1990, p. 22)

Robert Unkefer afirma: “alguns estudos básicos de pesquisa que se relacionam de modo directo com o trabalho clínico têm-se concentrado em demonstrar o tipo e a intensidade de mudanças fisiológicas no organismo humano, que podem se manifestar por mudanças nos estímulos musicais” (Unkefer (s/d) cit por Ruud, 1990, p. 22).

Os diferentes efeitos fisiológicos dos estímulos musicais demonstram que é possível modificar, através da música, os estados emocionais nas pessoas. Uma vez que a música provoca diferentes estados de espírito: desperta, modifica e transforma o ser humano em variados estados de ânimo e/ou sentimentos.

De acordo com Rodrigo (2008, p.25), “a musicoterapia, pela sua qualidade não-verbal, tem acesso a todos os níveis de funcionamento humano, fisiológico, intelectual e emocional.”

A música tem vindo a ser apontada como um recurso terapêutico complementar que abrange diversos níveis, produz vários efeitos no ser humano sentidos com maior ou menor intensidade a nível fisiológico, psicológico, intelectual, social e mesmo espiritual. Assim como actua sobre a bioquímica do nosso organismo, também produz variações no ritmo cardíaco, respiratório e na resposta galvânica da pele. Convém dizer que estas variações dependem da inter-relação entre os diferentes elementos<sup>4</sup> da música,

---

<sup>4</sup> Melodia, harmonia, ritmo, altura, timbre e intensidade.

sendo que o elemento mais próximo da emoção, da afectividade é a **melodia**. Por outro lado, o **ritmo** transforma o organismo produzindo efeitos de relaxação, energia e até mesmo sono. O **timbre**, por sua vez, repercute efeitos a nível emocional, a **harmonia** através do encadeamento de acordes dissonantes produz inquietude e ansiedade ou paz e equilíbrio. A **altura** parece estar relacionada com o estado de ânimo: quando os sons são graves atraem-se sentimentos de tristeza e quando são agudos invoca-se a alegria.

#### **2.4.1. Nível Fisiológico**

---

Para Vincente e Thompson (2008, p.26) “o factor determinante não era o tipo de música utilizado mas o interesse que as peças musicais despertam nos indivíduos”.

Segundo Slaughter, “a música estimulante produz dilatação das pupilas”, embora para muitos autores “ a música aumenta o nível de resistência à dor, razão pela qual é utilizada em odontologia, ginecologia, etc.” (Slaughter cit. por Rodrigo, 2008, p.27)

A música, através do relaxamento muscular alivia a ansiedade, a depressão e facilita a participação em actividade física. Portanto, a música contém sempre um elemento de prazer e ajuda o indivíduo a pôr de lado dificuldades de ordem física, mental ou social. Esta actua sobre o sistema nervoso central e desenvolve o ouvido.

#### **2.4.2. Nível Psicológico**

---

A música, através da libertação emocional evoca, provoca, desenvolve e cria fantasias libertando estados emocionais capazes de expressar sentimentos de amor, ódio, alegria, tristeza, etc. Reforça a identidade, o auto-conceito, promove a expressão verbal e favorece a imaginação. Como defende Rodrigo (2008, p. 28) “a música é uma linguagem universal de sentimentos”.

A música que o indivíduo escolhe reflecte a sua personalidade, demonstra as suas características e distúrbios, traz à memória factos e emoções, suscita na mente imagens com pleno movimento e, sobretudo, permite abrir novas vias de comunicação.

### **2.4.3.Nível Intelectual**

---

*“A música tem um impacto sobre áreas como a atenção, a memória, o pensar, a criatividade, a imaginação, etc.”*  
(Rodrigo, 2008, p.29).

Desta forma, a música consegue manter activos os neurónios cerebrais, favorecendo a aprendizagem. Além disso, desenvolve a capacidade artística, o gosto e estimula o gozo estético. Mas também incrementa o auto-domínio beneficiando a meditação e o relaxamento.

### **2.4.4.Nível Social**

---

A música é “um fenómeno inquestionável (...), um agente socializante, um veículo de comunicação e auto-expressão, (...)” (Rodrigo, 2008, p.30), pelo facto de fomentar as relações entre as pessoas, de promover a participação em grupo, o entretenimento e a discussão. Ao constituir, pois, um princípio socializante, que desenvolve a comunicação, a música é um complemento fulcral no desenvolvimento integral do ser humano.

### **2.4.5.Nível Espiritual**

---

A música também desempenha um papel relevante de carácter transcendente e divino, pois confina com a área da religião. Este contacto fomenta um ambiente de conforto espiritual facilitando a expressão de dúvidas, a raiva, o medo; remete para valores, liberta os aspectos mais íntimos do homem, uma vez que aparece em todas as liturgias, cultos e espiritualidades.

É, no fundo, “como o ar, companheiro constante do homem; a música é o canto dos pássaros e do batido dos nossos corações” (Rodrigo, 2008, p. 30) e está presente nos momentos mais alegres e tristes pois tem a capacidade de actuar em todos os níveis e permite que seja utilizada para fins terapêuticos.

**Quadro 1:** Qualidades Terapêuticas da Música – Rodrigo (2008)

<b>Nível Fisiológico</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Acelera/retarda as funções orgânicas.</li><li>– Actua sobre o sistema nervoso central e periférico.</li><li>– Desenvolve o ouvido.</li></ul>
<b>Nível Intelectual</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Desenvolve a capacidade de atenção, a memória, a inteligência, a aprendizagem, a imaginação e capacidade criativa.</li><li>– Desenvolve o auto-domínio corporal, o sentido da ordem e a análise.</li><li>– Desenvolve a capacidade artística do gosto e gozo estético.</li><li>– Favorece a meditação, o relaxamento.</li></ul>
<b>Nível Psicológico</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Evoca, provoca e desenvolve sentimentos.</li><li>– Favorece a liberdade emocional, a cartase.</li></ul>
<b>Nível Social</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Favorece a comunicação e a auto-expressão.</li><li>– É um agente socializante.</li><li>– É uma linguagem universal.</li></ul>
<b>Nível Espiritual</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Confina com a religião, o transcendente e o divino.</li></ul>

Traduzido e adaptado de Rodrigo, 2008, p. 30

Tendo em consideração os indivíduos que apresentam deficiências de foro físico, psíquico, afectivo, mental ou de integração social, não será demais enfatizar a influência e o poder que caracterizam a música no desenvolvimento integral do ser humano. A função educativa da música amplia-se e permite que seja utilizada como terapia. Nesta perspectiva, a musicoterapia é aplicada como um método paramédico que utiliza o som, a música e o movimento, para produzir efeitos progressivos de comunicação, com o objectivo de empreender através deles o processo de integração e de recuperação do paciente na sociedade. A musicoterapia tem objectivos ambiciosos:

**Quadro 2:** Objectivos da Musicoterapia – Rodrigo (2008)

<b>Geral</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Não se pretende formar músicos, mas melhorar a personalidade, a afectividade e a conduta das pessoas a todos os níveis.</li></ul>
--------------	---

	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Restauração dos ritmos biológicos através da música.</li> <li>– Aquisição de um equilíbrio psicofisiológico.</li> </ul>
<b>Psicofisiológicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Integração e desenvolvimento do esquema corporal.</li> <li>– Desenvolvimento da organização espacio-temporal-corporal.</li> <li>– Desenvolvimento psicomotor (equilíbrio, marcha, lateralidade, coordenação motora,...).</li> <li>– Desenvolvimento sesório-perceptivo.</li> <li>– Desenvolvimento da locução e expressão.</li> <li>– Desenvolvimento da comunicação e meios de expressão (corporal, instrumental, espacial,...).</li> <li>– Libertação de impulsos e energia reprimida.</li> <li>– Dar o objecto de algumas vivências musicais enriquecedoras, estimulantes, motivadoras.</li> </ul>
<b>Cognitivo-emocional e personalidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Sensibilização afectivo-emocional.</li> <li>– Gozo e valores estéticos.</li> <li>– Desenvolvimento intelectual (imaginação, atenção, memória, conceptualização, compreensão, observação, agilidade mental, ...).</li> <li>– Reforço da auto-estima e da personalidade.</li> <li>– Cumprimento e integração do próprio eu.</li> <li>– Padrões de comportamento, facilitadores da interacção e adaptação.</li> <li>– Equilíbrio pessoal.</li> </ul>
<b>Social</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Fomentar as relações interpessoais, abrir canais de comunicação.</li> <li>– Integração social e de grupo.</li> <li>– Reabilitação, socialização, reeducação.</li> <li>– Aceitação social e coesão.</li> </ul>
<b>Espiritual</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Gozo espiritual.</li> <li>– Sublimação.</li> <li>– Enriquecimento interior.</li> <li>– Transcendência.</li> <li>– Sentimento purificado.</li> </ul>

Traduzido e adaptado de Rodrigo, 2008, pp. 31 e 32

Ao longo dos tempos, cada civilização criou e aplicou novos conceitos e estilos musicais, divergentes uns dos outros, mas que, efectivamente exercem influência sobre as pessoas.

Assim, como nos recorda Campbell no seu interessante livro *El Efecto Mozart* (1998 cit por Rodrigo, 2008, pp. 32 e 33):

- *“O Canto Gregoriano usou os ritmos da respiração natural para criar uma sensação de espaço amplo e relaxado.*
- *A Música Barroca (Bach, Vivaldi e Haendel) induz uma sensação de estabilidade, ordem e gera um ambiente mental estimulante para o trabalho e estudo.*
- *A Música Clássica (Haydn e Mozart) melhora a concentração, a memória e a percepção de espaço.*
- *A Música Romântica (Schubert, Chopin, Liszt, etc.) maximiza a expressão do sentimento, favorecendo a compreensão e o amor.*
- *A Música Impressionista (Debussy, Fauré e Ravel) intervém com base nos estados psíquicos e impressões de livre circulação.*
- *A Música Jazz, Blues, Reggae, e outros estilos musicais de cultura africana, eleva o ânimo e inspira, transmite ironia e pode induzir alegria ou tristeza.*
- *A Salsa, Rumba, Merengue, etc., de ritmo vivo e alegre, acelera o ritmo cardíaco e respiratório e mobiliza todo o corpo. A salsa tem a capacidade de acalmar e despertar e excitar ao mesmo tempo.*
- *A Música Big-band, pop e Country favorece o movimento do leve ao moderado e causa sensação de bem-estar.*
- *A Música Rock (Elvis, Rolling Stones, etc.) excita, activa e agita as paixões, extingue as tensões e mascara a dor. No entanto, quando se está indisposto, produz tensão, dissonância, stress e dor corporal.*
- *A Música Ambiental, sem qualquer ritmo dominante, prolonga a sensação espaço-temporal e induz um certo estado de alerta relaxado.*
- *A Música Heavy, Punk, Rap, etc. excita o sistema nervoso e favorece o dinamismo.*
- *A Música Religiosa e Sacra (Gospel e Espirituais, etc.) conduz a sentimentos de paz e espiritualidade; utiliza-se para transcender e aliviar a dor e o sofrimento”* (Rodrigo, 2008, pp. 32 e 33).

## **2.5.Função do Musicoterapeuta**

---

A musicoterapia é uma actividade clínica que, para ser exercida com qualidade e de forma eticamente correcta, exige formação profissional que é feita em cursos de graduação em musicoterapia ou como especialização para profissionais da área da música ou saúde (músicos, professores de música, médicos ou psicólogos).

O musicoterapeuta nunca trabalha isoladamente mas sempre como um membro de equipa terapêutico/pedagógica. Neste sentido, deverá colaborar com os outros profissionais (médicos, psiquiatras, psicólogos, etc.), oferecendo os seus conhecimentos e experiência, assim como as informações pertinentes.

A actividade do musicoterapeuta passa por estruturar as sessões, planeá-las, escolher o material necessário, as actividades a desenvolver, e ainda criar instruções e possíveis reforços. Este é o profissional com preparação para o exercício profissional que deverá possuir determinadas qualidades básicas como: boa saúde e vitalidade, estabilidade emocional, compreensão e aceitação de si mesmo, paciência, ambição de ajudar os outros, saudável sentido de humor e, sobretudo, habilidade profissional quer para o trabalho quer de equipa. O tratamento exige conhecer as necessidades e limitações do indivíduo, as suas possibilidades, os objectivos gerais e específicos, assim como a aplicação de técnicas adequadas ao problema e características do paciente. Contudo, apesar de poder escolher como técnica um som, um ritmo, uma música, ou mesmo, improvisar, tudo vai depender do estado de espírito e vontade do paciente.

Em suma, “o papel do musicoterapeuta não é obter a todo o custo, do paciente, a expressão verbal da sua vivência da música, mas o de o acompanhar na sua escuta, de o ajudar a assumir a sua angústia e de encontrar as obras musicais próprias para proporcionar a evolução terapêutica” (Sousa, 2005, p. 145).

Bruscia (1987 cit por Rodrigo, 2008, p. 127) assinala cinco fases necessárias no processo musicoterapêutico:

*“Coleta e análise de informações do paciente” – suas necessidades e limitações, qualidades e conduta, obtendo informações através do seu histórico clínico e dados obtidos por outros profissionais, pela família, pessoas do seu meio, através de observação directa do sujeito ou mesmo por entrevistas e testes.*

*“Planificação do tratamento e delinear objectivos” – esta etapa exige conhecer o que se pretender modificar na pessoa e estabelecer objectivos gerais e específicos (a longo e curto prazo).*

*“Tratamento” – individual ou colectivo, passando pelas seguintes fases:*

- a. “Observação do indivíduo;*
- b. Estabelecimento de uma boa transferência;*
- c. Cumprir os objectivos através de uma variedade de técnicas adequadas;*
- d. Promover a autonomia pessoal do indivíduo e do pleno desenvolvimento da pessoa.*

*“Avaliação” – pode ser contínua (se avalia uma sessão) ou final (se avalia todo o tratamento). Relaciona todos os progressos de cada pessoa, avaliando com o apoio de um diário clínico, onde se registam todas as sessões, as evoluções e todos os aspectos relevantes da sessão.*

*“Fim do Tratamento” – este termina quando forem alcançados os objectivos iniciais ou quando não se observe benefícios para o cliente”.*

**Quadro 3:** Modalidades de Tratamento – Rodrigo (2008)

<b>Individual</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Melhor conhecimento do cliente.</li><li>– Tratamento mais personalizado.</li><li>– Problemas psiquiátricos (autismo, distúrbios da personalidade, etc.).</li></ul>
<b>Grupal</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Favorece a comunicação e interacção dos indivíduos.</li><li>– Formação de grupos homogéneos: indivíduos com a mesma problemática e vivências.</li><li>– Pouca consciência da doença de pacientes (alcoólicos, toxicodependentes, etc.), com problemas de comunicação social nas escolas de educação especial e asilos.</li></ul>

Traduzido e adaptado de Rodrigo, 2008, p. 129

## 2.6.Métodos de Trabalho

---

Em musicoterapia, as actividades musicais fazem parte do processo terapêutico.

Rodrigo (2008, pp. 130 - 133) refere a existência de dois métodos gerais básicos fundamentais no processo terapêutico que são: activos ou criativos e passivos e receptivos. De acordo com Blasco (1999, p.130 cit por Faria, 2008, p. 35):

*“A denominação de activo ou passivo responde ao facto de implicar uma acção externa ou interna por parte do paciente. Os métodos activos implicam acção visível como tocar um instrumento, dançar, cantar, etc. Ao invés, os métodos passivos ou receptivos não parecem comportar acção externa ou física, como a audição de música, isto é, supõem, logicamente, uma actividade interna e essencial ao poder provocar mudanças no estado de ânimo” (Faria, 2008, p. 35).*

Os métodos activos ou criativos implicam uma acção externa/interna visível, um acto criativo do sujeito, estando o paciente activamente envolvido pelo movimento, por exemplo, no canto, na improvisação vocal, na dança, na prática instrumental, etc. Os

métodos são, por exemplo, a *improvisação musical de Schmolztz* (expressão livre através do canto, da dança ou dos instrumentos musicais), o *diálogo musical* (diálogo entre duas ou mais pessoas, onde se expressam sentimentos, emoções), a *técnica projectiva de Crocker*, (uma visão da música como elemento projectivo da personalidade em que a música, os sons, fantasias, elementos irracionais, evocam medos); o *método de Nordoff-Robbins* (desenvolvido apenas com crianças, avaliação da improvisação musical através de uma caracterização de respostas – resposta compulsiva, etc.), o *psicodrama musical de J.J. Moreno* (método de psicoterapia de grupo), etc. Dentro dos métodos activos, encontra-se também o método do compositor Carl Orff, baseado na aproximação da música à criança pelo ritmo, sendo importante que a criança tenha uma linguagem musical (teoria) antes de tocar um instrumento. O método activo comporta uma atitude de escuta e também uma atitude de se exprimir pelos sons. Nas técnicas activas intervêm a audição, a voz, o corpo inteiro, o meio e os objectos sonoros.

Os métodos passivos e receptivos envolvem uma acção interna (não visível) em que o denominador comum é a *audição musical* (técnica de escuta ou receptiva, podendo realizar-se através de música gravada ou ao vivo, cujo objectivo fundamental é entrar em contacto com o humor do indivíduo bem como estimular a imaginação, a criatividade, recordar e promover a expressão de sentimentos), *viagens musicais* (i. é, viagens realizadas com a imaginação), *o relaxamento psicomusical, a técnica «Guided Imagery and Music»* (provoca emoções e imagens, um estado de relaxamento que se consegue predominantemente com a música erudita, em que o paciente se vai entranhando pouco a pouco na sua experiência interna). Como refere E. Lecourt (1980 cit por Sousa, 2005, p. 144) “o sujeito não está passivo mas activo: o seu recurso ao imaginário permite a emergência fantasmática e pulsional num estado próximo do sonho acordado. A música é um material de significado fluido, ambíguo, que o sujeito recebe como deseja, sem qualquer limitação imposta à sua imaginação” (Sousa, 2005, p. 144).

Compreende-se desde logo que a música tem qualidades terapêuticas importantes e delas se serve precisamente a musicoterapia. Salienta-se também os efeitos psicológicos dos instrumentos, permitindo obter resultados sobre a sua utilização nas sessões de musicoterapia.

## 2.7.Terapia

---

Definir terapia é tão difícil quanto descrever música, assim como é difícil “separar da música as outras artes, também é delicado e difícil distinguir a terapia, da educação, do desenvolvimento, do crescimento, da cura e de uma variedade de fenômenos descritos como “terapêuticos” (Bruscia, 2007, p. 17).

*“A terapia é tradicionalmente definida em termos da raiz grega “therapeia” que significa, participar, ajudar ou tratar”* (Bruscia, 1997, cap. 3).

Bruscia (2007, p.18) acrescenta ainda que “a musicoterapia é um processo sistemático de intervenção no qual o terapeuta ajuda o paciente a fomentar saúde, utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança.”

Em suma, terapia é toda a intervenção que visa tratar problemas corporais, psíquicos ou espirituais e que, através das suas causas e sintomas, consiga obter um restabelecimento da saúde ou bem-estar da pessoa.

### 2.7.1.Música

---

*“Eis como se articula a ênfase de uma frase. Também a música é uma língua humana”*  
(Pascal Quignard, In “Todas as Manhãs do Mundo”).

A música atravessou gerações, diversificou estilos, ultrapassou crises, sobrevivendo durante séculos, aparecendo em quase todas as civilizações, associadas a rituais religiosos, cíclicos, a festas, a comemorações e até mesmo à guerra. Contudo, está sempre relacionada com a ideia de harmonia (ordem, equilíbrio), possuindo “o dom da revelação, do transcendente, do mágico, exercendo efeitos terapêuticos” (Sousa, 2005, p.121).

A música (do grego *μουσική τέχνη* - *musiké téchne*, em latim *ars musica*, isto é, *a arte das musas*) é uma forma de arte que se constitui basicamente em combinar sons e silêncio, seguindo ou não uma pré-organização ao longo do tempo. Não se conhece nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações musicais próprias.

Embora nem sempre seja feita com esse puro objectivo, a música pode ser considerada como uma das belas-artes, as que buscam o belo por si mesmo.

*“Esta música sempre à minha volta, incessante sem início –  
Embora muito espontânea, eu não a ouvia;  
Ouço porém agora o coro e estou entusiasmado; ...  
Não ouço apenas a intensidade do som –  
sinto-me tocado pelos significados exóticos,  
Ouço as diferentes vozes me envolvendo...  
creio que agora acho que começo entendê-las”.*  
(Walt Whitman, *Leaves of Grass*, In “As Energias Curativas da Música)

Não obstante essa dimensão preeminentemente lúdica, a música não é apenas e unicamente uma fonte de distração; ela enriquece-nos a vida diariamente e é sem dúvida uma fonte excepcional de cura, harmonia, inspiração e expansão espiritual da consciência. Afirma Lingerman (1983, p. 7): “os resultados têm sido gratificantes, pois tenho observado melhoras na saúde física, na estabilidade emocional, na concentração mental e na sensibilidade espiritual das outras pessoas.”

*“A música penetra-nos pelo ouvido. O seu poder de penetração é imenso (...).  
Poder não ver, não tocar, não escutar mas não ouvir, mesmo inconscientemente,  
é impossível, excepto para os surdos”* (Alvin, 1973, cit por Sousa, 2005, p. 125).

Considerada um fenómeno natural de carácter intuitivo e inato, próprio do ser humano, a música é capaz de transcender as emoções, ultrapassar barreiras culturais, sociais e linguísticas. Todavia, a criação, a *performance*, o significado e até mesmo a definição de música variam de acordo com a cultura e o contexto social.

A música vai desde composições fortemente organizadas (com a sua recriação na *performance*) até formas improvisada ou mesmo aleatórias e pode ser dividida em géneros e subgéneros e ainda classificada como uma arte de representação, uma arte sublime, uma arte de espectáculo. Contudo, para o ser humano mais profundo e para as culturas primitivas, a música não era apenas uma arte, era um poder, cuja força está na origem do mesmo mundo. Actualmente, encontra-se em diversas utilidades, não só como arte, mas também em função militar, educacional ou terapêutica (musicoterapia). Além disso, tem presença central em diversas actividades colectivas, como os rituais religiosos, desde os festivos aos fúnebres. Ela proporciona bem-estar físico e psíquico e, em alguns casos, aumenta a vitalidade física, pode atenuar a fadiga, acalmar a

ansiedade, elevar os sentimentos, concentrar o pensamento, enriquecer amizades, estimular a criatividade e a sensibilidade e desenvolver a imaginação.

Segundo Sousa (2005, p. 127) “os elementos musicais, ritmo, melodia e harmonia são elaborados no tempo, podendo o terapeuta e os pacientes desenvolver relações existenciais que levarão à melhoria de qualidade de vida” pois, mais do que som, a música é a tradução dos sentimentos humanos.

Um dos campos onde a Música se tem revelado benéfica é no da educação de crianças que apresentam problemas de desenvolvimento. Para estas situações, a música pode dar o seu contributo para uma melhoria do quadro clínico destas crianças.

Nordff-Robbins (s/d) citados por Ruud (1990, p. 102) afirmam que:

*“A música é uma linguagem e, para as crianças, ela pode ser uma linguagem estimulante, uma linguagem confortante. Ela pode encorajar, animar, encantar e falar com a parte mais interna da criança (...). A música certa, utilizada com discernimento, pode retirar a criança incapacitada dos limites da sua patologia e colocá-la num plano de experiência e reacção, onde esta estará consideravelmente livre de disfunções intelectuais ou emocionais”* (Ruud, 1990, p. 102).

Por se tratar de um comportamento humano, a música exerce uma influência única, poderosa e benéfica sobre o homem, qualquer que seja o propósito: alegria, tristeza, exaltação cívica, intelectual ou espiritual. Esta relacionou-se com o homem, faz brotar sua mente, as suas emoções, é um meio de comunicação em diversas áreas (religião, medicina e sociedade) e permite a constituição de diferentes laços afectivos, actuando sobre a pessoa de forma saudável, sendo reconhecida desde os povos antigos até aos dias de hoje como tendo um grande valor, o poder de cura, da diversão. “A música é uma necessidade de todas as culturas” (Sousa, 2010, p. 11).

Na Grécia, a saúde era concebida como fonte de equilíbrio entre o corpo e a mente, uma vez que os gregos estabeleciam uma clara relação entre a saúde e a música, considerando-a como “possuidora de um valor terapêutico” (Sousa, 2005, p. 122).

A “boa” música harmoniza o ser humano provocando nele um misto de padrões saudáveis de pensamento, sentimento e acção, conseguindo atingir a harmonia e o ritmo do corpo, das emoções e do espírito, pois tem a capacidade de favorecer o ser humano tanto a nível físico como psíquico. Portanto, pode afirmar-se que a música tem um papel

importante, quer na Educação geral da criança, quer na Educação Especial, ajudando a estabelecer comunicação com as outras pessoas com quem, através das vias tradicionais, nem sempre é fácil comunicar.

A música é muito mais do que sons, expressa muito mais o que os seres humanos sentem e pensam, é uma linguagem que transporta emoções em vez de ideias. É prazer, calma, rebeldia, serenidade, doçura..., e ao mesmo tempo “enriquece o espaço aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento da criança, pois a partir dela, professores e alunos envolvem-se com possibilidade de aprender permitindo a significação de conhecimentos que se movimentam em direcção ao saber” (Pflüger, 2009, p.1).

Em musicoterapia, a música é utilizada para atingir objectivos terapêuticos, mantendo, melhorando e restaurando o funcionamento físico, cognitivo, emocional e social das pessoas. Sendo a musicoterapia uma forma de tratamento que utiliza toda e qualquer manifestação sonora para produzir efeitos terapêuticos, a música é o instrumento fundamental, uma vez que o uso da música, de sons e de movimento, estabelece uma relação de ajuda, em que a musicoterapia tem como objectivo auxiliar o paciente quer na prevenção ou reabilitação de situações patogénicas, quer na integração do indivíduo com a sociedade, podendo com isso, melhorar a qualidade de vida, nos aspectos afectivo, psicomotor, cognitivo e social.

*“O estímulo musical representa um canal alternativo para a comunicação caso a pessoa não responda aos canais de comunicação normais. A música/canto associados ao movimento (rítmico) podem contribuir para a iniciação da fala e podem criar uma estrutura no tempo, que facilite a resposta motora”* (Ruud, 1990, p.69).

Esta terapia permite educar ou reeducar o indivíduo dentro das suas possibilidades pois, sem comunicação, não há desenvolvimento. A aprendizagem de um instrumento musical, por exemplo, contribui para a formação de uma criança no domínio de si mesma, estimula a memória, desenvolve a perseverança e proporciona as bases para o desenvolvimento de uma vida saudável e bem sucedida.

*“A música, nas suas mais diversas formas de expressão, é capaz de contribuir para a estimulação das inteligências múltiplas, auxiliando para uma aprendizagem mais eficiente, prazerosa, interferindo positivamente na auto-estima do indivíduo, respeitando a sua singularidade”* (Pflüger, 2009, p.1).

Através do envolvimento musical, somos capazes de expressar os sentimentos mais profundos, que dificilmente seriam manifestados através da palavra. É necessário que as diversas áreas do nosso cérebro sejam estimuladas, permitindo aos neurónios causarem novas conexões e diversificando os nossos campos de interesse.

### **2.7.2.Som**

---

*“Um dos princípios terapêuticos primordiais é desenvolver o que existe já na criança, o de o fazer aparecer na sua tomada de consciência. Através da musicoterapia, o paciente descobre e realiza as suas potencialidades, mais que as suas limitações”* (C. Bang, 1973, cit por Sousa, 2005, p.130).

A grande variedade de métodos de musicoterapia permite ao indivíduo que desenvolva experiências (física, intelectual e emotiva), mas só encontrará na música o que tem em si. A maioria das perspectivas teóricas da musicoterapia insiste na “produção musical”. Segundo elas, “o paciente está sempre condicionado”, pois frui de muitas tensões e a técnica de musicoterapia “acalma as tensões” embora “não as solucione” (Sousa, 2005, p. 131). É por isso importante que o indivíduo *versus* musicoterapeuta tenha “confiança na música” (J. Alvim, 1973, cit por Sousa, 2005, p. 129). Porém, também é com base no fenómeno objectivo do som que os musicoterapeutas delineiam os princípios básicos que ajudam numa intervenção metodológica.

O som é antecedente à música, pois está presente em tudo que nos rodeia na natureza. Este propaga-se através de um movimento ordenado das partículas. Ao fazer vibrar, por exemplo, as nossas cordas vocais ou um instrumento, fazemos com que as partículas do ar que nos rodeiam entrem numa oscilação, dando origem a um som. O som é matéria-prima constitutiva da música.

J. Alvim (1973) refere que “o som faz parte do meio que nos rodeia. Absorvemo-lo inconscientemente desde o nascimento e talvez antes. O som provoca por si mesmo reacções profundas” (Sousa, 2005, p.131).

Essas reacções fazem talvez parte do nosso inconsciente, uma vez que “audiamos”<sup>5</sup>. Quando na memória o ritmo é de batimento regular, este produz uma sensação de segurança e de bem-estar físico. Talvez isto explique certos ruídos e a sensação inexplicável que eles provocam, por exemplo, o trovão. Por isso é que a música provoca reacções diferentes segundo o estado físico e psicológico do indivíduo que a ouve. Saliento, por exemplo, que a repetição sucessiva de uma nota pode causar uma impressão de inquietação, excitação, impaciência.

Em musicoterapia utiliza-se o som e não o ruído. O som pode-se aplicar como terapia utilizando as diferentes formas em que se apresenta e em todas as variantes e componentes. É importante que o terapeuta conheça e saiba definir conceitos do ofício como som, música, melodia, harmonia, música instrumental, vocal, *a capella*, sons agudos, graves, voz, sopranos, tenor, formas musicais (gregoriano, sonata, *suite*, sinfonia, concerto...), entre outros. Todas estas variantes e formas de elaborar o som têm um valor terapêutico muito especial.

Das qualidades do som, o timbre tem o papel terapêutico mais importante. A concordância da música com o estado de ânimo do indivíduo deve estender-se ao timbre preferido (corda, voz, percussão...), ao instrumento predilecto, à voz/coro favorito ou à combinação instrumental/voz eleita. A tarefa de averiguar a identidade sonora de cada indivíduo é essencial em musicoterapia.

A voz é o instrumento mais próximo e terapêutico de entre aqueles de que o terapeuta musical dispõe. A utilização da voz como elemento dinâmico supõe uma forma de contacto directa e próxima com a criança com necessidades educativas especiais. A capacidade do terapeuta para projectá-la, modulá-la e regulá-la é um elemento chave para os ganhos que se pretendem. As alterações, intensidades e diversidade de sons que a voz pode emitir abarcam o cúmulo de possibilidades rítmicas e as qualidades de altura tonal, intensidade, duração e timbre.

O ouvido humano diferencia três características do som, que actuam de modo significativo no aspecto psíquico da pessoa:

---

<sup>5</sup> Audiação é um termo criado por Edwin Gordon “que significa para a música o que pensar significa para a língua.” (Gordon, Edwin E., 2000. *Teoria da Aprendizagem Musical para Recém-nascidos e Crianças em idade Pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian)

**Quadro 4:** Características do Som – Sousa (2005)

<b>Altura</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Timbre</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>– Qualidade que permite distinguir o som grave de um som agudo.</li><li>– As vibrações lentas têm um efeito relaxante, enquanto as rápidas têm um efeito de intensa estimulação nervosa.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Qualidade que permite distinguir um som forte de um som fraco.</li><li>– Um volume sonoro de fraca intensidade produz sensações de serenidade, de intimidade, podendo ser agradável a personalidades tímidas ou retraídas e desagradável a certas pessoas que necessitam de sensações fortes e que sentem um efeito satisfatório e de plenitude perante sons de intensidade exagerada.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>– Qualidade que permite distinguir dois sons emitidos por dois instrumentos diferentes.</li></ul>

Quadro 4: Extraído e adaptado de Sousa 2005, pp.131 e 132

Em suma, o som “é um elemento puramente sensorial, percebido geralmente de forma inconsciente, que produz uma impressão agradável e que não activa os mecanismos de defesa.” (Sousa, 2005, p. 132)

## **2.8. Musicoterapia e Educação Musical**

---

A Musicoterapia e a Educação Musical têm em comum a utilização da música como elemento de trabalho fundamental. Estabelecem uma relação interpessoal e confiam em objectivos e num processo sistemático que se pode avaliar. Com efeito, a música tem a capacidade de mover o ser humano tanto a nível físico, como a nível psíquico.

Em musicoterapia, a música é utilizada para facilitar e promover comunicação, o relacionamento adequado à aprendizagem, a expressão, a organização, permitindo atingir objectivos terapêuticos relevantes, a fim de atender a necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. Esta busca desenvolver potenciais e/ou restaurar funções do indivíduo de sorte que alcance melhor qualidade de vida.

Por sua vez, a Educação Musical visa estimular o desenvolvimento global da criança, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e sócio-afectivo da criança.

Assim sendo, ambos os conceitos, embora de aplicações divergentes, usam a música como um ramo clínico-médico a fim de alcançar um melhor equilíbrio físico, emocional, cognitivo e social.

**Quadro 5:** Diferenças entre Musicoterapia e Educação Musical – (Programa de formação para Mediadores em Musicoterapia y Discapacidad “*Musicoterapia 2002*” Libro de Ponencias, p. 57, citado por Padilha, 2008, pp.58 e 59)

	<b>Educação Musical</b>	<b>Musicoterapia</b>
<b>Utilização da Música</b>	A música como aprendizagem instrumental.	A música como mediadora para produzir mudanças.
<b>Processo</b>	Fechado, sistemático e instrutivo baseado num currículo.	Aberto, experimental, interactivo, sistemático e evolutivo.
<b>Conteúdos</b>	Temático e descritos num currículo.	Dinâmicos e criados no processo.
<b>Objectivos</b>	Generalistas, universalistas.	Particulares e biográficos.
<b>Avaliação</b>	Não considera valorizações iniciais e avalia linearmente a todos por igual.	Considera uma valorização inicial e avalia segundo objectivos dinâmicos prefixados na valorização.
<b>Enquadramento</b>	Convencional	Especializado
<b>Relação</b>	Professor – aluno O professor administrador dos conteúdos ou motivador da experiência de aprendizagem.	Musicoterapeuta – paciente(s) Aliança terapêutica de ajuda. Os conteúdos estão no aluno.

Extraído de Padilha, 2008, pp. 58 e 59

Apesar das diferenças entre as duas perspectivas, ambas utilizam a música como elemento fundamental no processo de desenvolvimento, quer do aluno quer do paciente.

## 2.9. Aplicações da Musicoterapia

---

Ao longo dos anos, a musicoterapia tem conquistado novos panoramas implementando a sua contribuição, da mesma forma como um músico conquista o seu público através da música. A musicoterapia, actualmente, como uma disciplina da área da saúde, espalhou-se pelo mundo abrangendo um campo de actuação bastante extenso, permitindo que qualquer pessoa susceptível de ser tratada possa beneficiar dos tratamentos que inicia, desde a vida intra-uterina até à senescência.

Depois de um vasto número de pesquisas realizadas em países onde o uso terapêutico da música é amplamente difundido, ficou provado que o feto reage ao som e pode ser estimulado desde cedo.

A musicoterapia pode funcionar em duas vertentes de aplicação, sendo elas: a curativa e a preventiva, sendo que a curativa é a mais solicitada, uma vez que nela se concentrou prevalentemente o interesse de uma profissão. No âmbito curativo, a musicoterapia pode aplicar-se a várias conjunturas:

- Apoio ao diagnóstico clínico;
- Com crianças prematuras e recém-nascidos;
- Na reabilitação precoce;
- Em educação especial;
- Em psiquiatria infantil;
- Em psiquiatria de adolescentes e adultos;
- Em geriatria e geropsiquiatria;
- Na toxicodependência;
- Com doentes anoréxicos e bulímicos;
- Em problemas relacionais do casal e terapia familiar;
- Em deficiências físicas: espinha bífida, amputados, etc.;
- Em deficiências sensoriais (cegos com problemas emocionais, surdos parciais, com problemas emocionais);
- Em cirurgia e odontologia;
- Em unidades paliativas da dor;
- Em oncologia;
- Em doentes terminais;

- Em doentes com sida;
- Em centros de reabilitação social, etc.

No âmbito preventivo a musicoterapia aplica-se numa diversidade de situações e contextos:

- A nível pessoal;
- A mãe no período de gestação e na primeira infância da criança;
- Na educação pré-escolar e ensino do 1.º Ciclo;
- Nos centros de acção social para adolescentes;
- Em centros sociais para a terceira idade;
- Em família;
- Música funcional no trabalho, etc.

Entre as inúmeras aplicações da musicoterapia, destaca-se o trabalho com indivíduos portadores de NEE: deficiências físicas (Espinha Bífida e Distrofia Muscular Progressiva), deficiências sensoriais (visual e auditiva), síndromes genéticas (Down, Turner e Rett), distúrbios neurológicos (lesões cerebrais, dislexias, disfonias, paralisia cerebral, epilepsia, entre outros) e doenças mentais (esquizofrenia, perturbações do espectro do autismo, depressões e perturbação obsessiva compulsiva).

### **2.9.1. Musicoterapia aplicada à Educação Especial**

---

*“A música é a educação primária, pois é introduzida desde o primeiro momento na alma da criança e familiariza-a com a beleza e a virtude”* (Rodrigo, 2008, p.97).

A musicoterapia serve-se de sons e/ou músicas, com fins terapêuticos, focando as dificuldades e necessidades de cada indivíduo, buscando alternativas e formas de desenvolvimento, o que contribui para a melhoria da qualidade de vida do mesmo, trazendo-lhe inúmeros benefícios no decorrer do processo, uma vez que vem sendo utilizada como cura desde os primórdios da humanidade, mas só se estabeleceu como ciência no século XX.

Em 1950, Thayer Gaston dizia:

*“Música é a ciência ou arte de reunir ou executar combinações inteligíveis de sons em forma organizada e estruturada (...)”* (Rodrigo, 2008, p.19).

Actualmente, a musicoterapia tem um desenvolvimento muito importante em diversos países, especialmente em áreas relacionadas com as síndromes genéticas como Down, Turner e Rett, distúrbios neurológicos, distúrbios emocionais, deficiências sensoriais, visuais e auditivas, autismo, entre outras.

Uma vez que consiste numa terapia que utiliza a música no seu contexto clínico como método terapêutico, a musicoterapia, nomeadamente numa instituição de Educação Especial, será eficaz se alcançar a melhoria dos sujeitos envolvidos no processo. Com ela visa-se, também neste caso, a melhoria dos indivíduos de forma a proporcionar-lhes um espaço de confiança mútua e, no final do processo, uma melhora da auto-estima que favoreça, por sua vez, a sua inclusão social.

Para Bruscia (2000), “neste tratamento, o musicoterapeuta utiliza a música para ajudar os estudantes com deficiências a adquirirem conhecimentos e habilidades não-musicais que são essenciais para sua educação. A música é utilizada como o mais importante recurso terapêutico, uma vez que está ligada aos objectivos educacionais, para que, através dela, se chegue ao objectivo final que é a melhora dos alunos na sua sociabilização e aprendizagem no contexto educacional.”

O conceito de NEE, através da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), passou a proclamar o direito de todos os alunos a uma educação na escola regular, passando a abranger todas as crianças e jovens, cujas necessidades envolvam deficiência ou dificuldade de aprendizagem.

O Decreto-Lei 319/21 de 23 de Agosto, recentemente revogado e substituído pelo Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro, veio preencher uma lacuna legislativa há muito sentida no âmbito da educação especial, passando as escolas a dispor de um suporte legal, para organizar o seu funcionamento no que diz respeito aos alunos com NEE, definindo apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às NEE dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e da participação em um ou vários domínios da vida. De acordo com o Decreto:

*“Os apoios especializados visam responder às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e da*

*participação, num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social e dando lugar à mobilização de serviços especializados para promover o potencial de funcionamento biopsicossocial” (Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro).*

Os estudos têm mostrado que a música estimula a mente das crianças. A musicoterapia pode proporcionar às crianças com necessidades especiais uma grande satisfação, bem como a estimulação física e mental. Neste ambiente, as crianças cantam canções, tocam instrumentos simples e executam ritmos. Muitas vezes, recorre-se a rimas infantis, pois é uma boa maneira de desenvolver a memória de uma criança através da repetição das letras e palavras simples, sempre com um ambiente lúdico e divertido. A musicoterapia também permite que as crianças aprendam a concentrar-se e esta atenção incentiva ainda mais a sua aprendizagem. A terapia de música não exige que as crianças tenham qualquer formação musical.

De acordo com Sabrina (2008), existem importantes metas comuns da Musicoterapia e Educação:

*“Estimular a comunicação (verbal e não verbal);  
Estimular a expressão corporal, vocal e sonora (através de instrumentos musicais, dança e canto);  
Melhorar a auto-estima;  
Explorar as potencialidades e a consciencialização dos próprios limites;  
Estimular a coordenação motora grossa e fina através de actividades musicais, utilizando instrumentos musicais de percussão simples;  
Melhora da orientação espacial e corporal através de vivências musicais;  
Expandir a capacidade de atenção e concentração;  
Estimular a imaginação e criatividade;  
Exercitar a memória;  
Promover um melhor relacionamento intra e interpessoal;  
Atenuar a carência afectiva através de vivências grupais.”*

No que respeita aos objectivos da musicoterapia, na EE poderiam agrupar-se em: Psicofisiológicas – desenvolvimento psicomotor, sensorial, corporal, etc; Afectivo/emocional – sensibilização afectiva, expressão emocional, etc; Cognitivos – atenção, memória, concentração, etc; Personalidade – auto-estima, confiança em si mesmo; e, Sociais – relações interpessoais, integração social, escolar, etc” (Rodrigo, 2008, p. 98).

Contudo, os objectivos gerais podem variar de acordo com as necessidades e particularidades do indivíduo ou do grupo, já que com indivíduos portadores de *deficits* de aprendizagem ou atraso mental, o principal objectivo será focar a cognição e a aprendizagem. Ainda que, os resultados permitem concluir uma melhoria notável nas áreas afectadas, com maior desempenho físico, intelectual, motor, ao nível da comunicação, da maturação psíquica, da língua, de hábitos de auto-disciplina, de capacidade de relacionar e de relaxamento.

A musicoterapia trabalha com tratamentos individuais ou em grupo, sendo que os tratamentos individuais possibilitam um melhor conhecimento do paciente e uma aplicação mais precisa às suas necessidades. Os tratamentos grupais visam aprofundar o conhecimento do paciente, mudanças no afecto, desenvolver a capacidade cognitiva, melhorar os comportamentos e estimular a sociabilização.

No autismo, por exemplo, a musicoterapia actuará no desenvolvimento e estabelecimento de canais de comunicação através da música e do som, estendendo-se posteriormente para a comunicação verbal.

Em crianças com paralisia cerebral e síndromes que envolvam *deficits* motores, a musicoterapia focar-se-á também no uso de ritmos e instrumentos musicais, agindo tanto como estímulo à comunicação e cognição como na melhoria da motricidade.

A utilização da música em musicoterapia como terapia à EE proporciona a inclusão social dos indivíduos com deficiência, favorecendo a minimização das problemáticas do processo inclusivo, fazendo com que este processo se torne mais saudável para o indivíduo e o seu grupo social. Em suma, dependendo das necessidades de cada um, a musicoterapia valoriza o indivíduo, respeita as suas peculiaridades e auxilia-o nas suas dificuldades.

### **2.9.2. Musicoterapia aplicada aos Transtornos Neurológicos**

---

Esta técnica tem sido aplicada com sucesso em pacientes com distúrbios neurológicos do tipo Paralisia Cerebral, Epilepsia, Síndrome de Rett, etc... Os distúrbios neurológicos são problemas estruturais do sistema nervoso.

O musicoterapeuta deve procurar o melhor meio de expressão do paciente e buscar a integração com outras áreas, como a psicoterapia. Sendo que, o objectivo da musicoterapia com indivíduos portadores de transtornos neurológicos é começar com sessões individuais para os integrar e, depois, em grupo. À medida que vão evoluindo, pois os espásticos e os atetóticos apresentam reacções diversas face à música. Esta, dá a sensação de movimento, porque se move no tempo e no espaço, e a meta da musicoterapia é provocar a sensação da possibilidade de realizar o movimento.

Como refere Rodrigo (2008, p. 39) “a musicoterapia, aplicada à paralisia cerebral, ajuda os pacientes a controlar os movimentos e temores, actuando também a nível emocional/comportamental”.

Em geral, as actividades existentes a realizar com estas pessoas estão os exercícios rítmicos/vocais, a interpretação de canções, a prática rítmica/instrumental, os jogos dramáticos, os batimentos corporais, etc. Os instrumentos recomendados são todos aqueles que pertencem à família dos sopros (flauta, etc.), à família das cordas (piano, etc.) e à família da percussão de timbre indeterminado (e. g., pandeiro, pratos, guizeiras, maracas, etc.).

A musicoterapia privilegia a expressão sobre a estimulação sensorial e promove no indivíduo uma grande satisfação.

### **2.9.2.1. Paralisia Cerebral**

---

A Paralisia Cerebral é uma lesão de uma ou mais partes do cérebro, provocadas muitas vezes pela falta de oxigenação das células cerebrais, e não tem cura, mas existem muitos tratamentos e terapias diferentes que ajudam a controlar os sintomas.

A Academia Americana de Paralisia Cerebral define este distúrbio como “qualquer alteração do movimento ou função motora causada por anormalidades, lesão ou doença do tecido nervoso contido dentro da cavidade craniana” (Rodrigo, 2008, p.38).

No geral, existem cinco tipos de Paralisia Cerebral:

1. Paralisia Cerebral Espástica – apresenta uma contracção involuntária dos músculos e movimentos rígidos. As pessoas com PCE têm problemas de mobilidade devidos à rigidez da musculatura, que também se pode contrair involuntariamente. Há vários tipos de PCE:
  - 1.1. Monoplegia – paralisia de um membro.
  - 1.2. Hemiplegia – paralisia lateral que afecta um dos lado do corpo. Se no lado direito, o cérebro sofreu lesão no lado esquerdo.
  - 1.3. Paraplegia – paralisia em ambas as pernas.
  - 1.4. Tetraplegia – afecta as quatro partes do corpo. Algumas crianças com este tipo de paralisia, apresentam também convulsões e tremores e geralmente não conseguem andar nem falar, sendo por isso esta considerada a paralisia mais severa, deixando muitas crianças intelectualmente incapacitadas.
2. Paralisia Cerebral Atetóide/ Paralisia Cerebral Discinética – o segundo tipo de paralisia mais comum. A pessoa atetóide apresenta movimentos lentos, involuntários e retorcidos, especialmente os braços. Enquanto a discinética significa que esses movimentos podem ser repetitivos.
3. Paralisia Cerebral Atáxica – caracterizado por uma falta de equilíbrio e dificuldade para coordenar os músculos para realizar actividades motoras finas, como escrever, equilíbrio ao caminhar e marcha com os pés bem afastados um do outro.
4. Paralisia Cerebral Coreoatetótica – movimentos anormais dos membros, com hipotonia (redução de força muscular).
5. Paralisia Mista – adicionados a todos os problemas apresentados anteriormente, outros como, distúrbios visuais, perda auditiva, epilepsia, hiperactividade, etc.

Relacionadas com esta patologia, além das lesões físicas podem estar presentes alterações de outras funções, como a linguagem, a audição, a vista, o desenvolvimento intelectual, a personalidade, a atenção, a percepção... bem como epilepsia e/ou transtornos perceptivos.

### **2.9.2.2. Epilepsia**

---

A palavra grega *epilepsia* (de *epi-lambano*, fut. *Epi-lepsomai*) que originariamente significa “ataque”, designa uma “doença que provoca repentina convulsão ou perda de consciência”.

Epilepsia é uma alteração na actividade eléctrica do cérebro, temporária e reversível, que produz manifestações motoras, sensitivas, sensoriais, psíquicas ou neurovegetativas (disritmia cerebral paroxística), causando estranhas sensações, emoções e comportamentos. Estas crises correspondem a uma descarga anormal de alguns neurónios cerebrais, súbita e imprevisível, que afecta, assim, o pensamento ou o corpo, sem que o doente a possa controlar, durando entre alguns segundos e vários minutos. Geralmente, estas crises são associadas a convulsões por todo o corpo e contracções de um dos membros ou face, provocando por vezes perda de consciência. No entanto, existem vários tipos, cuja frequência e manifestação variam de doente para doente, e quando controladas, é possível ter uma vida normal, trabalhar, conviver com amigos, namorar ou casar e criar filhos como qualquer outra pessoa.

Apesar dos inúmeros estudos científicos, ainda não é possível determinar a causa da epilepsia. Alguns estudos indicam que há tendência hereditária, porém, a doença pode ter uma causa aparente, como uma lesão cerebral devido a um traumatismo craniano ou a uma hemorragia nesta área.

Qualquer pessoa pode sofrer um ataque epiléptico, devido, por exemplo, a choque eléctrico, deficiência em oxigénio, traumatismo craniano, baixa do açúcar no sangue, privação de álcool e abuso da cocaína. Nas crianças mais pequenas, as convulsões podem ser provocadas por febre chamando-se “convulsões febris” mas que não representam epilepsia.

As crises podem ser classificadas em dois tipos: generalizadas (envolvem a totalidade ou quase totalidade do cérebro) e focais (afectam uma parte limitada do cérebro).

As crises focais podem ser simples (não afectam a consciência) ou complexas (o doente perde o contacto com o meio circundante). As crises focais simples, dependendo da área do cérebro afectada, podem manifestar-se: nos músculos (através de espasmos numa parte do corpo), nos nervos (causando uma sensação de ardor e formigueiro numa ou mais partes do corpo), nos olhos (visionamento de luzes, objectos, animais ou outras pessoas), no nariz (odores difíceis de descrever), nos ouvidos (audição de ruídos, vozes ou melodias), na língua (sabores desagradáveis), no sistema digestivo (provocando sensações de náusea), na memória ou nas emoções (pensamentos estranhos, sensações de medo ou ansiedade), no coração e nos pulmões (provocando alterações do ritmo cardíaco ou do sistema respiratório).

No que diz respeito às crises focais complexas, as pessoas afectadas perdem a consciência, permanecendo imóveis, com o olhar fixo e incapazes de reagir.

### 2.9.2.3. Síndrome de Rett

---

Síndrome de Rett (SR) é uma anomalia neurológica de causa genética que está na origem de desordens de ordem neurológica, acometendo quase exclusivamente crianças do sexo feminino (os meninos normalmente não resistem e morrem precocemente), envolvendo mutações, geralmente esporádicas, do gene conhecido como MecP2<sup>6</sup>. Com nascimento e desenvolvimento aparentemente normais até aos seis a 18 meses, as pessoas afectadas começam a partir de então a demonstrar os sinais clínicos da condição, que evolui em quatro estágios progressivos, mas não degenerativos. Esta perturbação está quase sempre associada a uma Deficiência Mental, podendo esta ser grave ou profunda, e compromete progressivamente as funções motoras e intelectuais, sujeitas a distúrbios de comportamento e dependência.

---

<sup>6</sup> MecP2 é um gene que fornece instruções para fazer a sua proteína do produto MECP2, também conhecido como MeCP2. MECP2 parece ser essencial para a função normal de células nervosas. Disponível na Internet:

[http://translate.google.pt/translate?hl=pt-PT&sl=en&u=http://en.wikipedia.org/wiki/MECP2&ei=9spTTrXXKlyM-waN2oW-Bg&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=1&ved=0CCsQ7gEwAA&prev=/search%3Fq%3DMecP2%26hl%3Dpt-PT%26rlz%3D1R2SUNC\\_pt-PTPT365%26biw%3D1280%26bih%3D599%26prmd%3Ddivns](http://translate.google.pt/translate?hl=pt-PT&sl=en&u=http://en.wikipedia.org/wiki/MECP2&ei=9spTTrXXKlyM-waN2oW-Bg&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=1&ved=0CCsQ7gEwAA&prev=/search%3Fq%3DMecP2%26hl%3Dpt-PT%26rlz%3D1R2SUNC_pt-PTPT365%26biw%3D1280%26bih%3D599%26prmd%3Ddivns) .

A criança não se desenvolve. Há uma desaceleração do crescimento do perímetro cardíaco, hipotonia, regressão de aquisições (fala ou marcha), alterações comportamentais (choro intenso aparentemente desmotivado e crises de irritabilidades longas, com auto-agressão), desvios no contacto social e na comunicação. A criança torna-se isolada, deixa de responder (linguagem) e brincar. O crescimento craniano, até então normal, demonstra clara tendência para o desenvolvimento mais lento. Aos poucos, deixa de manipular objectos, surgem movimentos estereotipados das mãos (contorções, aperto, bater de palmas, levar as mãos à boca, lavar as mãos e esfregá-las) sobrevivendo de seguida a perda das habilidades manuais.

Este distúrbio é de difícil recuperação, contudo, é possível verificar algumas melhorias em alguns aspectos, nomeadamente, na interacção social, quando as crianças afectadas se encontram no final da infância ou entram na adolescência. No entanto, as dificuldades de comportamento e linguagem persistem por toda a vida.

### **2.9.3. Musicoterapia aplicada às Deficiências Físicas**

---

A musicoterapia é muito utilizada em pessoas afectadas por deficiências físicas devido ao distúrbio que impede e limita o seu desenvolvimento normal. Estas deficiências são causadas por traumatismos e patologias diversas, como por exemplo, distrofia muscular, espinha bífida, lesões medulares por acidentes, etc.

Não existe um tratamento específico que possa parar ou reverter a progressão de qualquer tipo de distrofia muscular, uma vez que é genética e não podem ser prevenida.

A fisioterapia pode ajudar a prevenir deformidades, melhorar a movimentação e manter os músculos o mais flexíveis e fortes possível.

A musicoterapia, através da música e dos seus constituintes, promove o relacionamento, a mobilização, desenvolvendo as necessidades físicas, a fim de alcançar melhor qualidade de vida.

Como refere Rodrigo (2008, p. 47) “a musicoterapia é utilizada em conjunto com o tratamento médico e a fisioterapia, tentando obter progressos substanciais a nível de movimento, contribuindo para a aceitação da doença e dos seus sintomas, para a

diminuição da ansiedade, para as relações interpessoais, para um maior optimismo, uma maior motivação, e para o crescimento da auto-estima e da auto-realização.”

As técnicas utilizadas são variadas e dependem do grau de incapacidade: diálogo musical, viagens musicais, actividades plásticas com música, canto, jogos musicais, dança terapêutica, etc. No entanto, as viagens musicais são particularmente atractivas, podendo o indivíduo desligar-se do seu problema, necessitando porém, de atenção e imaginação, pois tende a cismar nos seus problemas.

### 2.9.3.1. Distrofia Muscular

---

*“O sintoma de distrofia muscular caracteriza-se por uma diminuição da força e volume do músculo afectado”* (Rodrigo, 2008, p. 46).

O termo distrofia muscular é a designação colectiva de um grupo de doenças musculares hereditárias progressivas, sendo sua principal característica a degeneração da membrana que envolve a célula muscular, causando-lhe a morte.

Esta começa nos primeiros anos de vida e afecta de maneira progressiva os membros e o tronco, o que, a pouco e pouco, impossibilita o caminhar. Além disso, podem aparecer lesões na coluna vertebral, deformações no pé e nos músculos da caixa torácica e do miocárdio, de modo que a expectativa de vida é consideravelmente curta.

As distrofias musculares mais frequentes são: a *Distrofia Muscular de Duchenne*, a *Distrofia Muscular de Becker*, a *Distrofia Muscular do Tipo Cinturas*, a *Distrofia Muscular Miotónica ou de Steinert* e a *Distrofia Muscular Fascio-escapulo-umeral*.

1. Distrofia Muscular de Duchenne – ocorre em crianças do sexo masculino e os problemas surgem logo que começa a caminhar. Caracteriza-se pela degeneração progressiva e irreversível da musculatura esquelética, levando a uma fraqueza generalizada.
2. Distrofia Muscular de Becker – ocorre na infância, a evolução é mais lenta do que a distrofia muscular de Duchenne.

3. Distrofia Muscular do Tipo Cinturas – caracterizada por uma fraqueza predominantemente na cintura pélvica (quadril e coxas) e escapular (ombros e braços). Os indivíduos afectados apresentam fraqueza nas pernas, com dificuldades para subir escadas e levantar objectos. Afecta ambos os sexos e pode manifestar-se na infância, adolescência ou na idade adulta.
4. Distrofia Muscular Miotónica ou de Steinert – afecta ambos os sexos numa frequência de um para oito a dez mil nascimentos, ocorrendo mais comumente em jovens adultos, em variadas idades e graus de severidade. Caracteriza-se por provocar dificuldades no relaxamento muscular após efectuar esforços como segurar um objecto, mas também apresenta alterações nos olhos, coração, sistema nervoso central, pele e ossos.
5. Distrofia Muscular Fascio-escapulo-umeral – afecta indivíduos de ambos os sexos, com mais frequência entre os 15 e 20 anos de idade. Atinge os músculos da face e cintura, levando a dormir de olhos abertos.

#### **2.9.4. Musicoterapia aplicada às Deficiências Mentais**

---

Durante muito tempo, no foro médico, “a deficiência mental foi apelidada de “oligofrenia”, isto é, foi uma enfermidade ou uma síndrome” (Scheerenberger, 1983 cit por Dias, 1999, p. 98). Recentemente, a DM é considerada uma deficiência congénita da função intelectual precocemente adquirida, ou seja, uma diminuição da inteligência.

Vazquez Velasco (1968) afirma que o “atraso mental não é uma doença com uma causa determinada, com sintomas próprios ou lesões anatómicas de determinados órgãos, mas sim um sintoma. Segundo este autor, “o atrasado mental não revela a inteligência que é normal existir na maior parte das pessoas da sociedade em que vive, pelo que, certamente, não se adaptará, inteligentemente, às suas exigências culturais” (Dias, 1999, p. 103).

A associação Americana de Deficiência Mental, adoptando a definição de Heber (1961), definiu “o deficiente mental como uma pessoa que tem um funcionamento intelectual inferior à média, afirmando ainda que o problema surge durante o período de

desenvolvimento e que está associado à deterioração da conduta que leva à adaptabilidade.” (Dias, 1999, p.106)

Em 1973, através de uma publicação da UNESCO, “especialistas afirmam que, embora cada indivíduo tenha o seu próprio desenvolvimento, a criança com atraso mental tem, normalmente, um desenvolvimento lento, atrasado e desigual, relativamente aos momentos e aos estádios evolutivos da maioria dos colegas da sua idade” (Dias, 1999, p. 107).

No entanto, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define o atraso mental como um “desenvolvimento geral incompleto ou insuficiente da capacidade intelectual, que pode ser grave, médio ou leve”. (Rodrigo, 2008, p. 48) Estabelecendo conforme o Quociente de Inteligência (QI - medida obtida por meio de testes desenvolvidos para avaliar as capacidades cognitivas (inteligência) de um sujeito, em comparação ao seu grupo etário), cinco categorias: limite, ligeiro, moderado, grave e profundo.

1. O **atraso mental limite** ou *borderline* (QI de 68 a 80), apesar de inicialmente poder passar despercebido, manifesta-se através de problemas na linguagem e na escrita, provocando insucesso escolar.
2. O **atraso mental ligeiro** (QI de 52 a 67), evidencia-se ao longo dos primeiros anos de vida, observando-se dificuldades de índole psicomotora e intelectual (por exemplo, na locomoção, linguagem ou capacidade de concentração). As crianças afectadas, não conseguem atingir um QI equivalente ao de uma criança de 11 anos, tendo um fraco rendimento numa escola normal, necessitando por isso de um ensino especializado.
3. O **atraso mental moderado** (QI de 36 a 51), normalmente provocado por lesões no sistema nervoso central, evidencia-se por dificuldades na locomoção, dicção, capacidade de concentração e compreensão, na aprendizagem e na memória. Regra geral, as crianças apresentam uma expressão que demonstra a falta de controlo adequado da musculatura facial, o que leva a criança a adoptar, inúmeras vezes, posições corporais atípicas. Além disso, devido ao seu estado de humor instável, costumam ser muito inquietas e manifestam tendência para rir e chorar facilmente, necessitando de uma educação especializada para aprenderem a comer, a vestirem-se e a limparem-se, alcançando o seu máximo desenvolvimento

intelectual entre os 10 e os 12 anos de idade, apesar de terem um QI equivalente ao de uma criança entre os 5 e os 8 anos.

4. O **atraso mental grave** (QI de 20 a 35) é provocado por alterações genéticas ou lesões orgânicas e evidencia-se pelo aspecto físico do recém-nascido ou pelas dificuldades da criança em manter-se de cabeça erguida, permanecer sentada, caminhar nos primeiros meses de vida. Realiza gestos repetidos com as mãos, dedos ou cabeça ou que permanece imóvel durante longos períodos. A criança conserva a capacidade de reagir instintivamente perante uma ameaça física e pode aprender, com o estímulo adequado, a reconhecer o seu nome e o das pessoas que a rodeiam, a utilizar os talheres, a vestir-se, a limpar-se e a controlar as necessidades fisiológicas. No entanto, precisa de ser constantemente acompanhada por uma pessoa responsável e o topo do seu desenvolvimento intelectual, atingido entre os 8 e os 10 anos de idade, raramente supera o QI médio de uma criança de 5 anos.
  
5. O **atraso mental profundo** (QI inferior a 20), sempre provocado por lesões neurológicas muito graves, manifesta-se logo após o nascimento, pois o bebé não reage com normalidade aos estímulos. Estes bebés encontram-se num estado praticamente vegetativo, necessitam de acompanhamento constante e não chegam a superar o QI de uma criança de 3 anos de idade.

Por outro lado, a Associação Psiquiátrica Americana (APA), define o atraso mental como “uma capacidade intelectual muito baixa da média”, distinguindo apenas quatro níveis de gravidade que reflectem o grau de comprometimento intelectual:

1. Leve (de 50-55 a 70).
2. Moderado (de 35-40 a 50-55).
3. Grave (de 20-25 a 35-40).
4. Profundo (abaixo de 20-25).

Apesar das diferenças entre a classificação OMS e APA, só interessa à musicoterapia conhecer as medidas que permitem adaptar o tratamento ao grau de atraso do indivíduo. Mais recentemente, DM é a designação que caracteriza os problemas que ocorrem no cérebro e levam a um baixo rendimento, mas que não afectam outras regiões ou áreas cerebrais.

As pessoas vão beneficiar em muito da musicoterapia, das sessões em grupo, assim como das técnicas como a improvisação e o diálogo musical, a dança terapêutica, as viagens musicais e o canto. Convém que o grupo seja homogêneo e as sessões sejam pelo menos uma por semana com a duração de 30 a 45 minutos. A musicoterapia é um recurso importante para trabalhar as partes do processo de linguagem e a percepção corporal (através da dança), permitindo que a criança possa ter contacto consigo mesma e com o outro, integrando-a no seu meio.

Serafina Poch, no primeiro volume do seu *Compêndio da Musicoterapia* (1999), recomenda começar cada sessão com uma simples saudação, do tipo “Bons dias”, “como estás?”, em que a criança deverá responder também cantando; continuar com uma fase de identificação pessoal, sendo apropriada a técnica de Orff-Schulwerk; depois a identificação temporal, que tem por objectivo fechar a criança à realidade temporal (dia da semana, estação do ano ...); seguindo com os conteúdos da sessão estabelecidos e os objectivos para cada indivíduo; e por fim, a despedida (Rodrigo, 2008, p. 50).

*“A música relaxa e tranquiliza as crianças”* (Santos, (s/d)).

O trabalho com os instrumentos musicais, em casos de atrasos mentais, pode exigir, primeiro contacto com os instrumentos, realizado de forma individual e depois a execução dos instrumentos em grupo. Os instrumentos aplicados podem ser de muitos tipos, mas sempre adaptados a cada pessoa exercendo especial atracção os instrumentos da família da percussão (tambor, bombo, pandeireta, maracas, caixa chinesa, etc.).

Na educação, a musicoterapia pode auxiliar no desenvolvimento psicopedagógico e em dinâmica de grupo em sala de aula.

#### **2.9.4.1. Síndrome Alcoólica Fetal**

---

O consumo de álcool durante a gravidez é uma questão polémica, porque, embora a abstenção total de bebidas seja a recomendação oficial do Ministério da Saúde e da maioria dos médicos, na prática, muitas grávidas sempre acabam por ouvir de alguém que um golinho de álcool aqui ou ali não faz mal nenhum. Infelizmente, essas medidas “aqui e ali” podem levar a abusos por parte da mãe e graves consequências futuras para o bebé. O álcool contido nas bebidas alcoólicas passa facilmente através da

placenta para o feto em desenvolvimento, que pode vir a nascer com problemas comportamentais, motores, físicos e mentais.

A síndrome do alcoolismo fetal (SAF), o termo usado para descrever o dano sofrido por alguns fetos quando a mãe ingere álcool durante a gravidez, foi identificada pela primeira vez por volta de 1970. Dependendo da fase da gravidez e da quantidade ingerida, o álcool na corrente sanguínea materna pode ter efeito tóxico sobre o feto em formação. O defeito varia de leve a grave, causando gestos desajeitados, problemas de comportamento, falta de crescimento, rosto desfigurado, atraso mental, etc..

*“Quando Malcolm nasceu, meu coração se partiu”*  
(Ellen cit por Steinmtz<sup>7</sup>)

Ellen acrescentou ainda “naquela época, eu bebia uma garrafa de vodka por dia. Estava tão fora da realidade que nem sabia que estava grávida de dois meses. Assim que descobri parei de beber, mas o dano já estava feito.”

Os bebês nascidos com a síndrome costumam apresentar malformações na face (lábio superior bem fino, nariz e maxilar de tamanho reduzido), cabeça menor que a média, anormalidades cerebrais (apresentando falta de coordenação motora, distúrbios de comportamento e atraso mental), malformações em órgãos como rins, pulmões e coração. Quando vão para a escola, geralmente, enfrentam dificuldades de aprendizagem, memorização e atenção.

"As dificuldades de aprendizagem geram problemas muito abrangentes para o futuro da criança. A repercussão é para a vida toda. Elas acabam com menos oportunidades profissionais, incapazes de manter relacionamentos afectivos ou fazer amizades", afirma Hermann Grinfeld, pediatra com mais de 40 anos de experiência e investigador dos efeitos do consumo de álcool na gravidez.

O tratamento mais eficaz nesta doença é, por assim dizer, a sua prevenção, a qual pode ser feita na totalidade, desde que a gestante não beba. O ideal seria que as mulheres que se dispõem a engravidar deveriam parar de beber o mais cedo possível. O risco mais elevado para o feto em desenvolvimento ocorre no 1º trimestre, no entanto, beber excessivamente até estádios avançados de gravidez também pode causar problemas graves.

---

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.taps.org.br/Paginas/smentalartigo03.html>.

### 2.9.5. Musicoterapia aplicada ao Autismo

---

*“Toda vez que ouvimos uma bela música, seleccionamos uma impressão que se entrelaçará com a harmonia do nosso desenvolvimento”*  
(F. A. Newhouse cit por Lingerman, 1983, p. 17).

O autismo é mais conhecido como um problema que se manifesta numa alteração “cerebral/comportamental” que afecta a capacidade da pessoa comunicar, de estabelecer relacionamentos e de responder apropriadamente ao ambiente que a rodeia. Algumas das crianças parecem fechadas e distantes e outras parecem presas a comportamentos restritos e a rígidos padrões de comportamento.

Em bibliografia especializada, encontramos várias referências à atenção e sensibilidade excepcionais que as crianças com perturbações do espectro do autismo revelam face a estímulos musicais, assim como responder positivamente à música (DeMyer 1974; Edgerton, 1994; Euper, 1968; Snell, 1996; Thaut, 1992).

Thaut (2000, p. 177 cit por Faria, 2008, p. 78) “observou respostas num grupo de crianças autistas que revelaram uma memória melódica excepcional, o reconhecimento quase imediato de excertos de música clássica, e um extraordinário interesse por tocar piano, cantar e ouvir música” (Faria, 2008, p. 78).

Pronovost (1961 cit por Faria, 2008, p. 78) “descobriu na sua investigação com doze crianças autistas que estas respondiam mais positivamente a estímulos musicais que a outro tipo de estímulos ambientais e tinham mais interesse pelos primeiros” (Faria, 2008, p. 78).

Ainda citado pela AMTA – Associação Americana de Musicoterapia “pessoas com diagnóstico de espectro do autismo, geralmente, mostram um elevado interesse e resposta à música, tornando-se numa excelente ferramenta para trabalhar com elas” (American Music Therapy Association<sup>8</sup>, p.1). Esta acrescenta ainda “que a música é uma resposta muito humana básica, abrangendo todos os graus de capacidade/incapacidade.”

A musicoterapia aplicada em autistas tem dado resultados positivos, pois a música é uma ponte de comunicação que atinge em primeiro lugar a emoção e depois as reacções físicas. Esta provoca em nós estados de espírito, como um sonho, que nos

---

<sup>8</sup> Disponível em [www.musictherapy.org](http://www.musictherapy.org).

transfere energias positivas contribuindo para o equilíbrio da personalidade, para a paz da psique e para o fortalecimento da alma. A música favorecerá a livre expressão de sentimentos e emoções, possibilitando um acesso imediato ao autista. “Conseguir uma mínima comunicação, um certo «feed-back», por pequeno que seja, constitui todo um desafio; contudo, também pode garantir que a presença do primeiro resultado positivo, os primeiros sinais de progresso, é uma das experiências mais encorajadoras e gratificantes para o profissional” (Rodrigo, 2008, p. 55).

Os musicoterapeutas são capazes de atender qualquer indivíduo adequando-se aos seus próprios níveis e permitir-lhes crescer a partir daí. O facto de a música ser bastante maleável faz com que um meio possa ser adaptado para atender às necessidades de cada indivíduo.

O objectivo da musicoterapia com crianças autistas consistirá essencialmente em superar a barreira do isolamento, entrar no seu mundo interior e abrir canais de comunicação. Portanto, a criança deve estar motivada e interessada na música para que haja estabelecimento de pontes de comunicação, sem que isso se torne “um refúgio para auto-disfrute pessoal”. A ponte de comunicação entre terapeuta e paciente deve apresentar-se num contexto perceptível como não ameaçador, entre as pessoas e entre estas e o seu ambiente, para que seja possível fomentar relações, aprendizagens, auto-expressão e comunicação.

Atesta Lacárcel, no seu livro *Musicoterapia em Educação Especial* (1990 cit por Rodrigo, 2008, p. 58) que o autista “gosta de escutar música sozinho porque pode seguir livremente seu próprio ritmo interior (...).”

As crianças autistas “são muito sensíveis aos elementos harmónicos da música e captam extraordinariamente o ritmo”, pois têm um gosto particular por músicas de tipo melódico/emocional, músicas relaxantes e com o tempo lento. A interacção entre terapeuta e autista é promovida através dos estímulos musicais que têm propriedades que captam e ajudam a manter a atenção, pois são altamente motivadoras e atractivas, podendo ser usadas como reforço natural para respostas pretendidas, auxiliando também aqueles que não comunicam verbalmente.

Entre as actividades a realizar com os autistas estão as audições, diálogos musicais, a dança, a expressão corporal, as viagens musicais e as dramatizações com música.

As fontes de conhecimento da criança são as situações que ela tem oportunidade de viver no dia-a-dia. Dessa forma, quanto maior a riqueza de estímulos que ela receber melhor será seu desenvolvimento intelectual. Neste sentido, ao trabalhar com os sons, ela desenvolve a sua acuidade auditiva; ao acompanhar gestos ou dançar, ela trabalha a coordenação motora, o ritmo e a atenção; ao cantar ou imitar sons, descobre as suas capacidades e estabelece relações com o ambiente em que vive.

Precisamente, um estudo publicado pelo *Journal of the American Medical Association* “reconhece a eficácia da interacção musical com indivíduos autistas. A conversa não verbal entre uma criança autista, tocando tambor, e a sua terapeuta ao piano (diálogo musical), resultou ser uma grande ajuda para tirar a criança do isolamento e sigilo.” E como diz Clive E. Robbins, do Centro de Terapia Musical Nordoff-Robbins, da Universidade de Nova Iorque, “quando uma criança é incapaz de relacionar-se com êxito na vida, ou de manter relações humanas, ou tem dificuldade na comunicação, esta improvisação pode ser muito eficaz” (Rodrigo, 2008, p.64).

As actividades musicais favorecem a inclusão da criança com autismo pelo seu carácter lúdico e de livre expressão, pois não apresentam pressões nem cobranças de resultados. São uma forma de aliviar e relaxar a criança, auxiliando a desinibição, contribuindo para o envolvimento social, despertando noções básicas de respeito e consideração pelo outro e abrindo espaço para outras aprendizagens.

No que respeita às actividades com instrumentos musicais, os autistas sentem-se particularmente atraídos por instrumentos da família das cordas (e.g., harpa, piano, lira, guitarra, ...) e da família da percussão (xilofone e metalofone).

Sucintamente, a música é considerada como um meio de expressão não verbal, é um tipo de linguagem que facilita relacionamentos, aprendizagem, auto-expressão e comunicação, pois ajuda a manter a atenção. Ao ser motivadora e envolvente, a música desenvolve a comunicação e a exteriorização de sentimentos, permitindo às pessoas descobrir ou redescobrir o que há no seu interior e partilhá-lo com os seus pares.

### 3. Necessidades Educativas Especiais

---

*“Partindo da premissa de que todos os alunos precisam, ao longo da sua escolaridade, de diversas ajudas pedagógicas de tipo pessoal, técnico ou material, com o objectivo de assegurar a consecução dos fins gerais da educação, as necessidades educativas especiais atribuem-se àqueles alunos que, para além disso, e de forma complementar, podem precisar de outro tipo de ajudas menos usuais. Desta maneira, uma necessidade educativa descreve-se em termos daquilo que é essencial para a consecução dos objectivos da educação”* (Jiménez, 1991, cit por Dias 1999, p. 55).

Ao longo dos tempos, sempre existiram pessoas diferentes. A reflexão por parte da sociedade, em relação às pessoas deficientes, como nos refere Fernandes (2002), “tem variado ao longo da história, dependendo das características económicas, religiosas, políticas, isto é, da cultura da época”. Foi a pensar nas crianças com problemas, quer tenham ou não deficiências, que surgiu o termo NEE. A designação de NEE, através da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) passou a proclamar o direito de todos os alunos a uma educação na escola regular, passando a abranger todas as crianças e jovens, cujas necessidades envolvam deficiência ou dificuldade de aprendizagem.

Actualmente considera-se que um aluno com NEE, quando apresenta uma dificuldade na aprendizagem durante a escolarização que requer uma medida educativa especial, “exija uma atenção mais específica e maiores recursos educativos que os necessários para os restantes colegas da mesma idade” (Giné, 1987, cit por Dias, 1999, p. 57).

Assim sendo, consideram-se com NEE as crianças que abrangem dificuldades de aprendizagem, os desafios da comunicação, distúrbios do desenvolvimento, comportamento e transtornos emocionais, deficiências físicas, emocionais, sociais e psicológicas, que não lhe permite atingir, da mesma forma que os outros, exigindo o recurso a currículos especiais, modificados, ou a condições de aprendizagem especialmente adaptadas.

Em EE, procura-se formar personalidades emocionalmente estáveis, capazes de alcançar melhor qualidade de vida, não subjacente aos cuidados de terceiros. Estes alunos necessitam de apoio educativo diferenciado, com o objectivo de serem ajudados no seu desenvolvimento e na sua aprendizagem, utilizando todo o seu potencial, para

que possam viver como cidadãos activos. Pretende-se, portanto, que o indivíduo se integre na sociedade. Além disso, estudantes com estes tipos de necessidades especiais são susceptíveis de beneficiar de outros serviços educacionais, diferentes abordagens para o ensino, e do acesso a recursos como salas equipadas com adequada tecnologia.

É relevante ressaltar a importância que se tem vindo a dar às reais necessidades e potencialidades da criança, sem nunca esquecer o papel da família e delinear um plano bem conseguido com objectivos que preencham essas necessidades. Como refere Correia (2003, p.9):

*“(...) a criança com necessidades educativas especiais real não se alimenta de sonhos, mas sim, de práticas educativas eficazes que têm sempre em linha de conta as suas capacidades e necessidades. É o conhecimento real que nos faz distinguir entre o que faz sentido e o que não faz, que nos faz sentir a verdadeira aceção dos termos necessidades educativas especiais”.*

No entanto, NEE nem sempre significa deficiência física ou intelectual, afectando apenas os alunos até agora considerados casos típicos de EE. Qualquer um de nós pode necessitar de um apoio suplementar para ultrapassar algumas dificuldades na aprendizagem. Felizmente, graças às alterações propostas pelo recente Decreto-Lei, para as condições educativas, qualquer aluno receberá o apoio adequado para superar as suas dificuldades.

Posto isto, podemos concluir que a detecção e avaliação das NEE é fundamental para que se possa iniciar o processo educativo das crianças com problemas, uma vez que se adopta actualmente um modelo de classificação da funcionalidade dinâmico, interactivo e multidimensional, tendo por referência o Sistema de Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001), em que as questões da funcionalidade dos indivíduos são vistas à luz de um modelo que abrange diferentes dimensões, resultando a funcionalidade de uma contínua interacção entre a pessoa e o ambiente que a rodeia.

Torna-se interessante ver o resumo apresentado por Gallardo y Gallego (1993), citados por Jiménez (1997)<sup>9</sup>, em que são comparados os termos **Educação Especial** e **Necessidades Educativas Especiais**, e que, seguidamente, apresentamos no 6:

---

<sup>9</sup> Informação disponível na Internet: <http://mdsousa.no.sapo.pt/nee.htm> .

**Quadro 6:** Diferenças entre NEE e EE – Gallardo y Gallego (1993) citado por Jiménez (1997)

Necessidades Educativas Especiais	Educação Especial
–Termo mais amplo, geral e propício para a integração escolar.	–Termo restritivo carregado de múltiplas conotações pejorativas.
–Faz-se eco das necessidades educativas permanentes ou temporárias do aluno. Não é nada pejorativo para o aluno.	–Costuma ser utilizado como «etiqueta» de "diagnóstico".
–As NEE referem-se às necessidades educativas do aluno e portanto, englobam o termo Educação Especial.	–Afasta-se dos alunos considerados normais.
–Estamos perante um termo cuja característica fundamental é a sua relatividade conceptual.	–Predispõe para ambiguidade e arbitrariedade, em suma, para o erro.
–Admite como origem das dificuldades educativas e/ou desenvolvimentais, uma causa pessoal, escolar ou social.	–Pressupõe uma etiologia estritamente pessoal das dificuldades educativas e/ou de desenvolvimento.
–Refere-se ao currículo normal e idêntico sistema educativo para todos os alunos.	–Contém implicitamente referência a currículos especiais e, por, isso, a Escolas Especiais.
–As suas implicações educativas têm um carácter marcadamente positivo.	–Tem implicações educativas de carácter marginal, segregador.
–Fomenta as adaptações curriculares e as adaptações curriculares individualizadas que partem do esquema Curricular Normal.	–Faz referência aos PEI partindo de um Esquema Curricular Especial.

Extraído de Jimenez, 1997

Como refere Jiménez (1997, p. 11) o importante é que a escola seja um factor integrador, um “modelo de uma escola para todos.”

### 3.1. Tipos de Necessidades Educativas Especiais

---

O conceito de NEE só foi adoptado e redefinido a partir da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), passando a abranger todas as crianças e jovens cujas necessidades envolvam deficiências ou dificuldades de aprendizagem, e passou a abranger tanto as crianças com perturbações como as sobredotadas, bem como crianças de rua ou em situação de risco, as que trabalham, as de populações remotas ou nómadas, as pertencentes a minorias étnicas ou culturais, as crianças desfavorecidas ou marginais, bem como as que apresentam problemas de conduta ou de ordem emocional.

NEE são, como vimos, aquelas que resultam de limitações significativas ao nível da actividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente.

As NEE podem considerar-se de dois tipos: as permanentes e as temporárias. Sendo que as permanentes, comportam a deficiência visual, auditiva, motora, mental e o espectro do autismo. A sua etiologia é biológica, inata ou congénita, ainda que os problemas possam decorrer de factores ambientais.

As NEE de carácter temporário abrangem problemas de socialização, de comportamento e de aprendizagem.

*«É este o grande grupo que aflige a escola e a que esta responde com medidas de educação especial; no entanto, estes casos relevam sobretudo de uma educação de qualidade e diversificada e não de educação especial»* (Bairrão, 1998, pp. 29 e 30)<sup>10</sup>

#### 3.1.1. NEE Permanente

---

As características e necessidades dos alunos com “NEE permanentes” exigem uma adaptação curricular **generalizada** que é objecto de avaliação sistematizada. Tais adaptações mantêm-se ao longo de grande parte ou de todo o percurso escolar do aluno. São NEE que dizem respeito a indivíduos que apresentam alterações significativas no seu desenvolvimento, ou seja, problemas orgânicos, funcionais e/ou culturais graves.

---

<sup>10</sup> Disponível na Internet: <http://pt.scribd.com/doc/2671208/NECESSIDADES-EDUCATIVAS-ESPECIAIS-DA-IDENTIFICACAO-A>.

Estas NEE podem ser classificadas do seguinte modo:

- De carácter intelectual, as quais são designadas por DM (problemas de comunicação), com vários graus: ligeira, moderada, severa ou profunda.
- De carácter sensorial, podendo-se distinguir a Deficiência Visual (cegos e indivíduos de baixa visão) e a Deficiência Auditiva (surdos e hipoacúsicos).
- De carácter motor, Deficiência Motora que inclui os paraplégicos, os tetraplégicos e os que apresentam outros problemas motores.
- De carácter emocional, como é o caso dos psicóticos e dos que têm outros problemas de comportamento.
- De carácter sociocultural, os grupos culturais marginais e as pessoas que têm défices socioculturais e económicos.

Estes alunos, caso o programa não esteja em consonância com as suas características, podem apresentar insucesso escolar.

#### **3.1.1.1. NEE de carácter Processológico**

---

Os alunos com problemas processológico são alunos provenientes de problemas relacionados essencialmente com a recepção, organização e expressão da informação, são geralmente designados por alunos com dificuldades de aprendizagem, caracterizando-se, por uma discrepância acentuada entre o potencial estimado do indivíduo (inteligência na média ou acima da média) e a sua realização escolar que é abaixo da média numa ou varias áreas académicas.

### **3.1.1.2. NEE de carácter Emocional**

---

Nesta categoria enquadram-se todos os alunos cuja problemática emocional ou comportamental alicia comportamentos de tal forma desapropriados que levam à ruptura dos ambientes em que eles se inserem. Este grupo caracteriza-se por perturbações de tal maneira graves que põem em causa quer o sucesso escolar, quer mesmo, a sua segurança e as daqueles que os rodeiam. Nela se incluem as psicoses e quaisquer outros problemas graves de comportamento.

### **3.1.1.3. NEE de carácter Motor**

---

Integram-se nesta categoria todos aqueles cujas capacidades físicas foram alteradas devido a problemas de origem orgânica ou ambiental, vindo a provocar incapacidades do tipo manual e/ou mobilidade. As categorias mais comuns deste grupo são: a paralisia cerebral, a espinha bífida, a distrofia muscular, embora possamos encontrar outros problemas motores derivados de problemas respiratórios graves, amputações, poliomielites e acidentes que venham afectar os movimentos de um indivíduo.

### **3.1.1.4. NEE de carácter Sensorial**

---

No grupo dos problemas sensoriais incluem-se os alunos cujas capacidades visuais ou auditivas estão afectadas. No que diz respeito à visão, podemos considerar duas subcategorias: os cegos e os amblíopes. Os cegos são aqueles cuja incapacidade os impede de ler, seja qual for o tamanho da letra, tendo de recorrer ao sistema Braille. Os amblíopes, mesmo tendo em conta o grau de severidade do problema, são capazes de ler desde que efectuem modificações no tamanho das letras.

No que diz à audição, dividem-se em duas subcategorias: os surdos e os hipoacústicos. Os surdos apresentam uma perda de audição igual ou superior a 90 decibéis, necessitando de um qualquer tipo de comunicação alternativa. Os

hipoacústicos apresentam uma perda auditiva entre os 26 e os 89 decibéis, necessitando de um qualquer tipo de aparelho de amplificação, de modo a facilitar-lhes a audição.

Para além destes grupos, há que considerar aqueles que apresentam problemas relacionados com a saúde e que se integram na categoria de outros problemas de saúde. Neste grupo, incluem-se os sujeitos com asma, diabetes, hemofilia, cancro, sida, epilepsia, etc. Igualmente se incluem aqueles sujeitos vítimas de traumatismo craniano.

### 3.1.2.NEE Temporárias

---

As características e necessidades dos alunos com “NEE temporárias”, exigem uma adaptação curricular **parcial**, adaptando-se o currículo às características do aluno num determinado **momento** do seu desenvolvimento e percurso educacional. Refere Correia (1997 cit in Faria, 2008, p. 46) que «*Geralmente, podem manifestar-se como problemas ligeiros de leitura, escrita ou cálculo ou como problemas ligeiros, atrasos linguísticos ou socioemocionais*».

Neste grupo, encontram-se inseridas as crianças:

- Que têm problemas ao nível do desenvolvimento das suas funções superiores, isto é, no desenvolvimento motor, perceptivo, linguístico ou sócio-emocional.
- As que representam problemas relacionados com a aprendizagem da leitura, escrita e cálculo.

## PARTE III – ESTUDO EMPÍRICO

---

### 1. Método

---

*“Essas crianças são tão interessantes quanto as outras... (...) Elas têm dificuldades para se movimentar e para se exprimir mas vivem como as outras (...) Lê-se isso no olhar delas (...)”*  
(Vayer & Roncin, 1922, p. 78).

Para atingirmos os objectivos propostos neste estudo, é essencial examinar a concordância entre a problemática da investigação, os objectivos definidos e as hipóteses delimitadas.

A metodologia foi seleccionada depois de termos executado uma revisão bibliográfica e pesquisa documental, assentando todo o corpo teórico e conceptual do nosso estudo.

Nesta parte, estão patentes as etapas para a concretização deste estudo, nomeadamente a justificação da metodologia utilizada, os participantes, a caracterização da amostra, os instrumentos e técnicas de recolha, tratamento e análise de dados e os procedimentos utilizados.

#### 1.1. Opção Metodológica

---

*«Eu não poderia trabalhar com os deficientes, pois teria um sentimento de constrangimento, de piedade... eu, que tenho todas as minhas capacidades (...) Eu não saberia o que fazer... seria incapaz de trabalhar com eles (...) Eu queria ajudá-la, mas não tenho a certeza de conseguir...”*  
(Vayer & Roncin, 1922, pp. 80 - 101).

Esclarecidas das questões desenvolvidas teoricamente, consideramos que a metodologia que melhor se adequa a esta investigação é a metodologia de investigação de natureza qualitativa, uma vez que nos permite estudar a realidade sem a fragmentar e sem a descontextualizar. Trata-se de uma abordagem metodológica de investigação sobretudo adequada quando temos como objectivo compreender, explorar ou descrever

acontecimentos e contextos complexos, onde estão envolvidos conjuntamente variados factores. Portanto, ajuda-nos a particularizar e compreender todos os fenómenos de uma forma complexa e única, possibilitando uma noção pormenorizadamente das dificuldades demonstradas pelas crianças e subsequentemente, conjugar a necessidade do docente em correlacionar estratégias e implementá-las com dedicação que permita alcançar novos estímulos, benefícios e que seja, sobretudo, um recurso pedagógico no processo ensino-aprendizagem, alcançando conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida.

Mertens e Coleman (2005) consideram que “a investigação qualitativa é particularmente útil quando o fenómeno de interesse é muito difícil de medir ou não se mediu anteriormente”.

O fundamento principal deste estudo não assenta na intenção de encontrar explicações ou conclusões generalistas, visto que este não pressupõe a manipulação ou controlo de variáveis, nem impõe relação causa-efeito. No entanto, todo o projecto parte de uma pergunta de partida: *Em que medida as aprendizagens da Educação Musical e a utilização de técnicas terapêuticas beneficiarão o desenvolvimento cognitivo, comportamental e emocional de um aluno com Necessidades Educativas Especiais?*

Nesta investigação o investigador torna-se um “actor externo”, pois entra em acção sem influenciar a amostra, classificando e organizando os dados, a partir de observações, participações ou das interpretações que vai efectuando ao longo da investigação.

Procedemos em primeiro lugar, a uma recolha e leitura de diferentes obras relacionadas com a temática, uma leitura exaustiva que conseqüentemente, projectada de forma resumida. Uma vez que a investigação assenta num problema específico, a procura é localizada, Educação Musical/Musicoterapia direccionada para a Educação Especial.

## 1.2.Participantes

---

*"Ser educador é ser um poeta do amor. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência"*  
(Cury, 2005).

Como participantes deste estudo considerámos quatro crianças/adolescentes com perturbações (Espectro do Autismo, Síndrome Alcoólico Fetal, Paralisia Cerebral nomeadamente com Distonia dos membros, Epilepsia, Atraso cognitivo global, Estereótipos – clínica compatível com Doença de Rett), com idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos, do Pré-escolar, 1.º e 2.º Ciclo; uma professora do Ensino Especial, três Professores de Música e uma Terapeuta ocupacional (estimulação multissensorial).

Os alunos que foram alvo de estudo frequentam escolas diferentes, mas todas elas inseridas no mesmo Agrupamento e apoiados pela Educação Especial.

Três destes alunos frequentam a Unidade Especializada de Multideficiência, onde tem apoio de dois professores de Educação Especial e duas tarefeiras enquanto o outro aluno frequenta o jardim-de-infância e é acompanhado duas vezes por semana pela professora de Educação Especial.

De forma a obter melhor adequação dos participantes às questões e aos objectivos da investigação, recorreremos a uma selecção não aleatória dos mesmos, isto é, a uma mostragem não probabilística, uma vez que se trata de uma investigação de cariz exploratório qualitativo.

## 1.3.Caracterização da Amostra

---

### 1.3.1.Identificação de Características Pessoais

---

*“Eu sou quem sou, sou como sou,  
Sou um ser humano, como muitos são.  
Com uma personalidade diferente e quase sempre com razão.  
Percorro caminhos longínquos,  
Aqueles que o destino me reserva,  
Adorava que fosse tudo mais fácil  
Para não ter grande perda.*

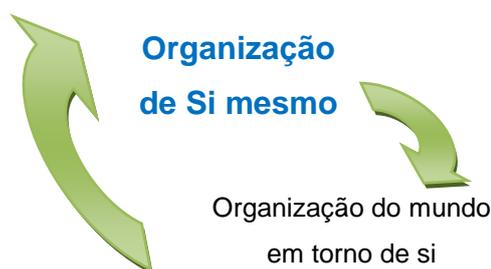
*Confesso-me também forte por fora na minha aparência,  
Fraco por dentro, mas com paciência.  
Adorava poder escolher os caminhos por onde ir,  
A vida que poderei levar certa,  
Perfeita e sem razões para me matar”*  
(Miguel Lima)

A identificação das características pessoais é uma questão de sensibilidade. Mais que isso. É consequência de um razoável conhecimento da natureza humana e das repercussões que a tarefa impõe à pessoa que irá desempenhá-la.

Para Rogers, a criança possui ao nascer dois sistemas inatos. Um sistema de motivação (...) e um sistema inato de controlo, que constitui os processos de auto-avaliação. (Rogers cit por Vayer & Roncin, 1992, p. 11)

A originalidade da pessoa envolve uma cultura, uma vez que vive no seio do meio familiar, constituindo um sistema social com uma organização particular.

**Figura 1:**Originalidade da pessoa - Vayer & Roncin (1992)



Adaptado de Vayer & Roncin, 1992, p. 14

*“Somos membros de uma família, representantes de uma cultura ou parte do universo”* (Silva, 2009, p.59).

Desenvolvemos também características particulares que se manifestam de modo visível nos traços de personalidade, nos comportamentos e nas capacidades gerais, não apagando as características originais, mesmo aquelas que se vão adaptando ao meio ambiente. A característica de se ser original pode ser acrescida pelo desejo de exprimir a sua autonomia, afirmando o reconhecimento pelos outros.

A vida que nos rodeia, cria um percurso evolutivo de crescimento pessoal e social, que definimos como carácter.

Somo personalidade com ou sem condição física e/ou mental. “Não há igualdade entre os indivíduos, há somente diferenças” (Jacquard, 1978 cit por Vayer & Roncin, 1992, p. 16).

Desta feita, identificámos a nossa amostra com características pessoais e plausíveis de apreciação.

• **A**

---

**Nome:** A

**Idade:** 5 anos

**Diagnóstico/Grau:** Autismo

O **A** caracteriza-se por evidenciar grandes dificuldades no desenvolvimento das capacidades básicas necessárias para a execução de um conjunto integrado de acções ou tarefas de maneira que, ao adquirir essa competência, consiga iniciar e concluir a sua execução, tais como participar em jogos.

Não consegue realizar uma tarefa simples, por não permanecer tempo suficiente na tarefa. Deambula pela sala do jardim e entretém-se muito pouco tempo com os objectos em que pega, não realizando o jogo simbólico imitativo.

No domínio da fala, a criança apenas comunica através de gritos e vocalizações, com inexistência de mensagens verbais constituídas por palavras e frases. Quanto à produção de mensagens não verbais, a criança tende a puxar o adulto quando quer algo. É com enorme dificuldade que reage apropriadamente aos sinais e mensagens que ocorrem nas interacções sociais, não se apercebendo da chegada de um colega da sala que tenta brincar com ele, ignorando e evitando a interacção.

No âmbito da educação pré-escolar, é com muitas dificuldades que realiza uma aprendizagem num nível inicial de instrução organizada, concebido essencialmente para introduzir a criança no ambiente escolar e prepará-lo para o ensino obrigatório.

Relativamente às funções psicomotoras, de controlo dos eventos motores e psicológicos a nível do corpo, é de salientar alguma agitação psicomotora, em geral não

produtiva e com frequência, como por exemplo, alguns maneirismos motores repetitivos, como o abanar das mãos e as vocalizações.

Nas funções da percepção, são algumas as limitações relacionadas com o reconhecimento e a interpretação dos estímulos sensoriais.

As funções mentais específicas de reconhecimento e utilização de sinais, símbolos e outros componentes de uma linguagem encontram-se francamente comprometidos, nomeadamente na recepção e descodificação da linguagem oral e na linguagem de sinais. Na linguagem compreensiva, tem dificuldades perante situações que não fazem parte da rotina. Na linguagem expressiva, emite apenas gritos e certas vocalizações, sem grande intenção comunicativa.

No domínio da música, revela sensibilidade aos sons e demonstra agrado e interesse por actividades musicais.

## • G

**Nome:** G

**Idade:** 12 anos

**Diagnóstico/Grau:** Autismo

O **G** caracteriza-se por ser uma criança emocionalmente instável, tem períodos mais ou menos longos em que se auto agride e grita.

Ao nível das aprendizagens e aplicação de conhecimentos, nomeadamente em observar; ouvir, revela dificuldade completa. Apresenta dificuldades graves, nas percepções sensoriais intencionais, na aquisição de competências e no adquirir competências e concentrar a atenção. Nas aprendizagens básicas (no imitar) e na interacção com os objectos apresenta dificuldade completa.

Ao nível das tarefas e exigências gerais, apresenta dificuldade completa em levar a cabo uma única tarefa.

Ao nível da comunicação apresenta dificuldade completa em comunicar e receber mensagens orais, em comunicar e receber mensagens não verbais revela dificuldades graves, assim como, em produzir mensagens não verbais.

Ao nível da mobilidade apresenta dificuldade completa em mover objectos com os membros inferiores; actividades de motricidade fina da mão; utilização da mão e do braço, utilização de movimentos finos do pé.

Ao nível de auto-cuidados apresenta dificuldade completa na higiene pessoal, nomeadamente em lavar-se; cuidar das partes do corpo; etc.

Nas interacções e relacionamentos interpessoais básicos revela dificuldade completa.

As dificuldades do G estão centradas principalmente na sua reduzida capacidade de Atenção/Concentração e na sua agressividade. Apresenta forte instabilidade comportamental e emocional. Apresenta dificuldades cognitivas. Em actividades manuais o aluno consegue pintar, colar, dobrar, com ajuda.

Em relação à motricidade, o aluno não controla as suas capacidades motoras, anda, corre, gatinha, muda de direcção, rebola com ajuda. Salta pequenos obstáculos. Não gosta de participar nas actividades lúdicas.

No domínio da música, não revela sensibilidade aos sons e demonstra desagrado e desinteresse em novas actividades musicais. Gosta muito da canção “O Piriquito” e de manusear instrumentos musicais.

## • P

**Nome:** P

**Idade:** 14 anos

**Diagnóstico/Grau:** Síndrome Alcoólico Fetal / Traços Autistas

O **P** é uma criança simpática, mas bastante introvertida e tímida.

Quanto à aprendizagem e aplicação de conhecimentos, necessita de apoio individualizado para concretizar as tarefas. Os seus períodos de concentração são extremamente curtos pelo que é necessária a ajuda do adulto para que concretize o que lhe é pedido. Apresenta dificuldades graves no imitar; adquirir competências para utilizar instrumentos de escrita e concentrar a atenção, dificuldades moderadas em

aprender através da interacção com os objectos, adquirir informação e dirigir a atenção. Manifesta dificuldade ligeira no observar e no ouvir.

Na realização de tarefas e exigências gerais, revela dificuldades graves em realizar uma tarefa simples; seguir rotinas e controlar o seu próprio comportamento.

Na comunicação, o aluno possui linguagem expressiva mas é pobre e repetitiva, no entanto, verifica-se que em situação de “nervosismo”, o aluno comunica de forma mais fluida. Na linguagem receptiva compreende ordens simples, mas demonstra dificuldades graves em comunicar e receber mensagens não verbais e conversação, dificuldades moderadas em compreender mensagens faladas complexas; falar e produzir mensagens usando linguagem corporal.

É autónomo na marcha mas no que se refere à mobilidade, manifesta dificuldades graves em manipular, rodar ou torcer as mãos e os braços; apanhar e na utilização de movimentos finos de pé, dificuldades moderadas em mudar o centro de gravidade do corpo; deslocar-se e rolar; deslocar-se fora da sua casa e outros edifícios e dificuldades ligeiras em agachar-se; rolar; permanecer agachado; auto-transferências; transportar nos braços, transportar sobre a cabeça; etc. No que se refere às interacções e relacionamentos interpessoais, revela dificuldades graves em interacções interpessoais complexas e no relacionamento formal, dificuldades moderadas nas interacções interpessoais básicas e relacionamento sociais informais.

Nas áreas principais da vida o aluno apresenta dificuldades graves na Educação Escolar e envolvimento nas brincadeiras.

Relativamente às funções mentais globais, apresenta deficiência grave nas funções intelectuais, deficiência moderada nas funções psicossociais globais e deficiência ligeira nas funções de orientação no espaço e no tempo e apetite.

Ao nível das funções mentais específicas, manifesta deficiência grave no controlo psicomotor; qualidade das funções psicomotoras e funções emocionais, deficiência moderada na manutenção da atenção; mudança de atenção; memória de longo prazo; recuperação da memória; funções da percepção; expressão da linguagem oral e funções da linguagem. Manifesta deficiência ligeira na memória de curto prazo.

Nas áreas da função da voz e da fala, revela deficiência moderada nas funções da voz e funções da articulação.

No que se refere às funções neuromusculoescléticas e funções relacionadas com o movimento verifica-se deficiência grave nas funções relacionadas com o controlo de movimento voluntário e esteriótipos e perseverança motora, deficiência moderada nas funções relacionadas com reacções motoras involuntárias e funções relacionadas com o padrão de marcha, deficiência ligeira nas funções relacionadas com o tónus muscular e funções relacionadas com os músculos e funções do movimento.

No domínio da música, revela sensibilidade aos sons e demonstra agrado e interesse por actividades musicais. Manifesta gosto em dançar, adora música instrumental indiana e de cantar a música do “Coelhinho”.

## • D

---

**Nome:** D

**Idade:** 14 anos

**Diagnóstico/Grau:** Paralisia Cerebral (Distonia dos membros; Atraso cognitivo global; Estereótipos; Clínica compatível com Doença de Rett.)

O **D** é uma criança meiga e simpática, completamente dependente do adulto em todas as actividades da sua vida diária, devido à sua problemática.

Quanto à aprendizagem e aplicação de conhecimentos, a criança necessita de apoio individualizado para a concretização das tarefas, desta forma, demonstra dificuldades completas ao nível do, aprender através da interacção com os objectos; adquirir informação, desenvolvimento da linguagem; aprender a calcular; adquirir competências; concentrar a atenção; dirigir a atenção, dificuldade grave no ouvir e dificuldade moderada em observar. Nas diferentes rotinas e actividades da sala, nem sempre participa, reagindo por vezes de forma negativa (afastando o adulto), outras vezes exhibe comportamentos de auto-agressão. Não consegue levar a cabo uma tarefa única. E manifesta dificuldades completas no comunicar e receber mensagens orais; falar; produzir mensagens não verbais; produzir mensagens na linguagem formal de sinais.

O D desloca-se em cadeira de rodas manual, com peitilho de pés e sempre com auxílio do adulto. Apresenta na área da mobilidade dificuldades completas, ao nível das auto-transferências; levantar e transportar objectos; mover os objectos com os membros inferiores; actividades de motricidade fina da mão; utilização de movimentos finos no pé; andar; etc.

Na área dos auto-cuidados, alimenta-se unicamente com alimentos pastosos e bebe por copo adaptado e auxiliado por um adulto.

No que concerne às áreas principais da vida, esta participa na vida em comum na escola com o seu grupo/turma, mostrando dificuldades graves ao nível do seu envolvimento, mas consegue estabelecer contacto ocular como interlocutor, observando-o e movimentando a cabeça em diferentes sentidos.

Demonstra algum fascínio por espelhos, por uma boneca que trata com muito carinhoso e pela face do adulto onde procura afecto. Mostra agrado e desagrado, recorrendo ao choro e a vocalizações, no entanto, não é capaz de dominar outras funções comunicativas.

Ao nível das funções mentais, apresenta deficiência completa nas funções da atenção; da memória; da percepção; nas funções mentais da linguagem; no cálculo; e nas funções intelectuais.

O D não fala, emitindo apenas algumas vocalizações.

No domínio da música manifesta sensibilidades aos sons e gosta muito de ouvir a canção “A Boneca”.

#### **1.4. Técnica e Instrumentos de recolha de dados**

---

As técnicas de investigação permitem a descodificação de fenómenos sociais que se produzem de forma natural, realçam o significado dos fenómenos e/ou processos, do que a frequência ou resultados. Portanto, um conjunto de procedimentos bem definidos, que tem como finalidade obter resultados na recolha e tratamento da

informação obtida numa determinada pesquisa. Diante a nossa realidade, é essencial escolher as técnicas que iremos pôr em prática.

Perante as técnicas existentes decidimos utilizar técnicas como **análise documental** e proceder a uma **observação não participante de aulas**, elaborar e aplicar uma **entrevista** dirigido aos professores de Educação Musical, professora de Educação Especial do 1.º e 2.º Ciclos e Terapeuta Ocupacional, para adquirir informações fulcrais a esta investigação. Contudo, o recurso a instrumentos de recolha de dados tornou-se imprescindível particularmente o **registo directo**, as **grelhas de observação** (aplicadas a diferentes contextos de aula) e a **entrevista** direccionadas a diferentes áreas disciplinares. O recurso à utilização destas técnicas e instrumentos de informação permite ao investigador qualitativo um contacto directo e aprofundado com os participantes, permitindo uma compreensão pormenorizada sobre aquilo que pensam ou fazem e de que forma a música ajuda a obter melhores resultados no ensino-aprendizagem e subsequentemente numa melhor qualidade de vida.

#### **1.4.1. Análise Documental**

---

Segundo Sousa e Baptista (2011, p. 89) a análise documental “constitui-se como uma técnica importante na investigação qualitativa – seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja através da descoberta de novos aspectos sobre um tema ou problema.”

Neste trabalho, a análise documental inicia-se com a recolha de documentos, fontes fundamentais que registam princípios, objectivos e metas. Tornou-se viável dado à disponibilidade dos intervenientes (Professora de Educação Especial, Professores de Música, Terapeuta Ocupacional) em facultá-los.

#### **1.4.2. Entrevista**

---

Considerada como “fonte mais comum de dados em estudos qualitativos” (Nelson & Thomas, 2002, p. 325 cit por Silva, 2009, p. 65) a entrevista é “um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos,

com várias pessoas cuidadosamente seleccionadas” (Sousa e Baptista, 2011, p. 79), cujo grau de pertinência são os objectivos de recolha de informação, recolhidos através de um questionário oral.

A entrevista carece previamente de um propósito bem definido (tema, objectivos e dimensões), uma vez que é essencial a recolha de dados válidos sobre os seus actos, as suas ideias ou projectos, as suas crenças e mesmo as suas opiniões. Importa para a nossa investigação a obtenção de dados comparáveis de diferentes participantes.

Nesta investigação, consideramos que as entrevistas semi-estruturadas são as que mais se adequam, por não serem totalmente abertas nem exclusivamente estruturadas (fechada), permitindo ao entrevistador e entrevistado, falar com maior liberdade, tendo sempre o investigador a vantagem de falar com mais rigidez e capacidade para conduzir a entrevista, direccionando-a para o seu foco de estudo e sem menosprezar a opinião própria do entrevistado.

O recurso a esta técnica de recolha de dados (entrevista semi-estruturada), elaborada em questões abertas acessíveis, permite aos entrevistados que se expressem e justifiquem livremente a sua opinião. Além disso, conseguiu-se tornar a entrevista mais interessante para o entrevistador, promovendo maior riqueza de detalhes, maior espontaneidade e resposta ao entrevistado.

#### **1.4.2.1. Guião da Entrevista**

---

Segundo Sousa e Baptista (2011, p. 83) “o guião de entrevista é um instrumento para a recolha de informações na forma de texto que serve de base à realização de uma entrevista”.

De modo a tornar a entrevista mais interessante para ambas as partes, consideramos pertinente elaborar um guião (Anexo 1) de forma a transformar os objectivos do estudo em temas ou questões da entrevista, a fim de se adequarem àquilo que o investigador procura. Assim, a nossa entrevista consiste num texto constituído por um conjunto de questões abertas de resposta livre, elaboradas de acordo com o tema e objectivos da investigação.

### **1.4.2.2. Procedimentos durante a Entrevista**

---

Os métodos de entrevista são uma aplicação dos processos fundamentais de comunicação, permitindo ao investigador retirar elementos de reflexão muito ricos, sendo fundamentalmente importante seguir alguns procedimentos. O encontro iniciou com a explicação da entrevista. Esclarecemos o que pretendemos, qual o objectivo, a importância da colaboração do interlocutor, e asseguramos a confidencialidade sobre o entrevistado e as suas respostas.

No desenrolar da entrevista, a entrevistadora manteve-se atenta fazendo uso da observação para não ter apenas acesso ao conteúdo patente do discurso, prestando atenção à linguagem não verbal, às hesitações, atitudes, expressões faciais, que poderiam ou não ser congruentes com o discurso.

Estas decorreram envoltas num ambiente agradável, confortante, para encorajar a livre expressão dos entrevistados e permitindo realizar a mesma numa curta duração, variando entre 20 e 40 minutos, evitando constrangimento por ambas as partes.

Posteriormente, procedeu-se a um registo escrito das entrevistas, que foram dactilografadas, respeitando fidedignamente e integralmente o proferido pelos entrevistados (anexo 6).

### **1.4.2.3. Técnica e Análise da Entrevista**

---

Análise e interpretação “é o processo de decomposição de um todo nos seus elementos, procedendo posteriormente à sua examinação, de uma forma sistemática, parte por parte. Em termos de processo de investigação, corresponde à etapa onde se registam, analisam e interpretam os dados” (Sousa e Baptista, 2011, p. 106).

Na metodologia qualitativa, o processo de categorização é essencial, na medida em que as ideias e objectos são reconhecidos, diferenciados e classificados.

Após a recolha de informação e realização de todas as entrevistas, que respeitaram a veracidade do entrevistado, procedeu-se a um tratamento e análise de informação, ou seja, a uma análise de conteúdo.

Para o tratamento dos dados, foi utilizada a técnica de análise temática ou categorial, uma vez que a categorização consiste precisamente em organizar os objectos de um determinado universo em grupos ou em categorias, com um propósito específico. Além disso, a análise documental também esteve presente, para facilitar o manuseio das informações, o que constitui uma técnica que visa facultar a descrição do conteúdo das mensagens, possibilitando o tratamento de informações que representam um certo grau de profundidade e de complexidade.

Neste tipo de investigação, o processo de análise dos dados deve ser sistemático, contínuo e flexível. Assim, numa fase seguinte, e estando a entrevista orientada conforme os objectivos da nossa investigação, procedeu-se à exploração do material, à etapa da codificação resultando em registos. Grinnel (1997 cit por Sousa e Baptista 2011, p.111) afirma que “a codificação dos dados num segundo plano implica refinar a codificação e envolve a interpretação do significado das categorias obtidas, (...)”. Seguiu-se a fase da categorização, cujos requisitos são: homogeneidade, pertinência, objectividade e fidelidade, e a última fase, a do tratamento e interpretação, permitindo que os resultados obtidos se constituam em análises reflexivas, em observações individuais e gerais das entrevistas.

#### **1.4.2.4. Justificação do Sistema de Categorias**

---

*“A categorização é o processo através do qual podemos classificar os elementos constituintes de um conjunto por diferenciação e, posteriormente, por reagrupamento, segundo critérios pré-definidos” (Bardin, 2004 citado por Silva, 2009, p.68).*

Tal como referimos anteriormente, na nossa investigação, a criação do sistema de categorias resulta no seguinte sistema categorial:

#### **Categoria A – Nível Emocional**

---

##### **Subcategoria A1 – Promove os sentidos/ Interesse pela Música**

---

As emoções fazem parte da experiência humana e existem porque têm a função de nos levar a atingir um determinado objectivo, uma vez que os sentimentos são uma parte profunda e importante da nossa vida.

*“Haverá também músicas que influirão mais sobre os sentimentos e as emoções”*  
(Lingerman, 1983, p. 21).

Quando ouvimos uma determinada melodia ou canção, devemos deixar fluir as nossas emoções pois é inútil tentar controlá-las, uma “poderá fazer chorar, enquanto uma outra poderá fazer com que uma maior devoção, determinação ou mesmo raiva venham à tona”..., “poderá agradar mais à sua mente, inspirando-o com uma nova ideia e com novos pensamentos claros e criativos”, ou ainda “penetrar directamente ao coração e à alma” (Lingerman, 1983, p. 21).

Composições musicais diferentes estimulam aspectos distintos da nossa personalidade, “a música melódica, tocada por instrumentos de solo e conjuntos de câmara, é calmante” (Lingerman, 1983, p. 22).

É através desta subcategoria que pretendemos conhecer o gosto e satisfação da amostra.

## **Categoria B – Nível Comportamental**

---

### **Subcategoria B1 – Percepção sobre a influência da Música**

---

*“As emoções representam a parte mais polémica da sua constituição. O corpo físico libera energia através de movimento e da actividade, e as emoções descarregam energia através da manifestação dos sentimentos”*  
(Lingerman, 1983, p. 29).

Através das relações interpessoais que se criam com os diferentes membros familiares e escolares, a música torna a vida mais equilibrada, criativa e feliz.

Quando criamos laços efectivos por alguém, temos o reflexo das suas atitudes, dos seus vínculos de afectividade e a forma de vencer os obstáculos. Contudo, por vezes rotulamos o que nos acontece de forma negativa, prejudicando todos os níveis: emocional, mental, espiritual e físico.

Nesta subcategoria pretendemos compreender e analisar o comportamento, o envolvimento e a participação da amostra nas actividades de estimulação musical.

## **Categoria C – Interação**

---

### **Subcategoria C1 – Relação Social e de aproximação com os outros em ambiente/contexto musical**

---

*“O meio educativo tem um enorme impacto, tanto nos alunos com Necessidades Educativas Especiais como em todos os outros”*  
(Nielsen, 1999, p.23).

Durante o processo de inclusão de alunos com NEE, os professores devem-lhes transmitir sentimentos positivos e também demonstrar-lhes afecto, uma vez que estes alunos estão mais sensíveis.

Como refere Nielsen (1999, p. 23) “a criação de um ambiente positivo e confortável é essencial para que a experiência educativa tenha sucesso e seja gratificante para todos os alunos.”

Ora se criarmos um ambiente musical favorável, despertamos e encorajamos a amostra para um mundo propenso à libertação da mente e do corpo e do corpo para a socialização.

Alvin (1996 cit por Joly, 2003) afirma que “a música pode representar para as crianças portadoras de NEE, um mundo não ameaçador com o qual ela se pode comunicar, se integrar e auto-identificar-se”.

Nesta subcategoria, pretendemos saber como as actividades musicais podem contribuir para despertar a consciência perceptiva, o desenvolvimento auditivo e o controlo físico, tal como, interpretar o papel da música no favorecimento da integração social e emocional da amostra.

### **Subcategoria C2 – Estimulação através da exploração de instrumentos musicais**

---

A vivência musical é estimulação e parece provocar mudanças na conduta de crianças com NEE, fazendo com que se adaptem melhor à vida escolar, contribuindo para sua integração social e melhor rendimento nas actividades de aprendizagem.

Uma forma de vivermos a música é experimentar e isso acontece quando ouvimos, experimentamos, tocamos e sentimos. Essa experiência pode ser através da vivência musical de instrumentos musicais.

Por isso é que quisemos formular esta subcategoria, e descobrir/perceber porque é que o envolvimento escolar estimula a amostra para a aprendizagem e se a música promove a disciplina, o método de trabalho/estudo e o respeito pelo próximo.

### **1.4.3. Observação Não Participante**

---

*“A observação é uma técnica de recolha de dados que se baseiam na presença do investigador no local recolha desses mesmo e pode usar métodos categoriais, descritivos ou narrativos”* (Sousa e Baptista, 2011, p. 88).

Na fase de observação existem diferentes tipos de registo: a observação participante e observação não participante. E de acordo com Anguera<sup>11</sup> (1985) a observação participante é “uma técnica de investigação social em que o observador partilha, (...), as actividades, as ocasiões, os interesses e os afectos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade”. No que concerne a esta observação, o investigador é o instrumento principal da observação. Como observador e inserido no ambiente que pretende investigar, interagir e integrar-se, torna-se mais fácil ter acesso às perspectivas das pessoas, através da vivência dos seus problemas, das suas acções, das suas opiniões e seus desejos.

Na observação não participante, o investigador não interage de forma alguma com a amostra mas observa do “lado de fora”.

Para a nossa investigação, e de maneira a obter uma melhor e fidedigna recolha de dados, utilizamos a Observação Não Participante, uma vez que esta técnica reduz substancialmente a interferência do observador e permite o uso de instrumentos de registo sem influenciar a amostra, transformando-se assim numa vantagem, pois o investigador observa uma situação como ela ocorre realmente, o que não acontece quando o investigador se torna activo na investigação.

---

<sup>11</sup> Anguera, 1985. *Metodologia de la Observación en las Ciencias Humanas*. Disponível na internet: [http://www.infopedia.pt/\\$observacao-participante](http://www.infopedia.pt/$observacao-participante).

- **Grelha de observação**

---

No decorrer das sessões de interacção com a amostra, sentimos necessidade de proceder a diferentes registos, os específicos e os mais amplos, para que possamos compreender a atitude do indivíduo nas diferentes actividades propostas pelo docente titular.

Nestas sessões de observação, avaliamos a amostra com a presença do professor titular. Desta forma, podemos encontrar respostas ainda mais esclarecedoras, uma vez que o comportamento é distinto, precisamente porque a amostra se pode sentir mais confortável e seguro na presença do seu professor. De facto, é previsível que algumas crianças se tornem irrequietas e imprevisíveis sem o apoio da pessoa que habitualmente lhe dá apoio e carinho. Assim, este instrumento de recolha de dados justifica-se pela sua adequação ao estudo, na perspectiva de uma intervenção externa de forma a quantificar o grau de satisfação, comportamental, emocional e de interacção da amostra.

Esta intervenção é realizada através do preenchimento de grelhas de observação em diferentes contextos: sala de aula; sala de aula – música e sala de snoezelen – relaxamento, afirmando o nosso interesse na vida diária da amostra, permitindo-nos encontrar respostas no modo de ser, pensar e agir do indivíduo.

#### **1.4.4.Sessões de Observação**

---

*“Se pudéssemos imaginar uma maneira de proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de ouvirem em suas casas uma música que fosse perfeita na qualidade, ilimitada na quantidade, adequada a todos os estados de espírito e que começasse e parasse quando desejássemos, o limite da felicidade humana já teria sido atingido”*

Edward Bellamy citado por Lingerman, 1983, p. 68

A observação consiste em perceber, ver e não interpretar, e é relatada tal como foi visualizada e nas sessões observadas registaram as atitudes apresentadas pela amostra a nível emocional, comportamental e de interacção.

Este instrumento foi preenchido pelo investigador, seguido de uma análise crítica da professora de Educação Especial, com quem partilhou a mesma opinião acerca da pertinência, clareza e objectividade dos itens da grelha.

Esta grelha de observação compreende três domínios: o domínio emocional (composto por sete níveis), o domínio comportamental (formado por oito níveis) e domínio da interacção (constituído por treze níveis).

Estas grelhas foram elaboradas e pensadas para a observação de três tipos de aulas, três das quais leccionadas pela professora de EE e duas pela terapeuta ocupacional. As cinco sessões de observação decorreram em duas salas diferentes: na sala de EE, protagonizada pela professora de EE e na Sala sensorial – ou de Snoezelen pela terapeuta ocupacional. A opção de uma das salas prendeu-se pelo facto de ser a sala habitual das amostras, a outra por proporcionar conforto e segurança e por oferecer grande quantidade de estímulos sensoriais que, juntamente com a música, promove o auto-controlo, autonomia, descoberta e exploração, bem como efeitos terapêutico-pedagógicos positivos.

A planificação destas grelhas teve como intuito procurar respostas mais claras sobre o poder da música em vários níveis: emocional, de comportamento e de interacção, no sentido de clarificar a possibilidade de viverem, sentirem, escutarem, apreciarem, conhecerem, pensarem, explorarem, descobrirem a música, a partir de experiências lúdicas, socializadoras e sensoriais que, por seu turno, promovam a descoberta, a exploração, o auto-controlo e permitam o ensino-aprendizagem.

#### **1.4.4.1. Observação na Sala de Aula Normal**

---

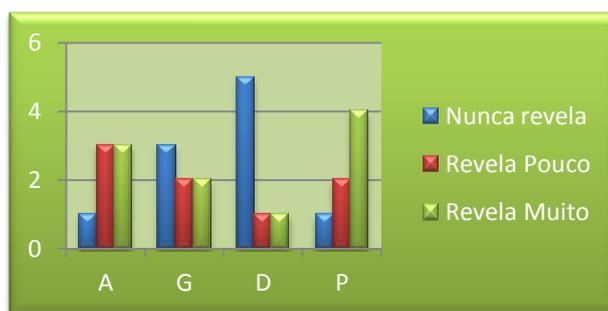
*“Os bons professores possuem metodologia, os professores fascinantes possuem sensibilidade”  
Cury, 2004, p. 66*

Considerando todas as características da amostra, optámos por realizar esta observação dentro da sala de aula, para observar os hábitos diários da amostra bem como a maneira como esta interage com os amigos, mas também descobrir de que forma a docente contribui para desenvolver a auto-estima, a estabilidade e a tranquilidade.

Cury (2004, p. 66) defende que “os bons professores são didáticos” porém o professor deve ir além disso, este deve “possuir sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos”.

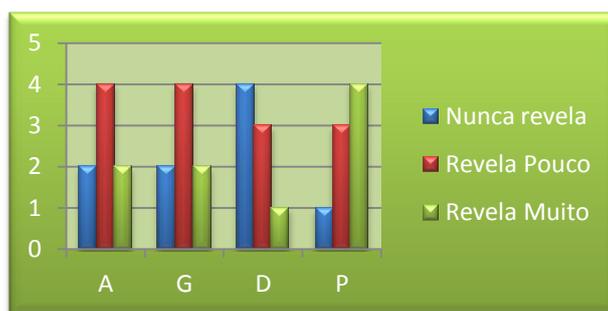
Esta observação surge como método de exploração, contexto aula normal, tendo como ponto atractivo o modo de ser, pensar e agir da amostra. Desta forma, é-nos possível recolher informações valiosas sobre o quotidiano escolar da amostra, avaliando a participação, interacção e exploração da mesma perante o ensino-aprendizagem.

Esta observação não nos seria útil se a docente não nos tivesse informado da aplicação diária de música, utilizando-a como técnica eficaz para motivar a atenção e concentração dos alunos. Tal como Lingerman (1983, p. 68) sustenta “melodias bonitas, escolhidas de acordo com a sua programação diária, o ajudarão a se concentrar e a enfrentar qualquer tipo de tensão”.



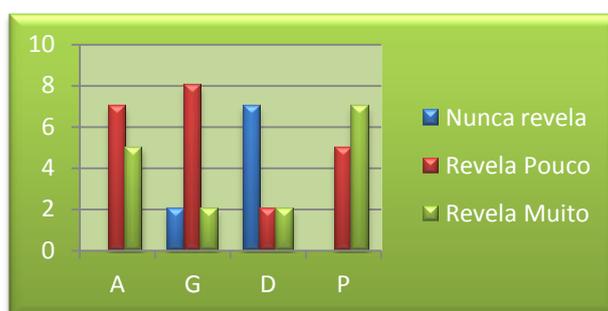
**Gráfico 1:** Nível Emocional contexto Sala de Aula (7 de Fevereiro de 2011 e 21 de Junho de 2011)

**Observações:** no que se refere ao A e P, a amostra revela que a música desenvolve melhor as capacidades de ensino-aprendizagem, promovendo a descoberta e a exploração bem como manifestar satisfação, alegria e bem-estar. Já o G é uma criança emocionalmente instável, de reduzida capacidade de atenção/concentração, o D, é uma criança completamente dependente do adulto em todas as actividades, não revela motivação perante as actividades, ignora os outros embora manifeste alguma satisfação, alegria e bem-estar na sala de aula.



**Gráfico 2:** Nível Comportamental contexto Sala de Aula (7 de Fevereiro de 2011 e 21 de Junho de 2011)

**Observações:** Relativamente a esta área o A e o G, demonstram um comportamento semelhante, manifestam variações de emoções que dificultando a exploração das actividades, as necessárias como as preferenciais. O D sorri em resposta a sorrisos de outros, tem um comportamento calmo, consegue relaxar e divertir-se permitindo explorar várias actividades. De todas as amostras observadas o P demonstra melhor comportamento apesar de demonstrar ansiedade perante o afastamento da professora. Porém, o aluno consegue relaxar e divertir-se diante as actividades propostas como as preferenciais.



**Gráfico 3:** Interação contexto Sala de Aula (7 de Fevereiro de 2011 e 21 de Junho de 2011)

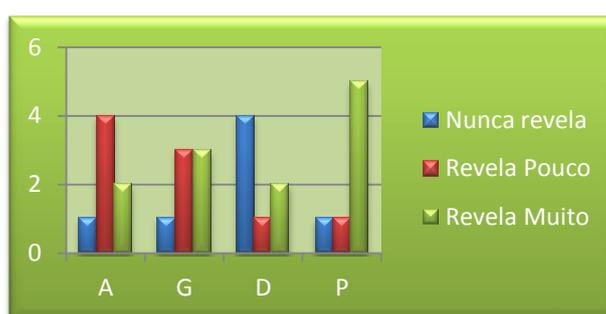
**Observações:** Em relação a esta área os alunos A e P são os que mais interagem. O facto de existir um ambiente musical na sala de aula permite que ambos colaborem e respondam com entusiasmos às actividades, relaxando-os e motivando-os para a aprendizagem. O G demonstra défice de atenção e concentração prejudicando o interesse pelas actividades. A D devido à sua problemática pouco interage com os colegas apesar de respeitar a opinião e o trabalho dos colegas.

#### 1.4.4.2. Observação na Sala de Aula – Música

Ao longo do nosso percurso de investigação, descobrimos a aplicação de música e instrumentos na actividade lectiva da docente de EE, neste sentido optamos também por observar a atitude das amostras, de forma a podermos justificar o desenvolvimento e o poder da música sobre a mente.

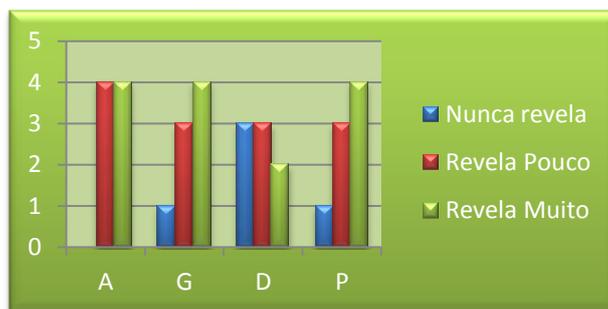
O trabalho com musicalização na escola é um poderoso instrumento que desenvolve a sensibilidade, a concentração, memória, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva e disciplina. Além disso, quanto maior a riqueza de estímulos que a amostra receber, melhor será o seu desenvolvimento intelectual. As experiências rítmico-musicais permitem uma participação activa (vendo, ouvindo, tocando) favorecendo o desenvolvimento dos sentidos das crianças: ao trabalhar com os sons, ela desenvolve sua acuidade auditiva; ao acompanhar gestos ou dançar, desenvolve a coordenação motora e a atenção e, ao cantar ou imitar sons descobre suas capacidades.

Portanto, esta observação busca esclarecer se realmente a música tem a capacidade de apelar às mentes da amostra, a fim de as sensibilizar e estimular contribuindo para a sua evolução nos domínios (emocional, comportamental e de interacção) e determinar que modo a música estimula e promove a aprendizagem e a participação das amostras.



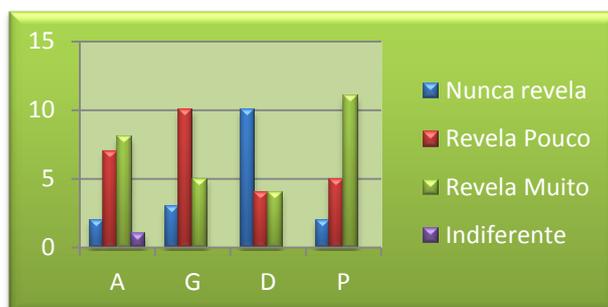
**Gráfico 4:** Nível Emocional contexto Sala de Aula – Música (6 de Junho de 2011)

**Observações:** Referente a esta área, verifica-se que todos os alunos gostam de música e de actividades que envolvam música uma vez que manifestam satisfação, alegria e bem-estar. Todos eles demonstram grande afinco por músicas infantis e sons, gostam de explorar os diferentes instrumentos da sala de aula, e quando gostam do som que o instrumento produz são capazes de andar com o instrumento o dia inteiro.



**Gráfico 5:** Nível Comportamental contexto Sala de Aula - Música (6 de Junho de 2011)

**Observações:** Relativamente a esta área, os alunos confirmam que a música traz grandes benefícios no ensino-aprendizagem, reflectindo-se no comportamento, pois divertem-se, participam e permitem explorar várias actividades, tanto as necessárias como as preferências.



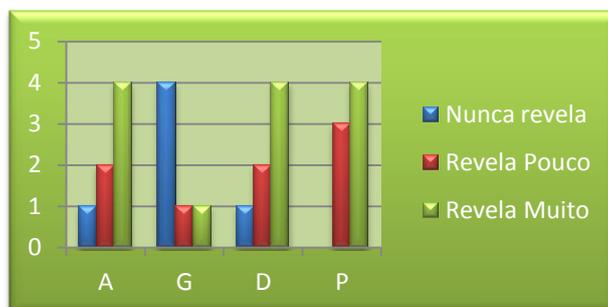
**Gráfico 6:** Interação contexto Sala de Aula - Música (6 de Junho de 2011)

**Observações:** No geral, todos os alunos demonstram motivação para a aprendizagem, respondem e colaboram nas actividades com entusiasmo, exploram os sons e características físicas dos instrumentos musicais, embora o A e o P serem os que mais interagem.

#### 1.4.4.3. Observação de Snoezelen - Relaxamento

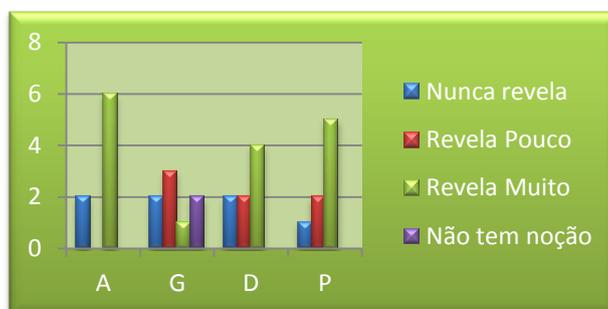
A sala de Snoezelen é uma sala multi-sensorial que tem como objectivo a estimulação sensorial e/ou a diminuição dos níveis de ansiedade e de tensão, ou seja, promove o relaxamento, lazer e diversão, permitindo a exploração, descoberta, escolha e a oportunidade de controlar o ambiente, causando emoções positivas tais como o bem-estar, satisfação e alegria.

No desenrolar da nossa investigação, descobrimos a assiduidade das amostras nas sessões de Snoezelen. O facto de nestas sessões se aplicar música e dela promover o relaxamento do paciente, achamos pertinente realizar uma observação, que nos facultará obter melhores esclarecimentos sobre a capacidade da música contribuir para a modificação do seu “EU”, reeducando-o para as suas reais possibilidades.



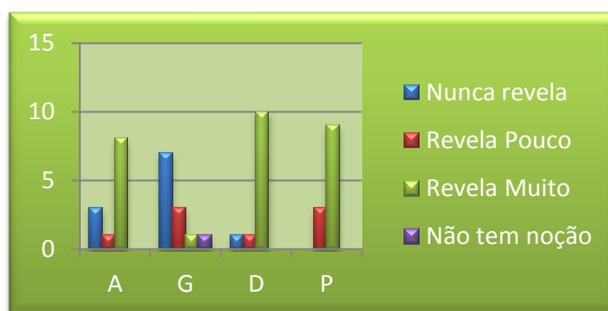
**Gráfico 7:** Nível Emocional contexto Sala de Snoezelen (17 de Janeiro e 14 de Fevereiro de 2011)

**Observações:** No que concerne a esta área, o ambiente multisensorial estimula os sentidos tais como a audição, a visão e proporciona a todos os alunos à excepção do G, conforto, satisfação, alegria e bem-estar, promovendo a descoberta e a exploração, o auto-controlo e autonomia.



**Gráfico 8:** Nível Comportamental contexto Sala de Snoezelen (17 de Janeiro e 14 de Fevereiro de 2011)

**Observações:** Os alunos que apresentam maior variação comportamental são o A, D e P, devido ao grande número de estímulos presentes na sala, que juntamente com a música, estimulam e motivam os alunos, acalmando-se. O G que tem um temperamento inconstante, necessitando de maior apoio por parte da TO reeducando-o.



**Gráfico 9:** Interação contexto Sala de Snoezelen (17 de Janeiro e 14 de Fevereiro de 2011)

**Observações:** No que respeita a esta área, verifica-se, à excepção do G, que os alunos são muito interactivos. Esta terapia motiva para a aprendizagem promovendo-lhes a interacção social reflectindo em manifestação de bem-estar.

#### 1.4.5. Calendarização

Sessões	Tipo de aula	Data
1ª	Snoezelen - relaxamento	17 de Janeiro de 2011
2ª	Aula Normal	7 de Fevereiro de 2011
3ª	Snoezelen - relaxamento	14 de Fevereiro de 2011
4ª	Aula de Música	6 de Junho de 2011
5ª	Aula Normal	21 de Junho de 2011

#### 1.4.6. Reacções da amostra aquando a audição de diferentes Géneros Musicais

Ao longo da recolha de informação e observação das actividades programadas sentimos necessidade de recorrer a diferentes materiais áudio, escolhidos propositadamente de forma a recolher dados essenciais e relevantes à nossa investigação. Pois através dos diferentes estilos musicais, conseguimos perceber quais as concepções musicais capazes de desenvolver características estimulantes que promovam a aprendizagem, a participação, o relaxamento e auto-controlo dos alunos.

Durante as observações foi possível analisar o comportamento dos alunos face aos diferentes géneros musicais apresentados, mesmo que a professora de EE ou a TO não execute a música como disciplina mas aproveitam o efeito da música como método/terapia para motivar os alunos em dada actividade. Contudo, realizam algumas actividades semelhantes à Educação Musical, permitindo aos alunos manipular e descobrir alguns instrumentos e estilos musicais, suscitando à amostra diferentes reacções, nos vários domínios.

**Quadro 7:** Reacções das amostras face a diferentes géneros musicais

Reacções	Música Romântica	Música Popular	Canções de Natal	Instrumental	Dance Music	Música Infantil	Música Relaxamento
A	Indiferente	Indiferente	Gosta	Indiferente	Indiferente	Gosta	Gosta
G	Fica calmo	Gosta e dança	Indiferente	Balança	Sorri e dança	Gosta e fica alegre	Fica calmo
P	Fica calmo	Gosta, dança e canta	Gosta e canta	Fica calmo	Sorri e dança	Gosta e canta	Fica calmo
D	Indiferente	Indiferente	Fica alegre	Indiferente	Indiferente	Gosta e faz vocalizos	Fica calmo

Reacções das amostras face a diferentes géneros musicais. 2011

## 1.5.Procedimento

*“Longo é o caminho do ensino por meio de teorias; breve e eficaz por meio de exemplos”* (Sêneca, filósofo romano - Epístolas).

O caminho da aprendizagem tem uma função essencial sobretudo porque os diversos métodos ajudam a colocar em prática e orientar toda a pesquisa.

Iniciamos o processo de desenvolvimento desta investigação pelo contacto com o docente de Educação Especial, seguido da Terapeuta Ocupacional, no sentido de obter autorização para a observação das aulas.

Após a obtenção de ambas as autorizações (professora EE e TO), procedeu-se à observação de aulas, todas elas distintas mas com carácter relevante para esta investigação, sendo aulas observadas em contextos divergentes: ambiente normal (SA), ambiente musical (SAM) e ambiente relaxante (SS).

As aulas de carácter normal e musical foram observadas na sala de EE e as sessões de Snoezelen numa instituição (APPACDM). Relativamente à presença do investigador/observador na sala de aula, foi feita de forma gradual, iniciando-se por breves minutos até uma hora. No entanto, ao longo das visitas de preparação e aceitação do grupo, foram várias as horas de observação.

Seguidamente, adveio a aplicação de entrevistas direccionadas à professora de EE e TO. Além destas, e de maneira a obter mais informações decidimos aplicar uma entrevista a vários professores de EM, sendo que, apesar do pedido de autorização, apenas foi possível obter disponibilidade para a realização de três entrevistas. No que respeita ao local da entrevista, estas foram realizadas em locais diferentes que, em virtude de factores, como o tempo de deslocação e incompatibilidade de horários, se realizaram na sala de EE, na APPACDM e nas habitações dos entrevistados, e em horários favoráveis aos mesmos.

Após a recolha de informação, tivemos necessidade de proceder à selecção de dados, que permitisse resposta à questão de investigação. Da análise de conteúdos, resultaram quadros de categorização das entrevistas (Anexo 8). Desta forma, o nosso sistema de categorias subdivide-se em categorias principais mais abrangentes, como a Categoria A, Categoria B e Categoria C, assim como em subcategorias, que nascem da divisão das categorias principais.

De forma a validar os dados recolhidos nas observações realizadas com o docente de EE e TO, tivemos necessidade de comparar dados com uma outra fonte; daí a necessidade de analisar as entrevistas realizadas com professores de EM, que leccionam outras escolas e que trabalham com crianças portadoras de NEE.

A necessidade de recolher informações de outras fontes, tais como os professores de EM, tornou-se pertinente pois estas revelam que as crianças portadoras de NEE desenvolvem, à semelhança da nossa amostra, vantagens na utilização da música no ambiente sala de aula, promovendo intelectualmente o ensino-aprendizagem, como um melhoramento na qualidade de vida do indivíduo.

## **1.6.Limitações do estudo**

---

No decorrer da investigação, foram diversas as limitações, dado à dificuldade de comunicação com a musicoterapeuta que apesar da insistência, não conseguimos obter contacto; à privação do tempo que esteve implícita no desenrolar desta investigação, bem como a não realização da entrevista à psicóloga da escola que por motivos de incompatibilidade de horário e tempo, impossibilitaram a sua realização. Uma vez limitados, caminhamos em busca de novos dados que implicaram novas estratégias, recursos e alterações na investigação.

Inicialmente pretendíamos estar presentes ao máximo de aulas das amostras, no entanto, e contrariando totalmente a intenção do investigador, surgem alterações na saúde deste, possibilitando com menor regularidade a sua presença nas aulas, que passaram a ser mais frequentes à 2.<sup>a</sup> feira. Como consequência, emerge a necessidade de suspender observações e retardar algumas observações que se realizaram já no fim do ano lectivo.

Mesmo assim, com a nossa persistência, vontade e enorme convicção, a investigação cresceu, paralelamente a todos os inconvenientes, na busca de respostas e na certeza de encontrar desfechos valiosos na nossa investigação.

## PARTE IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

---

*“A música mais notável e inspiradora fala à sua alma”*  
(Lingerman, 1983, p. 42).

Verificada e organizada a informação, é pertinente proceder à apresentação e discussão dos resultados obtidos. Portanto, partindo da interpretação das informações recolhidas, obtidas através das técnicas e instrumentos utilizados durante a investigação, procederemos a um balanço dos seus aspectos mais significativos.

Parece-nos pertinente cruzar as várias informações recolhidas de forma a responder eficazmente à nossa questão orientadora e passível com os nossos objectivos.

Desta feita, conjecturamos um conjunto de informações importantes à nossa investigação e efectuamos a junção dos dados recolhidos com os elementos da amostra, nomeadamente a nível emocional, comportamental e de interacção, cujos resultados sejam claros e credíveis.

### 1. Emoções com Música

---

Adoptando como base de sustentação as informações obtidas através das entrevistas à professora de EE, à TO e aos professores de EM, pelas observações em diferentes contextos, é-nos possível caracterizar a relação que existe entre a amostra e a música.

#### **Categoria A – Nível Emocional**

##### Subcategoria A1 – Promove os sentidos/Interesse pela Música

Amostra A – *“Promove o auto-controlo”* (SS). *“Gosta de cantar e tocar a música dos Bons Dias”* (PEE).

Amostra G – “Manifesta satisfação, alegria e bem-estar” (SAM). “A música preferida é a do Piriquito” (PEE).

Amostra D – “Estimula os sentidos” (SAM). “Promove o auto-controlo” (SS). “A música preferida do D é a Boneca” (PEE).

Amostra P – “Revela autonomia” (SAM). “Manifesta satisfação, alegria e bem-estar” (SS). “A canção preferida do P é a do Coelhoinho”.

Professor EE - “Gostam particularmente de música infantil. Eles gostam de ouvir, dançar e até mesmo cantar.”

Terapeuta Ocupacional – “Não trabalhei com crianças ou jovens que não gostassem de música em geral. Têm preferência por música popular e infantil. Verificam-se alterações nas suas expressões faciais.”

Professores PEM – “Sim. Gostam imenso! Apreciam mais os géneros Rock e Pop. A música é uma arte que proporciona emoções, sensações que interfere no comportamento dos alunos. Ficam eufóricos!”



**Gráfico 10:** Nível Emocional (de 17 de Janeiro de 2011 a 21 de Junho de 2011)

Conforme sondagem (observações da aulas), no que respeita ao poder da música sobre o nível emocional, verificamos que, à excepção do G, os estímulos emocionais despertam, transmitindo, desta forma, diferentes laços afectivos, actuando de forma benéfica na vida diária dos alunos. De acordo com o gráfico, apuramos, que a música enriquece o espaço aprendizagem, sobretudo na sala de música e na sala de snoezelen, despertando a mente da amostra, contribuindo para a evolução do comportamento e das

emoções. Em comparação com os outros contextos de aula, verificamos que a amostra gosta de música e de actividades que envolvam música uma vez que “*manifesta satisfação, alegria e bem-estar*”. Em geral, todos eles evidenciam grande afinco por músicas infantis e sons, que varia de acordo com as actividades em questão, ou seja, para trabalhar “*o relaxamento, as massagens, prefiro música instrumental*”, se se tratar de actividades mais ritmadas “*coloco sempre música mais mexida*”.

À excepção do D todos os outros confirmam que a música promove o autocontrolo e autonomia, ficam mais calmos e atingem facilmente os objectivos da professora. Apesar das lacunas no desenvolvimento da expressão verbal, adoram cantar a música dos “*Bons Dias*” e cada um deles tem predilecção por uma música que estimam cantar sempre que realizam a aula de expressão musical. O P é o único que possui linguagem verbal, o A e o D, apesar de não falar, produzem vocalizos participando na actividade. O D *por exemplo*, “*no fim de ouvir a canção que escolheu por exemplo bate palmas*”.

Destacamos o aluno P, Síndrome Alcoólico Fetal, como sendo o aluno que mais beneficie da música, por desempenhar melhor as tarefas depois do contacto auditivo, solicitando sempre à PEE, música instrumental. Segundo a PEE “*todos os alunos gostam de música*” e “*utilizo música todos os dias*”, transmitindo, desta forma, a importância da música na vida diária da amostra, assim, “*facilmente consigo atingir o meu objectivo*”.

O P é uma criança simpática, bastante introvertida e tímida, por isso demonstre “*preferência em estar sozinho*”, no entanto e apesar das limitações é um aluno que demonstra bastante interesse pelas actividades aquando do acompanhamento por música instrumental, “*o P é o único aluno falante da unidade, gosta muito de música indiana*”, estimulando os sentidos, demonstrando concentração, atenção, promovendo autocontrolo, autonomia e manifestando prazer e bem-estar. Também o A, demonstra que a música desenvolve melhor as suas capacidades de ensino-aprendizagem, “*promovendo a descoberta e a exploração*”, no entanto, revela pouco “*autocontrolo e autonomia*”, necessitando do apoio do PEE ou auxiliar educativa. O G, ainda que demonstre preferência em ficar sozinho, mostrando-se distante ignorando os outros, não consegue demonstrar indiferença perante o som, que o atrai manifestando interesse, e satisfação. Consideramos pertinente descrever, que o G é uma criança emocionalmente instável, de

reduzida capacidade de atenção/concentração, mas que no entanto, com o apoio da PEE e/ou TO, revela alguma capacidade de auto-controlo, “*quando começou a ouvir música acalmou-se*”. O D, é uma criança completamente dependente do adulto em todas as actividades, não revela motivação perante as actividades, ignora os outros ainda que manifeste alguma satisfação, alegria e bem-estar na sala de aula. Contrariamente, nas actividades de música e de snoezelen, a amostra promove o auto-controlo, desenvolve os sentidos e promove a descoberta e a exploração.

Durante o período de investigação foi possível elaborar um quadro relativo às preferências musicais da nossa amostra (Quadro 7), definindo as principais reacções expressivas e emocionais, aquando da audição dos diferentes géneros musicais.

## **Categoria B – Nível Comportamental**

### Subcategoria B1 – Revela influência da Música

Amostra A – “*Sorri em resposta a outros sorrisos*” (SA). “*Diverte-se e participa*” (SAM). “*Relaxa e diverte-se*” (SS).

Amostra G – “*Sorri em resposta a outros sorrisos*” (SA). “*Diverte-se e participa*” (SAM). “*Relaxa e diverte-se*” (SS).

Amostra D – “*Sorri em resposta a outros sorrisos*” (SA). “*Diverte-se e participa*” (SAM). “*Relaxa e diverte-se*”, “*Liberta o stress*”, “*Controla a ansiedade*” (SS). “*O D no fim da canção que escolheu bate palmas*” (PEE).

Amostra P – “*Relaxa e diverte-se*” (SA). “*Diverte-se e participa*” (SAM). “*Relaxa e diverte-se*”, “*Permite explorar várias actividades*”, “*Liberta o stress*” (SS).

Professor EE – “*Todas as crianças respondem à música, e a maior parte das vezes encontro-as a dançar. A música que mais os relaxa é mesmo o instrumental. Porque se concentram mais.*”

Terapeuta Ocupacional – “*Os alunos adquirem noções de ritmo, noção de esquema corporal e proporciona o trabalho ao nível da coordenação. Utilizo música com alguma frequência porque penso que facilita a integração de alguns componentes de desempenho.*”

Professores PEM – “Os alunos deixam-se emocionar através de gestos, movimento e sons. Apresentam atitudes de agressão, mas de vivacidade. A capacidade de concentração e os estímulos desta prática podem também ser úteis noutras áreas de ensino/aprendizagem. Sem dúvida, na medida em que promove a disciplina, o método de trabalho/estudo e o respeito pelo próximo.”



**Gráfico 11:** Nível Comportamental (de 17 de Janeiro de 2011 a 21 de Junho de 2011)

Através deste gráfico podemos verificar que todos os elementos da amostra reagem aos estímulos sonoros, “reagem muito bem, por vezes até com alguma euforia”, mesmo que em contextos divergentes. Destacamos o P, que se deita no colchão de água para escutar a música permanecendo minutos a fio, ou o D que bate palmas sempre que a música é do seu agrado.

Consideramos pertinente evocar o interesse da PEE pela música, “coloco todos os dias música para trabalhar as actividades”, transmitindo a importância que esta tem no desenvolvimento das aulas, acrescentando ainda “a música traz grandes benefícios para estes alunos com multideficiência”, explicando a dependência da música com os objectivos a atingir. Ora se a música não tivesse a função de transmitir “sensações únicas”, de “transmitir mensagens, emoções”, de “promover gestos, movimento e sons”, “relaxamento”, então porquê o seu uso como estratégia de intervenção?

A concordância entre as informações dos professores e a nossa observação está, evidenciada nos quadros de categorização dos dados (anexo 7 e 8). Inferimos então, que a música influencia o comportamento da amostra, uma vez que “altera o estado de espírito”, “permite-lhes libertarem-se e perder alguma timidez”, “facilmente

*exteriorizam o que sentem”, induzindo “a uma melhor aprendizagem”. Também a TO considera que a música é uma vantagem, “ajuda na maioria das aprendizagens” e “promove a descoberta do corpo e das suas possibilidades motoras”.*

Parece-nos claro que, os alunos evidenciam maior conforto, concentração, atenção na sala de música e de snoezelen, permitindo explorar várias actividades, relaxar, divertir-se e libertar o stress. O G por exemplo, não gosta de receber ninguém na sala “*nem fazer actividades com outros meninos senão aqueles que estão consigo diariamente*”, no entanto, a música desperta-lhe sensações, promovendo o autocontrolo. O D tem um comportamento calmo, consegue relaxar e divertir-se, permitindo explorar várias actividades, as necessárias como as preferenciais. O P demonstra melhor comportamento apesar de no início ter reagido “*mal à mudança da TO*” e demonstrar ansiedade perante o afastamento da professora. Consideramos importante salientar a atitude deste aluno aquando da 1.<sup>a</sup> observação, não gostou da presença do investigador na sala, ficou nervoso, começou a tirar os objectos do sítio, balançava o corpo, proferia alguns sons e gritava, chegando mesmo a “bater” no investigador. Quando a TO usou como reforço positivo a música, inesperadamente, o aluno deitou-se no colchão de água, encostou o ouvido e permaneceu durante algum tempo a ouvir música. Ora se a música não fosse um elemento de atracção emocional e de estimulação, o aluno não teria esta atitude nem reagido com tanta motivação, levando-nos a acreditar que a música tem poderes sobre a mente, sobre as emoções, acalmando-o. Como recitam os PEM, os alunos “*apresentam atitudes de maior calma quando a música lhes proporciona sentimentos tranquilos, serenos...*”.

### **Categoria C – Interacção**

#### Subcategoria C1 – Relação social de aproximação com os outros em ambiente/contexto musical

Amostra A – “*Respeita a opinião e o trabalho dos outros*” (SA). “*Toca em grupo*” (SAM). “*Permite o trabalho individual ou em grupo*”, “*Tolera que os colegas se sentem/deitem junto dele*” (SS).

Amostra G – “*Permite a presença de adultos durante a realização de actividades*” (SA). “*Toca em grupo*” (SAM). “*Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade*”.

com o grupo” (SS); “O G não gosta de fazer actividades com outros meninos que não sejam aqueles que estão consigo diariamente” (PEE).

Amostra D – “Respeita a opinião e o trabalho dos outros” (SA). “Toca em grupo” (SAM). “Permite o trabalho individual ou em grupo”, “Permite que o grupo intervenha nos seus jogos” (SS).

Amostra P – “Tolera que os colegas se sentem/deitem junto dele” (SA). “Respeita a opinião e o trabalho dos outros”, “Toca em grupo” (SAM). “Permite que o grupo intervenha nos seus jogos” (SS). “O P gosta de participar e de interagir com outras crianças” (PEE).

Professor EE - “Facilmente consigo atingir o meu objectivo quando estão a ouvir música, pois ficam mais calmos. Não se mostram agressivos pelo contrário”.

Terapeuta Ocupacional – “A música poderá ser um mediador na intervenção. Pode melhorar a relação terapêutica, como o reforço positivo, etc. Geralmente observam-se reacções positivas que facilitam a nossa intervenção.”

Professores PEM – “Sentem-se parte do mesmo grupo, sentem-se bem integrados. Sim, contribui para a integração do grupo. É muito útil para o sentimento de pertença.”



**Gráfico 12:** Interação – Relação social e de aproximação com os outros em ambiente/ contexto musical (de 17 de Janeiro de 2011 a 21 de Junho de 2011)

Se não tivesse observado a amostra pensaria, “é impossível uma proximidade” devido à fragilidade da patologia diagnosticada, é evidente a dificuldade desta contrair relações de proximidade com os outros. No entanto, as relações sociais e de

aproximação demonstram que através da interacção o indivíduo, mesmo com as suas limitações, contorna as dificuldades e adapta-as encontrando soluções viáveis, o que não se verifica noutras situações, deixando-os particularmente desconfortáveis.

Embora o A, o G e o P demonstrem *“preferência em ficar sozinho”* na sala, desfrutando a música consigo próprios, em ambiente musical permitem a *“presença de adultos”*, *“tocam em grupo”* e *“respeitam a opinião e trabalho dos colegas”*.

Contrariamente, o D não procura ninguém devido à sua problemática, pouco interage com os colegas apesar de respeitar a opinião e o trabalho dos colegas. Além disso, *“responde com entusiasmo às actividades musicais em grupo, demonstrando agrado e desagrado recorrendo ao choro e a vocalizações”*.

*“Todas as crianças gostam de música por esse motivo achamos essencial, haver em determinado período do dia música”*, comenta a PEE. Além disso, *“os alunos partilham e expressam-se muito mais”*, *“ficam mais comunicativos e com mais vontade de aprender”*.

No que concerne a este gráfico, verificamos que o A e o P são os que mais interagem, partilham mais os afectos, permitindo uma aproximação dos colegas e adultos. Por exemplo, o P *“gosta de participar e de interagir com outras crianças”*. O facto de existir um ambiente musical na sala de aula permite que ambos colaborem e respondam com entusiasmos às actividades, respeitam o ambiente musical, a opinião e o trabalho dos colegas. Além disso, esta técnica relaxa-os, motivando-os para a aprendizagem. O G apresenta uma capacidade de atenção e concentração muito reduzida, motivo pelo qual não demonstre interesse pelas actividades sendo por vezes obrigado a realizá-las. No entanto, a música permite que responda com entusiasmos às actividades mas apenas com a presença de adultos durante a realização das mesmas. Como refere a PEE, o G *“não gosta de fazer actividades com outros meninos que não sejam aqueles que estão consigo diariamente”*.

#### Subcategoria C2 – Estimulação através de instrumentos musicais

Amostra A – *“Responde com entusiasmo às actividades”* (SA). *“Demonstra facilidade na execução técnica de instrumentos musicais”*, *“Demonstra sentido rítmico e criatividade musical”* (SAM). *“Relaxa com os sons, a musicalidade”* (SS).

Amostra G – “Responde com entusiasmo às actividades” (SA). “Explora sons e características físicas dos instrumentos musicais” (SAM).

Amostra D – “Respeita o ambiente musical”, “Explora sons e características físicas dos instrumentos musicais” (SAM). “Motiva para a aprendizagem”, “Relaxa com os sons, a musicalidade”, “Colabora nas actividades com entusiasmo” (SS).

Amostra P – “Responde com entusiasmo às actividades” (SA). “Demonstra facilidade na execução técnica de instrumentos musicais”, “Explora sons e características físicas dos instrumentos musicais” (SAM). “Relaxa com os sons, a musicalidade” (SS). “Adoras as festas da escola e tudo que englobe música” (PEE).

Professor EE – “A música promove a descoberta e a exploração. “Permanecem na mesa sentados até que todos cantem a música que gostam.”

Terapeuta Ocupacional – “Na instituição existe uma aula de Educação Musical e o grupo que frequenta adora participar. Uso maracas e tambores.”

Professores PEM – “Gostam mais de instrumentos de percussão, sobretudo peles e lâminas. Sim, instrumental Orff.”



**Gráfico 13:** Interação – Estimulação através de instrumentos musicais (de 17 de Janeiro de 2011 a 21 de Junho de 2011)

A probabilidade de encontrar alguém que não goste de tocar instrumentos musicais, de explorar os sons e as suas próprias características é demasiado remota, uma vez que os sons atraem a nossa atenção e fomenta a vontade de experimentar. Todos os

alunos *“gostam de explorar os diferentes instrumentos da sala de aula, e quando gostam do som que o instrumento produz são capazes de andar com o instrumento o dia inteiro”*.

Ao longo das observações e na partilha de informações com PEE, foi-nos comunicado a exploração dos instrumentos desde a sua concepção à sua utilização. Por exemplo, o pau de chuva, *“fizemos com um tubo e colocamos areia”*, *“dava a sensação de chuva”*.

Como refere a PEM, os alunos *“gostam imenso”* e demonstram mais interesse por *“instrumentos de percussão, sobretudo peles e lâminas”* e *“gostam particularmente da pandeireta”*.

O aluno que mais interage com os outros é o P, *“adora as festas da escola e tudo que englobe música”*, no entanto, todos os outros demonstram *“motivação para a aprendizagem”*, *“respondem e colaboram nas actividades com entusiasmo”*, *“exploram os sons e características físicas dos instrumentos musicais”*, *“permitem a presença de adultos durante a realização das actividades”*, etc.

À excepção do G que apresenta instabilidade temperamental, todos os outros respeitam o ambiente musical, são interactivos e *“geralmente observam-se reacções positivas que facilitam a nossa intervenção”*. O D é o único que não revela sentido rítmico e criatividade musical devido à sua problemática.

Os alunos A, D, e P beneficiam muito com esta técnica, e o ambiente sensorio musical revela-se fucral na maioria das aprendizagens, *“utilizo música com alguma frequência porque penso que facilita a integração de alguns componentes de desempenho. (...) a música emite reacções, verificam-se alterações nas suas expressões faciais, (...) os alunos adquirem ritmo, noção de esquema corporal e proporciona o trabalho ao nível da coordenação”*. Esta terapia, motiva para a aprendizagem e ao respeitarem o ambiente musical, permite que os alunos relaxem com os sons e musicalidade sucedendo-se a aprendizagem, resultando em respostas e colaboração repletas de entusiasmo nas actividades.

## CONCLUSÃO

---

A fase final desta investigação, cujo preceito obriga à sua conclusão, afirmamos seguramente ser um estudo da música, um campo de investigação longe de estar concluído por percebermos a dificuldade em encontrar certezas irrefutáveis ou conclusões incontestavelmente efectivas em relação à sua problemática.

Estamos convictos, pela questão orientadora e pelos objectivos, todos os processos, actividades e estratégias implementadas tiveram como propósito a obtenção de respostas credíveis.

O que nos aliciou, despertando especial atenção no nosso projecto, prende-se com os atributos da música, isto é, o facto de podermos reflectir, observar e analisar, não apenas os comportamentos dos alunos nas diferentes patologias, mas também procurar conhecer de que forma a Educação Musical e/ou Musicoterapia, em contexto educativo, pode contribuir para dinamizar novos estímulos e benefícios nas crianças com perturbações, capaz de contribuir para a modificação do seu “Eu”, reeducando-o para as suas reais possibilidades.

Desta forma, pretendeu-se apresentar os aspectos que entendemos ser os mais relevantes e pertinentes, relacionados com a musicoterapia e/ou Educação Musical junto das crianças portadoras de NEE.

Assim sendo, a Educação Musical necessita de uma adequação real, prática e concreta, pois é fundamental termos expectativas em relação aos progressos destas crianças, tal como, compreendermos e aceitarmos os seus ritmos de aprendizagem. Neste sentido, seria interessante e conveniente, agrupar as duas áreas e criar uma que desempenha-se ambas as funções, desta forma, seria mais fácil o professor, enquanto programador das actividades, definir os objectivos em prol das necessidades e competências dos participantes, que consequentemente, motiva, diverte e relaxa aliado à estimulação emocional, promovendo a cura, a harmonia, inspiração, auto-estima e energia que será reflexo mais significativo do processo de ensino-aprendizagem.

Tentou-se explicitar, através da fundamentação teórica, que a musicoterapia usa a música e esta pode ser ferramenta fulcral para a compreensão do ser humano, cujo objectivo é ajudar o indivíduo a alcançar “saúde e qualidade de vida”, nos domínios dos sentimentos e das emoções. Musicoterapia é uma técnica terapêutica actual, em fase de crescimento permanente, uma vez que as técnicas oferecem várias alternativas ao musicoterapeuta, que tem como finalidade ajudar o sujeito a ultrapassar as suas dificuldades. Musicoterapia permite ao paciente alcançar diferentes efeitos, vivendo-a com diferentes intensidades, com maior ou menor frequência, e cada um utiliza-a segundo a sua própria necessidade.

Procedeu-se também a uma breve definição de música, que se caracteriza como sendo um dos maiores transmissores de mensagens, emoções, sensações..., provocando no indivíduo comportamentos conscientes ou inconscientes.

Expressar a música, é enriquecer a nossa vida diária, pois ela permite perceber o modo de pensar, os seus comportamentos, as suas relações interpessoais, como fonte de cura, harmonia e inspiração.

Sensibilizar e estimular as crianças para música é um factor importante para o desenvolvimento de estímulos no ser humano, tornando indispensável sua utilização na aprendizagem de crianças portadoras de NEE, uma vez que estas, geralmente reagem à música aliviando a tensão emocional, superando os seus medos e as dificuldades de foro comportamental, intelectual, social e espiritual. É por isso da responsabilidade do professor e/ou musicoterapeuta verificar as interacções, as emoções e os comportamentos das crianças/adolescentes face às actividades propostas. Desta forma, conseguimos programar actividades pensadas individualmente, de acordo com as necessidades de cada um.

Depreendemos que, pelas considerações finais recolhidas através da análise das observações e entrevistas, que a Educação Musical é uma modalidade de intervenção, que se poderá revelar de extrema importância para o tratamento do autismo, síndrome alcoólica fetal, síndrome de rett, distrofia muscular, etc. Além disso, a observação realizada à sala de Snoezelen, revela a possibilidade de novas terapias com modernos estímulos que beneficiam positivamente as crianças com perturbações.

A verificação dos benefícios da música junto da amostra da investigação está patente nas atitudes e comportamentos de interacção da mesma com o grupo durante a realização das observações e durante a realização das actividades. Contudo, verifica-se que cada amostra influencia directamente no domínio da interacção e relação social, com os pares e com os adultos.

A música tem um papel importante, quer na educação geral, quer na especial, ajudando a estabelecer vias comunicativas, encorajando as crianças/adolescentes a procurarem estabelecer contactos com os pares ou com adultos, e a promover estratégias para a estruturação de comportamentos de controlo da atenção e concentração das crianças.

As actividades musicais oferecem inúmeras oportunidades à criança para que desenvolva a sua habilidade motora, aprenda a controlar os comportamento e promova o ensino-aprendizagem.

Esperemos que este trabalho, motive o leitor a pesquisar mais aprofundadamente, sobre novos estímulos nas crianças portadoras de NEE.

## REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALMEIDA, L. S. FREIRE, T. (2007) *Metodologias da Investigação em Psicologia e Educação*. 4.ª Edição. Braga: Psiquilíbrios.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MUSICOTERAPIA (1998). *Textos de musicoterapia I*. Edição: APMT.
- BENENZON, Roland (1987). *O Autismo, a Família, a Instituição e a Musicoterapia*. Rio de Janeiro, Enelivros.
- BENENZON, Roland (1988). *Teoria da Musicoterapia: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal*. São Paulo: Summus.
- BLASCO, S.P. (1999). *Compêndio de Musicoterapia*. Volume I. Barcelona.
- BOUCOURECHLIEV, ANDRÉ (2003). *A Linguagem Musical*. Lisboa: Edições 70.
- BRÉSCIA, VERA LÚCIA PESSAGNO (2003). *Educação Musical: bases psicológicas e acção preventiva*. São Paulo: Átomo.
- BRITTO, TECA ALENCAR DE (2003). *Música na Educação Infantil*. São Paulo: Peirópolis, p. 35
- BRUSCIA, KENNETH E. (1997). *Definindo Musicoterapia*. Espanha: Edição/reimpressão: AMARU.
- BRUSCIA, KENNETH E. (2007). *Musicoterapia – Métodos y Prácticas*. México. Editorial Pax México, librería Carlos cesarman, S.A.
- CAMARGO, P. (2002). *Sociedade Revaloriza Ouvido Musical*. Suplemento da Folha de São Paulo, n.º 3, 24 de Setembro de 2002, pp. 9-14
- CANDÉ, ROLAND DE (1990). *O Convite à Música*. Vila Nova de Gaia: Edições 70.
- CARACOL, ALEXANDRA (2007). *A cura pela música (e não só...)*. 1.ª Edição. S. António dos Cavaleiros. Tanilunga.
- CARMONA, M. FELICIANO ARGUEDA (1985). *Musicoterapia Aplicada Al Niño Deficiente: Experiencias Realizadas En*. Editor: Dip. De Cordoba.
- CORREIA, L. M. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- CORREIA, L. M. (2003). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.
- COSTA, CLARICE MOURA (2006). *O Despertar para o Outro*. Editor: Diversos.
- CURY, AUGUSTO JORGE (2005). *Pais Brillhantes Professores Fascinantes – Como*

- formar jovens felizes e inteligentes*. 6.<sup>a</sup> Reimpressão. Cascais: Editora Pergaminho, Lda.
- D'OLIVEIRA, T. (2007). *TESES E DISSERTAÇÕES. Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. Lisboa: Editora RH
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (1994). *Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade*. Salamanca, Espanha: UNESCO
- DIAS, MARIA MANUELA C. BRITO DA SILVA (1999). *A Imagem no Ensino de Crianças com Necessidades Educativas Especiais*. 1.<sup>a</sup> Edição. Braga: Casa do Professor.
- FARIA, MARIA FÁTIMA (2008). *A Musicoterapia na evolução sócio-relacional de crianças com Perturbações do Espectro do Autismo*. Braga: M. Fátima Faria. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais.
- FERRAZ, MARCELLI. BAPTISTA, ANA LUÍSA. DIAS, BÁRBARA RAMOS. SOARES, CARLA. BOMPASTOR, ELISABETE. NARCISO, FILIPA. BUCHO, JOÃO. BASTOS, JOSÉ GABRIEL PEREIRA. BARREIRA, NUNO MIGUEL. SANTOS, RAISSA. SEARA, RITA. SILVA, SANDRA & JESUS, SOFIA DE (2009). *Terapias Expressivas Integradas*. 1.<sup>o</sup>- Edição. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda.
- FONTE, MARTA CRISTINA CARDOSO (2008). *Educação e Expressão Musical em crianças com Lesão Cerebral: Paralisia Cerebral*. Porto: Marta Fonte. Pós-Graduação em Educação Especial apresentada à escola Superior de Educação Paula Franssinette.
- GOMES, FERNANDO PAULO. HENRIQUES, PAULO. & MATOS, LUIS. (2003). *Sons Isolados: Início de uma grande aventura a música*. Santa Comba Dão: ECM – Edições Convite à Música, D.L..
- GORDON, EDWIN E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical – Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GORDON, EDWIN E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical para recém-nascidos e crianças em idade Pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HENRIQUES, FERNANDO (2004). *Paraplegia – Percursos de Adaptação e Qualidade de Vida*. Coimbra. Formasau: Formação e Saúde, Lda.
- JAKOBSON, ROMAN, 1896-1982; LÉVI-STRAUSS, CLAUDE, 1908 – pref.;

- SINTRA, LUÍS MIGUEL, 1949 – trad. (1977). *Seis Lições sobre o som e o sentido*. Lisboa: Moraes Editores.
- JIMENÉZ, RAFAEL BAUTISTA e tal (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. 1.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Dinalivro.
- LEGAUD, MICHEL & LEGAUD, JACQUELINE. (1971) *A criança e a música*. Publicações Europa-América.
- LINGERMAN, HAL A. (1983). *As Energias Curativas da Música*. São Paulo. Editora Cultrix.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997). *Legislação*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo*. 3.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- MORENO, JOSEFA LACÁRCEL (1990). *Musicoterapia En Educacion Especial*. Murcia. Editor: Univ. Murcia.
- NIELSEN, LEE BRATTLAND (2000). *Necessidades Educativas Especiais na sala de aula: um guia para professores*. Porto: Porto Editora.
- PADILHA, MARISA (2008). *A Musicoterapia no tratamento de Crianças com Perturbações do Espectro do Autismo*. Beira Interior: Marisa Padilha. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências da Medicina.
- PALHEIROS, GRAÇA (1999). *Metodologias e Investigação sobre o Ensino do Ritmo – Algumas reflexões*. Lisboa: Revista de Educação Musical, da Associação Portuguesa de Educação Musical, n.º 103, Outubro/Dezembro, pp. 4-9.
- PEREIRA, EDGAR DE GONÇALVES (1998). *Autismo: do conceito à pessoa*. 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- PEREIRA, ALEXANDRE & POUPA, CARLOS (2003). *Como escrever uma tese, monografia ou livro científico usando o Word*. 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Edições Sílabo.

- PEREIRA, EDGAR DE GONÇALVES (1998). *Autismo: do conceito à pessoa*. 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Secretariado Nacional para a reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- READ, HERBERT (1958). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- RODRIGO, MARIA SOLEDAD (2000). *Musicoterapia: Terapia De Musica Y Sonido*. Editor: Musicalis.
- RODRIGO, MARIA SOLEDAD (2008). *Musicoterapia - Terapia De Musica Y Sonido*. 2.<sup>a</sup> Edição. Producción editorial: ATYPE, S. L.
- RUUD, EVEN (1990). *Caminhos da Musicoterapia*. São Paulo: Summus.
- SILVA, SARA SENRA (2009). *A Expressão Musical: (Re) Posição Social de Adolescentes com Perturbações do Espectro do Autismo*. Braga: Sara Silva. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais.
- SNYDERS, GEORGES (1994). *A escola pode ensinar as alegrias da música?*. 2.<sup>a</sup> Edição. São Paulo: Cortez.
- SOUSA, ALBERTO B. (2005). *Psicoterapias Activas: (Arte-Terapias)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SOUSA, M.<sup>a</sup> ELISABETE (2010). *A Musicoterapia na Socialização das Crianças com Perturbações do Espectro do Autismo*. Porto: M.<sup>a</sup> Elisabete Sousa. Pós-Graduação em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor apresentada à Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- SOUSA, MARIA JOSÉ & BAPTISTA, CRISTINA SALES (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa. Pactor: Edições de Ciências Sociais e Política Contemporâneas.
- VAILLANCOURT, GUYLAINE (2009). *Musica Y Musicoterapia*. Editor: Narcea.
- VAYER, PIERRE & RONCIN, CHARLES (1992). *Integração da Criança Deficiente na Classe*. Lisboa: Fotocomposição e impressão – Sociedade Astória.
- VERDEAU-PAILLES, J.; LUBAN-PLOZZA, B. ; PONTI, M. D., (1995). *La "Troisième Oreille" et la Pensée Musicale*, France, Editions J.M.

## Referências Legislativas

---

- DECRETO – LEI n.º 319/91, de 23 de Agosto, 1991, Ministério da Educação.
- DECRETO-LEI n.º 03/2008. *Define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básicos e secundário dos sectores público, particular e cooperativo.* Diário da República - I Série – n.º 4 – de 7 de Janeiro de 2008, pp. 154 - 164.
- DESPACHO n.º 139/ME/90, de 16 de Agosto. Diário da República – II Série – n.º 202 – de 1 de Setembro.
- LEI n.º 46/86. *Lei de Bases do Sistema Educativo.* Diário da República – I Série, n.º 237 – de 14 de Outubro de 1986, pp. 3067 – 3081

## Artigos

---

- BEBER, MARIELLI COSTA (17 de Março de 2009). *A música como fator de sensibilização na Educação Infantil.* Disponível na Internet: <http://artigospanambi.blogspot.com/2009/03/musica-como-fator-de-sensibilizacao.html> Acedido em 17 de Janeiro de 2011 às 16h30m.
- CHAGAS, ELMARA PENIDO & TIBÚRCIO, SIMONE PRESOTTI (2006). *A importância da Música para o portador de Paralisia Cerebral.* XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. Disponível na Internet: [http://www.sgmt.com.br/anais/p06temalivreposter/TLP05-Chagas&Tiburcio\\_Anais\\_XIISBMT.pdf](http://www.sgmt.com.br/anais/p06temalivreposter/TLP05-Chagas&Tiburcio_Anais_XIISBMT.pdf) Acedido em 21 de Janeiro de 2011 às 13h.
- CONSONI, INILCÉIA APARECIDA GUIDOTTI (2009). *A contribuição da Música na Educação.* Disponível na Internet: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1183> Acedido em 17 de Janeiro de 2011 às 17h10.
- CONSONI, INILCÉIA APARECIDA GUIDOTTI (27 de Novembro de 2009). *A Contribuição da Música na Educação.* Disponível na Internet: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1183> Acedido em 17 de Janeiro de 2011 às 17h10m

- CONXA, TRALLERO FLIX (2000). *O uso da Terapia Música na Educação Especial*.  
Jornal dos Professores de Ensino Lima (PERU), N. 15-16, Vol. 5, P. 61-65.  
Disponível na Internet:  
Disponível na Internet:  
<http://translate.google.pt/translate?hl=pt-PT&sl=es&u=http://ip-72-167-142-143.ip.secureserver.net/pt/musicoterapia-pdf-2.html&ei=Pd4mTouVMpCJhQf0waSCCg&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=2&ved=0CCcQ7gEwAQ&prev=/search%3Fq%3Deduca%25C3%25A7%25C3%25A3o%2Bespecial%2BTrallero%2BConxa%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DX%26nfpr%3D1%26biw%3D1280%26bih%3D599%26prmd%3Divns>. Acedido em 20 de Julho de 2011 às 14h58m.
- JOLY, ILZA ZENKER LEME (2003). *Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos*.  
Edição: 2003 – vol. 28 – N.º 02. Disponível na Internet:  
<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2003/02/a7.htm> Acedido em 17 de Janeiro de 2011 à 17h.
- M. SABRINA (18 de Novembro de 2008). *Musicoterapia e Educação Especial*. São Paulo, SP, Brasil. Disponível na Internet: <http://musicoterapia-saopaulo.blogspot.com/2008/11/musicoterapia-com-crianas-especiais.html>  
Acedido em 12 de Agosto de 2011 às 18h37m.
- NASSER, NAJAT (1997, Julho/Dezembro). *O Ethos na Música Grega*. Boletim do CPA. PP.241-254 n.º 4
- NICEIAS, MAYARA DIVIDA TELES & NETO, WILIBALDO DE SOUSA (2011). *Musicoterapia na Educação Especial*. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 201. Disponível da Internet:  
<http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/artes/poster/19-43-1-SP.pdf>  
Acedido em 20 de Julho de 2011 às 24h.
- ONGARO, CARINA DE FARIA. SILVA, CRISTIANE DE SOUZA & RICCI, SANDRA MARA (2006). *A Importância da Música na Aprendizagem*.  
Disponível na Internet:  
<http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf> Acedido em 17 de Janeiro de 2011 às 16h18m.
- SANTOS, ADRIANA SOARES LOURENÇO DOS. (1997). Monografias.com

Disponível no URL: <http://br.monografias.com/trabalhos2/terapias-complementares/terapias-complementares.shtml> Acedido em 17 de Janeiro de 2011 às 17h30m.

Wikipédia, a Enciclopédia Livre. *A música na pré-história*. Disponível na Internet: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_m%C3%BAsica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_m%C3%BAsica) Acedido em 12 de Janeiro de 2011 às 15h44m.

## Revistas

---

CHIARELLI, LÍGIA KARINA MENEGHETTI (2005, Junho). *A Importância da Musicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – A Música como meio de desenvolver a Inteligência e a Integração do Ser*. Revista *Recreate*. P. 2 n.º 3. Disponível na Internet: <http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate03/musicoterapia.htm> Acedido em 17 de Janeiro de 2011 às 16h46m.

## Referências da WEB

---

<http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=162224> - 15 de Dezembro de 2010, 10h

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Música> - 12 de Janeiro de 2011, 15h44

<http://dicionario.sensagent.com/educa%C3%A7%C3%A3o+musical/pt-pt/> - 12 de Janeiro de 2011, 16h

<http://www.aceav.pt/blogs/fatimasilva/Lists/Artigos/Post.aspx?ID=27> - 12 de Janeiro de 2011, 18h07

<http://www.aceav.pt/blogs/fatimasilva/Lists/Categorias/Category.aspx?Name=Pedagogos%20e%20pedagogias> - 12 de Janeiro de 2011, 18h10

[http://www.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=dQUI4OQfk8YC&oi=fnd&pg=PA9&dq=livro+evolu%C3%A7%C3%A3o+do+conceito+educa%C3%A7%C3%A3o+musical&ots=LjFKI\\_n4Go&sig=nBWgf9Rt](http://www.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=dQUI4OQfk8YC&oi=fnd&pg=PA9&dq=livro+evolu%C3%A7%C3%A3o+do+conceito+educa%C3%A7%C3%A3o+musical&ots=LjFKI_n4Go&sig=nBWgf9Rt)

[UFjU4seuxcaj7Yk-ZUw#](#) - 12 de Janeiro de 2011, 21h

<http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf> - 17 de Janeiro de 2011 (16h18)

<http://artigospanambi.blogspot.com/2009/03/musica-como-fator-de-sensibilizacao.html>  
- 17 de Janeiro de 2011, 16h30

<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2003/02/a7.htm> - 17 de Janeiro de 2011, 17h

<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrid=1183> - 17 de Janeiro de 2011, 17h10

<http://translate.google.pt/translate?hl=pt->

[PT&sl=es&u=http://html.rincondelvago.com/definiendo-la-musicoterapia\\_kenneth-bruscia.html&ei=zrxRTaS3FMO7hAf3rPHTCA&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=2&ved=0CCcQ7gEwAQ&prev=/search%3Fq%3Ddefiniendo%2Bmusicoterapia%26hl%3Dpt-PT%26rlz%3D1R2ADFA\\_pt-PTPT367%26prmd%3Ddivns](http://html.rincondelvago.com/definiendo-la-musicoterapia_kenneth-bruscia.html&ei=zrxRTaS3FMO7hAf3rPHTCA&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=2&ved=0CCcQ7gEwAQ&prev=/search%3Fq%3Ddefiniendo%2Bmusicoterapia%26hl%3Dpt-PT%26rlz%3D1R2ADFA_pt-PTPT367%26prmd%3Ddivns) - 8 de Fevereiro de 2011, 22h

<http://musicoterapia.com.sapo.pt/> - 29 de Abril de 2010, 21h

<http://www.lis.ulsiada.pt/old/musicoterapia/apresentacao.htm> - 29 de Abril de 2010, 21h20

<http://musicoterapialm.blogspot.com/2009/05/historia-da-musicoterapia.html> - 22 de Maio de 2010, 22h

[http://www.weronline.com/nuno/poemas/Quem\\_sou\\_eu.htm](http://www.weronline.com/nuno/poemas/Quem_sou_eu.htm) - 13 de Julho de 2011, 18h47

<http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/artes/poster/19-43-1-SP.pdf> - 20 de Julho de 2011

<https://docs.google.com/fileview?id=1539->

[HcnxmQsa1Ou9Z31A3SO2s\\_FsBJV6PTM1ScZH4pGLsqWfvLjDYdds-MG&hl=pt\\_BR&authkey=CNaB68gN](https://docs.google.com/fileview?id=1539-HcnxmQsa1Ou9Z31A3SO2s_FsBJV6PTM1ScZH4pGLsqWfvLjDYdds-MG&hl=pt_BR&authkey=CNaB68gN) - 16 de agosto de 2011, 14h31

<https://docs.google.com/fileview?id=0B7->

[3Xng5XEKfYwQzMGQ4N2QtYjdIMi00NmNjLThhOGItYjI4YTlyZDljYmQ5&hl=pt\\_BR&authkey=CPOLnYwO](https://docs.google.com/fileview?id=0B7-3Xng5XEKfYwQzMGQ4N2QtYjdIMi00NmNjLThhOGItYjI4YTlyZDljYmQ5&hl=pt_BR&authkey=CPOLnYwO) - 16 de agosto de 2011, 14h32

<http://musicoterapia-m-ola.blogspot.com/2010/04/tipologia-da-musicoterapia-curativa->

[e.html](#) - 16 de Agosto de 2011, 14h41

<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v25n2/v25n02a12.pdf> - 17 de Agosto de 2011, 15h46

<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf> - 24 de Agosto de 2011, 3h

[http://www.infopedia.pt/\\$observacao-participante](http://www.infopedia.pt/$observacao-participante) – 24 de Agosto, 3h30

<http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf> - 25 de Agosto de 2011, 11h38



# **Anexo 1**

---

## **Guião da Entrevista**

---

Guião de entrevista – Professora de Educação Especial

Guião de entrevista – Terapeuta Ocupacional

Guião de entrevista – Professores de Educação Musical

## Guião da Entrevista (Prof. Educação Especial)

---

Agradecemos a sua disponibilidade e colaboração no tributo a este processo de investigação, cuja finalidade desta entrevista é a recolha de informação acerca de crianças/adolescentes com NEE em diferentes contextos de sala de aula com música e de que forma a música altera os comportamentos, a interacção e as emoções. Posto isto, como investigadora/professora desta disciplina torna-se imprescindível captar as suas opiniões, os seus saberes e as suas vivências.

Neste estudo, no qual será realizada uma entrevista, as informações recolhidas serão analisadas garantindo sempre o anonimato da fonte dessa informação. Assim, nunca será identificada a sua pessoa.

Durante a entrevista se quiser saber a razão de determinada pergunta, por favor sinta-se à vontade para o fazer ou se houver algo que não queira responder simplesmente diga que não responde.

Deseja colocar alguma questão antes de iniciarmos?

1. Os seus alunos gostam de música?
2. Que géneros de música gostam mais? E menos?
3. Costuma por música para eles ouvir? Reagem aos sons? E à música?
4. A música influencia os seus estados de espírito? (Fica mais calmo ou mais agitado)
5. Que benefícios acha que a música traz para os seus alunos? (dançam ao som da música, movimentam-se livremente, cantam,...)
6. Quando estão a ouvir música, conseguem ter uma relação mais próxima com eles?
7. A música promove a descoberta e a exploração?
8. Como reage o grupo quando ouvem música? (mostram-se agressivos uns com os outros ou partilham mais)
9. São capazes de trabalhar em colaboração com os outros alunos?
10. Acha que a música motiva os seus alunos e induz a uma melhor aprendizagem?
11. Acha que o som/música desenvolve o movimento?

12. Os seus alunos são capazes de se acalmar sozinhos? Com que tipo de música os alunos conseguem relaxar?
13. Já lhes deu algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?
14. Acha que a música é uma terapia para os seus alunos?
15. Sei que semanalmente têm uma sessão de snoezelen. Nota alguma agitação quando eles sabem que vão à sessão?
16. Utiliza música na sala de aula regularmente? Porquê?
17. Costuma leccionar a áreas Educação Musical na sala de aula? Como reagem os alunos?
18. Acha que a Educação Musical contribui para a integração do grupo?
19. A música contribui para o desenvolvimento do comportamento das crianças?
20. Considera que a música contribui para a transmissão de mensagens, emoções e comunicação dos seus alunos?

Acha que há mais alguma coisa pertinente sobre este assunto?

## Guião da Entrevista (Terapeuta Ocupacional)

---

Agradecemos a sua disponibilidade e colaboração no tributo a este processo de investigação, cuja finalidade desta entrevista é a recolha de informação acerca de crianças/adolescentes com NEE em diferentes contextos de sala de aula com música e de que forma a música altera os comportamentos, a interacção e as emoções. Posto isto, como investigadora/professora desta disciplina torna-se imprescindível captar as suas opiniões, os seus saberes e as suas vivências.

Neste estudo, no qual será realizada uma entrevista, as informações recolhidas serão analisadas garantindo sempre o anonimato da fonte dessa informação. Assim, nunca será identificada a sua pessoa.

Durante a entrevista se quiser saber a razão de determinada pergunta, por favor sinta-se à vontade para o fazer ou se houver algo que não queira responder simplesmente diga que não responde.

Deseja colocar alguma questão antes de iniciarmos?

1. Durante o desenvolvimento das actividades terapêuticas costuma utilizar música?
2. Os seus alunos gostam de música?
3. Que géneros de música gostam mais? E menos?
4. Se coloca música para eles ouvir, como reagem aos sons? E à música?
5. A música influencia os seus estados de espírito? (Fica mais calmo ou mais agitado)
6. Que benefícios acha que a música traz para os seus alunos? (dançam ao som da música, movimentam-se livremente, cantam,...)
7. Quando estão a ouvir música, conseguem ter uma relação mais próxima com eles?
8. A música promove a descoberta e a exploração?
9. Como reage o grupo quando ouvem música? (mostram-se agressivos uns com os outros ou partilham mais)
10. São capazes de trabalhar em colaboração com os outros alunos?
11. Acha que a música motiva os seus alunos e induz a uma melhor aprendizagem?

12. Acha que o som/música desenvolve o movimento?
13. Os seus alunos são capazes de se acalmar sozinhos? Com que tipo de música os alunos conseguem relaxar?
14. Já lhes deu algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?
15. Acha que a música é uma terapia para os seus alunos?
16. Sei que desenvolve actividades na sala de snoezelen. Nota alguma agitação quando eles sabem que vão à sessão?
17. Utiliza música na sala de aula regularmente? Porquê?
18. Que género de música cativa mais a atenção, concentração e espírito de aprendizagem dos seus alunos?
19. Costuma leccionar a áreas Educação Musical na sala de aula? Como reagem os alunos?
20. Acha que a Educação Musical contribui para a integração do grupo?
21. A música contribui para o desenvolvimento do comportamento das crianças?
22. Considera que a música contribui para a transmissão de mensagens, emoções e comunicação dos seus alunos?

Acha que há mais alguma coisa pertinente sobre este assunto?

## Guião da Entrevista (Profs. de Música)

---

Agradecemos a sua disponibilidade e colaboração no tributo a este processo de investigação, cuja finalidade desta entrevista é a recolha de informação acerca de crianças/adolescentes com NEE em diferentes contextos de sala de aula com música e de que forma a música altera os comportamentos, a interacção e as emoções. Posto isto, como investigadora/professora desta disciplina torna-se imprescindível captar as suas opiniões, os seus saberes e as suas vivências.

Neste estudo, no qual serão realizadas três entrevistas, as informações recolhidas serão analisadas garantindo sempre o anonimato da fonte dessa informação. Assim, nunca será identificada a sua pessoa.

Durante a entrevista se quiser saber a razão de determinada pergunta, por favor sinta-se à vontade para o fazer ou se houver algo que não queira responder simplesmente diga que não responde.

Deseja colocar alguma questão antes de iniciarmos?

1. Os seus alunos gostam de música?
2. Que géneros de música gostam mais? E menos?
3. Costuma por música para eles ouvir, como reagem aos sons? E à música?
4. A música influencia os seus estados de espírito? (Fica mais calmo ou mais agitado)
5. Que benefícios acha que a música traz para os seus alunos? (dançam ao som da música, movimentam-se livremente, cantam,...)
6. Quando estão a ouvir música, consegue ter uma relação mais próxima com eles?
7. A música promove a descoberta e a exploração?
8. Como reagem o(s) aluno(s) quando ouvem música? (mostram-se agressivos uns com os outros ou partilham mais)
9. São capazes de trabalhar em colaboração com os outros alunos/turma?
10. Acha que a música motiva os seus alunos e induz a uma melhor aprendizagem?
11. Acha que o som/música desenvolve o movimento?
12. Os seus alunos são capazes de se acalmar sozinhos? Com que tipo de música os alunos conseguem relaxar?

13. Já lhes deu algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?
14. Acha que a música é uma terapia para os seus alunos?
15. Os seus alunos respondem positivamente às actividades musicais do em grupo?
16. Como reagem os alunos quando executam instrumentos musicais?
17. Acha que a Educação Musical contribui para a integração do grupo?
18. A música contribui para o desenvolvimento do comportamento das crianças?
19. Acha que os alunos respeitam o ambiente musical?
20. Considera que a música contribui para a transmissão de mensagens, emoções e comunicação dos seus alunos?

Acha que há mais alguma coisa pertinente sobre este assunto?

## **Anexo 2**

---

### **Grelhas de Observação**

---

Grelhas de Observação Não Participante

# Grelhas de Observação Não Participante

## Aula Normal

<b>I – Nível Emocional</b>			
	Nunca revela	Revela pouco	Revela muito
1. Estimula os sentidos			
2. Promove o Auto-controlo			
3. Revela Autonomia			
4. Promove a descoberta e a exploração			
5. Mostra-se distante ignorando os outros			
6. Prefere ficar sozinho			
7. Manifesta satisfação, alegria e bem-estar			
<b>II – Nível Comportamental</b>			
1. Revela desconforto quando outras pessoas se aproximam			
2. Mostra ansiedade quando os professores que lhe são mais próximos estão longe			
3. Sorri em resposta a sorrisos de outros			
4. Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere			
5. Relaxa e diverte-se			
6. Permite explorar várias actividades, as necessárias como as preferenciais			
7. Liberta o stress			
8. Controla a ansiedade			
<b>III - Interacção</b>			
1. Permite o trabalho individual ou em grupo			
2. Motiva para a aprendizagem			
3. Responde com entusiasmo às actividades			
4. Permite a presença de adultos durante a realização das actividades			
5. Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo			
6. Demonstra comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas			
7. Tolerar que os colegas se sentem/deitem junto dele			
8. Permite que o grupo intervenha nos seus jogos			
9. Relaxa com os sons, a musicalidade			
10. Respeita o ambiente musical			
11. Respeita a opinião e o trabalho dos colegas			
12. Colabora nas actividades com entusiasmo			

Observador: \_\_\_\_\_ Aluno: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

# Grelhas de Observação Não Participante

## Aula de Música

<b>I – Nível Emocional</b>			
	Nunca revela	Revela pouco	Revela muito
1. Estimula os sentidos			
2. Promove o Auto-controlo			
3. Revela Autonomia			
4. Promove a descoberta e a exploração			
5. Mostra-se distante ignorando os outros			
6. Prefere ficar sozinho			
7. Manifesta satisfação, alegria e bem-estar			
<b>II – Nível Comportamental</b>			
1. Revela desconforto quando outras pessoas se aproximam			
2. Mostra ansiedade quando os professores que lhe são mais próximos estão longe			
3. Sorri em resposta a sorrisos de outros			
4. Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere			
5. Diverte-se e participa			
6. Permite explorar várias actividades, as necessárias como as preferenciais			
7. Liberta o stress			
8. Controla a ansiedade			
<b>III - Interacção</b>			
1. Permite o trabalho individual ou em grupo			
2. Motiva para a aprendizagem			
3. Responde com entusiasmo às actividades musicais em grupo			
4. Permite a presença de adultos durante a realização das actividades			
5. Permite a interacção física, por parte de colegas e adultos, durante canções, danças, coreografias, criação de ritmos e jogos			
6. Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo			
7. Demonstra comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas			
8. Tolerar que os colegas se sentem/deitem junto dele			
9. Permite que o grupo intervenha nos seus jogos			
10. Demonstra facilidade na execução técnica de instrumentos musicais			
11. Respeita o ambiente musical			
12. Respeita a opinião e o trabalho dos colegas			

13. Demonstra sentido rítmico e criatividade musical			
14. Recusa tocar instrumentos musicais que não conhece			
15. Explora os sons e características físicas dos instrumentos musicais			
16. Toca em grupo			
17. Partilha com o grupo a sua musicalidade			
18. Colabora nas actividades com entusiasmo			

Observador: \_\_\_\_\_ Aluno: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

# Grelhas de Observação Não Participante

## Aula de Relaxamento - Snoezelen

I – Nível Emocional			
	Nunca revela	Revela pouco	Revela muito
1. Estimula os sentidos			
2. Promove o Auto-controlo			
3. Revela Autonomia			
4. Promove a descoberta e a exploração			
5. Mostra-se distante ignorando os outros			
6. Prefere ficar sozinho			
7. Manifesta satisfação, alegria e bem-estar			
II – Nível Comportamental			
1. Revela desconforto quando outras pessoas se aproximam			
2. Mostra ansiedade quando os professores que lhe são mais próximos estão longe			
3. Sorri em resposta a sorrisos de outros			
4. Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere			
5. Relaxa e diverte-se			
6. Permite explorar várias actividades, as necessárias como as preferenciais			
7. Liberta o stress			
8. Controla a ansiedade			
III - Interacção			
1. Permite o trabalho individual ou em grupo			
2. Motiva para a aprendizagem			
3. Responde com entusiasmo às actividades			
4. Permite a presença de adultos durante a realização das actividades			
5. Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo			
6. Demonstra comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas			
7. Tolerar que os colegas se sentem/deitem junto dele			
8. Permite que o grupo intervenha nos seus jogos			
9. Relaxa com os sons, a musicalidade			
10. Respeita o ambiente musical			
11. Respeita a opinião e o trabalho dos colegas			
12. Colabora nas actividades com entusiasmo			

Observador: \_\_\_\_\_ Aluno: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## **Anexo 3**

---

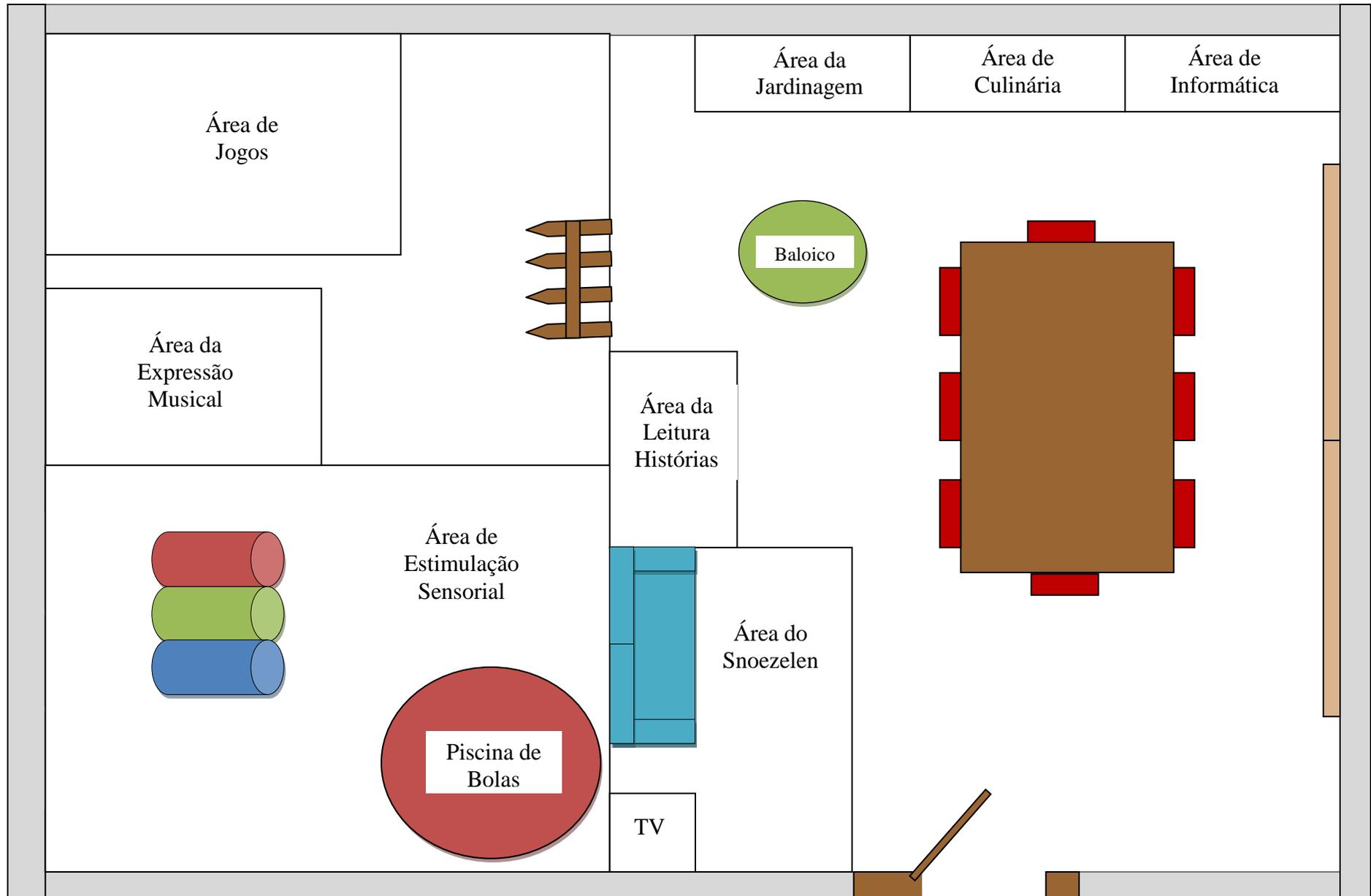
### **Planta das Salas de Aula**

---

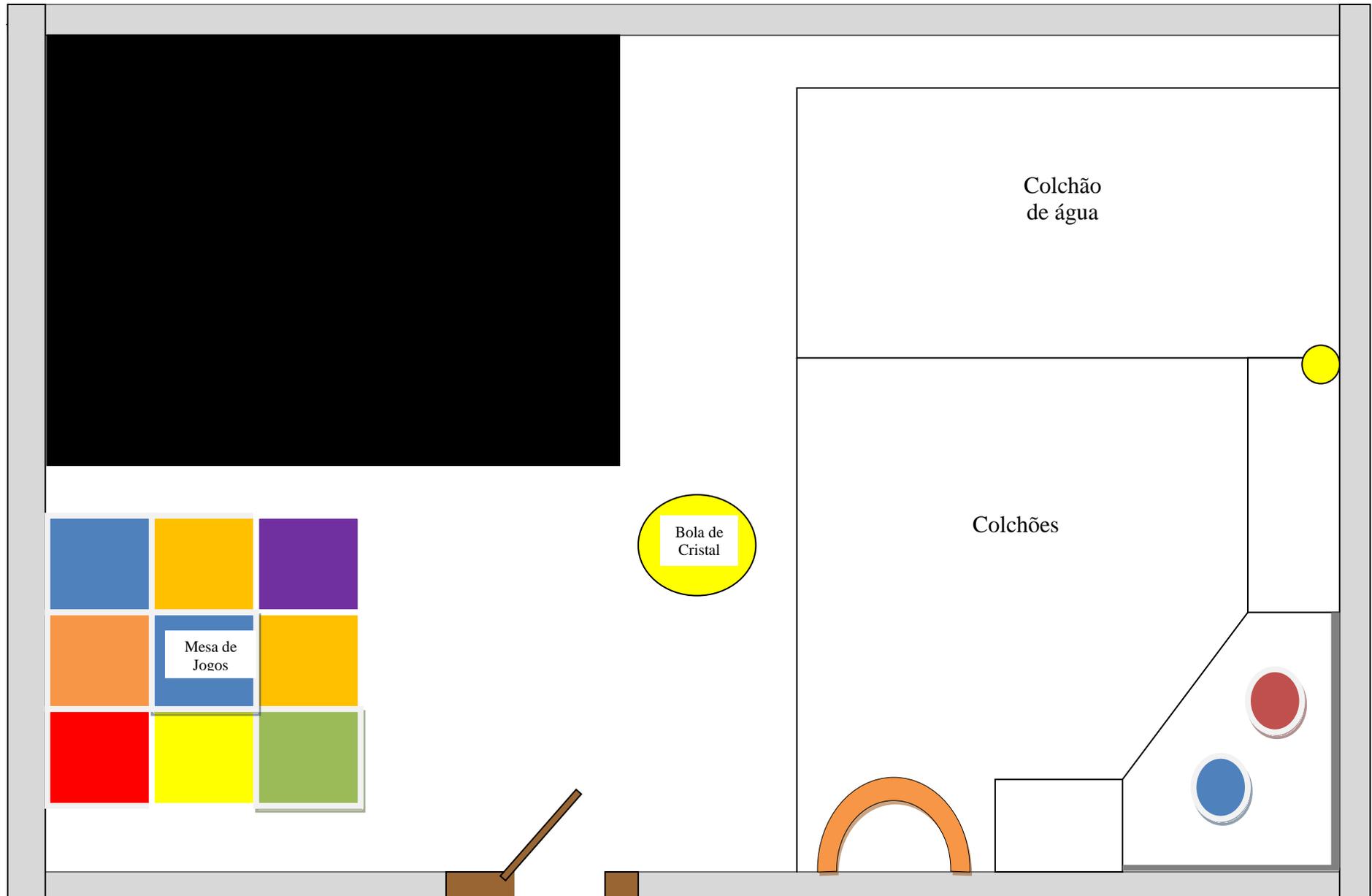
Sala Educação Especial

Sala de Snoezelen

# Planta Sala de Educação Especial



# Planta Sala de Snoezelen



## **Anexo 4**

---

### **Autorizações**

---

Autorização da Professora de Educação Especial

Autorização da Terapeuta Ocupacional

**Exma. Senhora**

**Professora de Educação Especial:**

Sílvia Cardoso Carvalho, Professora de Educação Musical, estudante da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga - a frequentar o mestrado de Ciências da Educação – Educação Especial, sob orientação do professor Doutor José Carlos Miranda, está a desenvolver uma Investigação subordinada ao tema “Terapia da Música e do Som aplicada a crianças portadoras de Necessidades Educativas Especiais” – trata-se de um projecto de investigação para fins académicos (obtenção de grau de mestre) – solicita a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, se possível, a autorização para a realização de observação de aulas junto das crianças e adolescentes portadores de NEE que frequentam a escola que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> Administra.

Agradecendo desde já a colaboração que possa dispensar subscrevo-me atentamente.

Com os melhores cumprimentos.

**Exma. Senhora**

**Terapeuta Ocupacional:**

Sílvia Cardoso Carvalho, Professora de Educação Musical, estudante da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga - a frequentar o mestrado de Ciências da Educação – Educação Especial, sob orientação do professor Doutor José Carlos Miranda, está a desenvolver uma Investigação subordinada ao tema “Terapia da Música e do Som aplicada a crianças portadoras de Necessidades Educativas Especiais” – trata-se de um projecto de investigação para fins académicos (obtenção de grau de mestre) – solicita a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, se possível, a autorização para a realização de observação de sessões de snoezelen junto das crianças e adolescentes portadores de NEE que frequentam a instituição que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> Administra.

Agradecendo desde já a colaboração que possa dispensar subscrevo-me atentamente.

Com os melhores cumprimentos.

## **Anexo 5**

---

### **Consentimento Informado da Entrevista**

---

Consentimento da Professora de Educação Especial

Consentimento da Terapeuta Ocupacional

Consentimento dos Professores de Educação Musical

## **Declaração de Consentimento Informado da Entrevista dirigida à professora de Educação Especial**

Cara Participante,

No âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa do Centro Regional de Braga, pretendemos desenvolver um estudo sobre “Terapia da Música e do Som aplicada a crianças portadoras de Necessidades Educativas Especiais”, cuja finalidade é estudar influência música na socialização das crianças e adolescentes portadores de Necessidades Educativas Especiais.

Neste sentido solicitamos-lhe que autorize a realização de uma entrevista, que aceite fazer a redacção e transcrição que necessitamos para a realização do estudo e, também, a sua permissão para ter acesso às informações e aos dados recolhidos durante a pesquisa.

No entanto, serão utilizados apenas na elaboração e divulgação científica, respeitando o carácter confidencial de identidade.

Eu, abaixo-assinado, declaro que compreendi as explicações que me foram dadas pela Investigadora Sílvia Carvalho numa linguagem clara e simples.

Declaro assim que estou elucidada com a informação recebida e compreendo a finalidade da Investigação. Autorizo a realização da entrevista, concordando em participar na redacção e transcrição, e declaro que não me oponho à utilização das informações ou dados recolhidos durante o estudo.

O Inquirido

---

Porto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

## **Declaração de Consentimento Informado da Entrevista dirigida à Terapeuta Ocupacional**

Cara Participante,

No âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa do Centro Regional de Braga, pretendemos desenvolver um estudo sobre “Terapia da Música e do Som aplicada a crianças portadoras de Necessidades Educativas Especiais”, cuja finalidade é estudar influência música na socialização das crianças e adolescentes portadores de Necessidades Educativas Especiais.

Neste sentido solicitamos-lhe que autorize a realização de uma entrevista, que aceite fazer a redacção e transcrição que necessitamos para a realização do estudo e, também, a sua permissão para ter acesso às informações e aos dados recolhidos durante a pesquisa.

No entanto, serão utilizados apenas na elaboração e divulgação científica, respeitando o carácter confidencial de identidade.

Eu, abaixo-assinado, declaro que compreendi as explicações que me foram dadas pela Investigadora Sílvia Carvalho numa linguagem clara e simples.

Declaro assim que estou elucidada com a informação recebida e compreendo a finalidade da Investigação. Autorizo a realização da entrevista, concordando em participar na redacção e transcrição, e declaro que não me oponho à utilização das informações ou dados recolhidos durante o estudo.

O Inquirido

---

Porto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

## **Declaração de Consentimento Informado da Entrevista dirigida aos Professores de Educação Musical**

Cara Participante,

No âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa do Centro Regional de Braga, pretendemos desenvolver um estudo sobre “Terapia da Música e do Som aplicada a crianças portadoras de Necessidades Educativas Especiais”, cuja finalidade é estudar influência música na socialização das crianças e adolescentes portadores de Necessidades Educativas Especiais.

Neste sentido solicitamos-lhe que autorize a realização de uma entrevista, que aceite fazer a redacção e transcrição que necessitamos para a realização do estudo e, também, a sua permissão para ter acesso às informações e aos dados recolhidos durante a pesquisa.

No entanto, serão utilizados apenas na elaboração e divulgação científica, respeitando o carácter confidencial de identidade.

Eu, abaixo-assinado, declaro que compreendi as explicações que me foram dadas pela Investigadora Sílvia Carvalho numa linguagem clara e simples.

Declaro assim que estou elucidada com a informação recebida e compreendo a finalidade da Investigação. Autorizo a realização da entrevista, concordando em participar na redacção e transcrição, e declaro que não me oponho à utilização das informações ou dados recolhidos durante o estudo.

O Inquirido

---

Porto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

## **Anexo 6**

---

### **Transcrição das Entrevistas**

---

Entrevista EE

Entrevista TO

Entrevista EMMML

Entrevista EML

Entrevista EMI

## Entrevista 1 (EE)

---

**P: Os seus alunos gostam de música?**

**R:** *Todos os alunos gostam de música e de actividades que envolvam música.*

**P: Que géneros de música gostam mais? E menos?**

**R:** *Os meninos com quem trabalho gosta particularmente de músicas infantis, embora para trabalhar o relaxamento as massagens preferam música instrumental. Se forem actividades mais ritmadas coloco sempre música mais mexida. O P que é o único aluno falante da unidade gosta muito de música indiana. O A adora a música dos “Bons dias”. A música preferida do D é a da “Boneca”, a do G é o “Piriquito” e a do P é a do “Coelhinho”.*

**P: Costuma por música para eles ouvir? Reagem aos sons? E à música?**

**R:** *Sim, todos os dias coloco música para trabalhar alguma actividade, fazendo até mesmo a exploração dos sons que vão ouvindo. As crianças ouvem determinado som e devem identificar o som que ouvem, quer através de símbolos do SPC, quer com objectos reais.*

**P: A música influencia os seus estados de espírito? (Fica mais calmo ou mais agitado)**

**R:** *A música tem por si só a função de relaxamento, dependendo das crianças em geral funcionam sempre. No entanto se as crianças naquele determinado dia estiverem mais agitadas nem sempre pode funcionar.*

**P: Que benefícios acha que a música traz para os seus alunos? (dançam ao som da música, movimentam-se livremente, cantam,...)**

**R:** *A música traz grandes benefícios para estes alunos com multideficiência, eles gostam de ouvir dançar e até mesmo cantar. Reagem positivamente às canções principalmente quando são eles a escolherem. Por exemplo todos os dias quando cantamos os bons dias as crianças têm um livro com ilustração da canção e escolhem aquela que é de sua preferência. Todas as crianças da sala têm a sua canção preferida. O G que é o menino autista quando está mais agitado, começando a ouvir música começa a baloiçar o corpo ficando mais calmo, a D (que tem paralisia cerebral) no fim de ouvir a canção que escolheu por exemplo bate palmas. Todas as crianças gostam de música por esse motivo achamos essencial, haver em determinado período do dia música.*

**P: Quando estão a ouvir música, conseguem ter uma relação mais próxima com eles?**

**R:** *Sim, facilmente consigo atingir o meu objectivo quando estão a ouvir música pois ficam mais calmos, mas como em tudo na vida há excepções, se as crianças não estiverem dispostas a colaborar, nem a música resulta.*

**P: A música promove a descoberta e a exploração?**

**R:** *Tal como disse anteriormente a música promove a descoberta a exploração até dos próprios instrumentos, as crianças gostam de explorar os diferentes instrumentos na sala de aula, e quando gostam do som que esse instrumento produz são capazes de andar com o instrumento o dia inteiro.*

**P: Como reage o grupo quando ouvem música? (mostram-se agressivos uns com os outros ou partilham mais)**

**R:** *Não se mostram agressivos pelo contrário, por exemplo quando cantamos os bons dias permanecem na mesa sentados até que todos cantem a música que gostam, chegam mesmo a pedir para repetir.*

**P: São capazes de trabalhar em colaboração com os outros alunos?**

**R:** *Depende das crianças, o G que é o caso mais “grave” não gosta muito de receber ninguém na sala nem de fazer actividades com outros meninos que não sejam aqueles que estão consigo diariamente. O P sim, gosta inclusive de ir à rádio da escola com o Sr. V ver o funcionamento. Gosta de participar e de interagir com outras crianças. Adora as festas da escola e tudo que englobe música.*

**P: Acha que a música motiva os seus alunos e induz a uma melhor aprendizagem?**

**R:** *Claro que sim.*

**P: Acha que o som/música desenvolve o movimento?**

**R:** *Sim, todas as crianças respondem à música, e a maior parte das vezes encontro-as a dançar.*

**P: Os seus alunos são capazes de se acalmar sozinhos? Com que tipo de música os alunos conseguem relaxar?**

**R:** *Depende dos alunos. Mas a música que mais os relaxa é mesmo o instrumental.*

**P: Já lhes deu algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?**

**R:** *Sim todos os dias as crianças manuseiam diferentes instrumentos. Gostam particularmente da pandeireta.*

**P: Acha que a música é uma terapia para os seus alunos?**

**R:** *Sim, por achar tão importante é que na sala de snoezelan temos sempre musica.*

**P: Sei que semanalmente têm uma sessão de snoezelen. Nota alguma agitação quando eles sabem que vão à sessão?**

**R:** *Este ano notei. O P reagiu mal à mudança de terapeuta. O G e o A foi a primeira vez o que se tornou uma novidade andavam inicialmente um pouco perdidos, visto que esta sala possui muitos estímulos e primeiros que eles se consigam auto-regular é um problema, mas depois para o fim do ano as crianças já estavam mais receptivas, o P mudou de atitude com a terapeuta e já beneficiavam mais da terapia.*

**P: Utiliza música na sala de aula regularmente? Porquê?**

**R:** Sim todos os dias, para fazer o acolhimento e em todas as actividades. Porque acho importante e porque eles se concentram mais, no entanto deve ser colocada a música mais adequado para cada actividade.

**P: Costuma leccionar a áreas Educação Musical na sala de aula? Como reagem os alunos?**

**R:** *Não. Embora um professor de ensino especial tenha de ser um pouco professor de todas as áreas, eu não trabalho disciplinas, apenas áreas de conteúdo. Trabalho a musica mas não como disciplina.*

**P: Acha que a Educação Musical contribui para a integração do grupo?**

**R:** *Sim.*

**P: A música contribui para o desenvolvimento do comportamento das crianças?**

**R:** *Penso que sim.*

**P: Considera que a música contribui para a transmissão de mensagens, emoções e comunicação dos seus alunos?**

**R:** *Sim, se as crianças não gostarem da música quer sejam falantes ou não aprendem a dar-nos sinais positivos ou negativos sobre o que estão a ouvir.*

## Entrevista 2 (TO)

---

**P: Durante o desenvolvimento das actividades terapêuticas costuma utilizar música?**

*R: Utilizo com frequência a música nas actividades/ sessões.*

**P: Os seus alunos gostam de música?**

*R: Não trabalhei com crianças ou jovens que não gostassem de música em geral. Em determinadas situações, não apreciam alguns estilos musicais.*

**P: Que géneros de música gostam mais? E menos?**

*R: Geralmente têm maior preferência por música popular portuguesa e infantil. De momento não me ocorre um padrão de músicas que não gostem.*

**P: Se coloca música para eles ouvir, como reagem aos sons? E à música?**

*R: Será difícil responder a esta questão pois as reacções são todas diferentes. A música apresentada também depende do que se pretende que realizem durante a sessão.*

**P: A música influencia os seus estados de espírito? (Fica mais calmo ou mais agitado)**

*R: Sem dúvida!*

**P: Que benefícios acha que a música traz para os seus alunos? (dançam ao som da música, movimentam-se livremente, cantam,...)**

*R: Os alunos adquirem noções de ritmo, noção de esquema corporal e proporciona o trabalho ao nível da coordenação.*

**P: Quando estão a ouvir música, conseguem ter uma relação mais próxima com eles?**

*R: A música poderá ser um bom mediador na intervenção. Pode melhorar a relação terapêutica, como reforço positivo, etc.*

**P: A música promove a descoberta e a exploração?**

*R: A descoberta do corpo e das suas possibilidades motoras.*

**P: Como reage o grupo quando ouvem música? (mostram-se agressivos uns com os outros ou partilham mais)**

*R: Depende do grupo, mas geralmente observam-se reacções positivas que facilitam a nossa intervenção.*

**P: São capazes de trabalhar em colaboração com os outros alunos?**

*R: Sim, realizando variados jogos, dependendo sempre das suas potencialidades/ capacidades.*

**P: Acha que a música motiva os seus alunos e induz a uma melhor aprendizagem?**

**R:** *Ajuda na maioria das aprendizagens.*

**P: Acha que o som/música desenvolve o movimento?**

**R:** *A música ajuda mas depois é necessário ter um conjunto de objectivos inerentes para desenvolver em cada sessão.*

**P: Os seus alunos são capazes de se acalmar sozinhos? Com que tipo de música os alunos conseguem relaxar?**

**R:** *Depende dos alunos, nem sempre é possível.*

**P: Já lhes deu algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?**

**R:** *Sim, para realizarem trabalho de pares, tipo imitação, jogos de espelho, etc. Uso maracas e tambores.*

**P: Acha que a música é uma terapia para os seus alunos?**

**R:** *É um complemento a toda a intervenção.*

**P: Sei que desenvolve actividades na sala de snoezelen. Nota alguma agitação quando eles sabem que vão à sessão?**

**R:** *Depende dos alunos. Alguns até solicitam mas isso depende do tipo de alunos e de todas as variáveis externas (tipo comportamento nos outros contextos).*

**P: Utiliza música na sala de aula regularmente? Porquê?**

**R:** *Utilizo a música com alguma frequência porque penso que facilita a integração de alguns componentes de desempenho.*

**P: Que género de música cativa mais a atenção, concentração e espírito de aprendizagem dos seus alunos?**

**R:** *A música com que estão mais familiarizados, ou seja, a que ouvem no seu dia-a-dia. Atenção, pois existem situações em que algumas músicas podem desencadear comportamentos um pouco obsessivos e isso também é necessário trabalhar.*

**P: Acha que a Educação Musical contribui para a integração do grupo?**

**R:** *Na instituição existe uma aula de educação musical com uma professora e o grupo que frequenta adora participar.*

**P: A música contribui para o desenvolvimento do comportamento das crianças?**

**R:** *Ajuda.*

**P: Considera que a música contribui para a transmissão de mensagens, emoções e comunicação dos seus alunos?**

**R:** *Sim, pois emitem reacções, verificam-se alterações nas suas expressões faciais.*

## Entrevista 3 (EMML)

---

**P: Os seus alunos gostam de música?**

**R:** *A maioria Sim.*

**P: Que géneros de música gostam mais? E menos?**

**R:** *A maioria dos alunos aprecia mais a música ligeira e a Rock e Pop. A que menos gostam é o Fado.*

**P: Costuma por música para eles ouvir, como reagem aos sons? E à música?**

**R:** *Na apresentação de diversos conteúdos, apresento exemplos musicais onde os mesmos se utilizam, assim, os alunos ouvem diversa música e detectam o conteúdo a trabalhar. A maioria dos alunos reage de forma positiva aos sons e a música.*

**P: A música influencia os seus estados de espírito? (Fica mais calmo ou mais agitado)**

**R:** *Sim, a música altera o estado de espírito dos alunos.*

**P: Que benefícios acha que a música traz para os seus alunos? (dançam ao som da música, movimentam-se livremente, cantam,...)**

**R:** *Os alunos deixam-se emocionar através de gestos, movimentos e sons.*

**P: Quando estão a ouvir música, consegue ter uma relação mais próxima com eles?**

**R:** *Na maioria das vezes consigo criar uma relação mais próxima com os alunos, porque tento procurar exemplos musicais que se aproximam do gosto musical dos alunos.*

**P: A música promove a descoberta e a exploração?**

**R:** *Sim, por exemplo quando pretendo utilizar a audição musical para detectar alguma característica comum entre vários exemplos musicais, criar um conjunto de movimentos após a audição de algum som ou conteúdo...*

**P: Como reagem o(s) aluno(s) quando ouvem música? (mostram-se agressivos uns com os outros ou partilham mais)**

**R:** *Na maioria das vezes não apresentam atitudes de agressão, mas de vivacidade.*

**P: São capazes de trabalhar em colaboração com os outros alunos/turma?**

**R:** *Depende do grau de dificuldade da tarefa, porém, tento facilitar a tarefa ou substituí-la por algum semelhante.*

**P: Acha que a música motiva os seus alunos e induz a uma melhor aprendizagem?**

**R:** *Sim.*

**P: Acha que o som/música desenvolve o movimento?**

**R:** *Na maioria das vezes sim.*

**P:** **Os seus alunos são capazes de se acalmar sozinhos? Com que tipo de música os alunos conseguem relaxar?**

**R:** *Apresentam atitudes de maior calma quando a música lhes proporciona sentimentos tranquilos, serenos... e automaticamente reagem de forma autónoma à música.*

**P:** **Já lhes deu algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?**

**R:** *Sim, instrumental orff, a maioria gosta do tamborim e da pandeireta.*

**P:** **Acha que a música é uma terapia para os seus alunos?**

**R:** *A música é uma arte que proporciona emoções, sensações que interfere no comportamento dos alunos.*

**P:** **Os seus alunos respondem positivamente às actividades musicais do em grupo?**

**R:** *Em geral, os alunos desempenham as tarefas com mais “à vontade” quando estão em actividades em grupo.*

**P:** **Como reagem os alunos quando executam instrumentos musicais?**

**R:** *As actividades da preferência dos alunos são os que envolvem os instrumentos musicais.*

**P:** **Acha que a Educação Musical contribui para a integração do grupo?**

**R:** *Sim.*

**P:** **A música contribui para o desenvolvimento do comportamento das crianças?**

**R:** *Sim.*

**P:** **Acha que os alunos respeitam o ambiente musical?**

**R:** *A maioria sim e corresponde com movimentos, gestos e sons.*

**P:** **Considera que a música contribui para a transmissão de mensagens, emoções e comunicação dos seus alunos?**

**R:** *Considero que a música é um dos maiores transmissores de mensagens, emoções, sensações...*

## Entrevista 4 (EML)

---

**P: Os seus alunos gostam de música?**

**R:** *Sim.*

**P: Que géneros de música gostam mais? E menos?**

**R:** *Apreciam mais os géneros rock e pop; gostam menos de música clássica.*

**P: Costuma por música para eles ouvir, como reagem aos sons? E à música?**

**R:** *Sim. Reagem muito bem, por vezes até com alguma euforia.*

**P: A música influencia os seus estados de espírito? (Fica mais calmo ou mais agitado)**

**R:** *Sim, sem dúvida. Músicas calmas acalmam o aluno e vice-versa.*

**P: Que benefícios acha que a música traz para os seus alunos? (dançam ao som da música, movimentam-se livremente, cantam,...)**

**R:** *Através da música os alunos conseguem mais facilmente exteriorizar o que sentem.*

**P: Quando estão a ouvir música, consegue ter uma relação mais próxima com eles?**

**R:** *Sim, sobretudo quando se trabalha com um grupo muito reduzido de alunos.*

**P: A música promove a descoberta e a exploração?**

**R:** *A mesma resposta que a anterior.*

**P: Como reagem o(s) aluno(s) quando ouvem música? (mostram-se agressivos uns com os outros ou partilham mais)**

**R:** *Sentem-se parte do mesmo grupo, sentem-se bem, integrados.*

**P: São capazes de trabalhar em colaboração com os outros alunos/turma?**

**R:** *Sim, mas com tarefas adaptadas, se necessário, às suas dificuldades e capacidades. O mais importante, do meu ponto de vista, é eles vivenciarem a música e sentirem-se bem com isso.*

**P: Acha que a música motiva os seus alunos e induz a uma melhor aprendizagem?**

**R:** *Sim, sem dúvida que a motivação é maior, porque a música traduz-se pelo carácter eminentemente prático. A capacidade de concentração e os estímulos cognitivos desta prática podem também ser úteis noutras áreas de ensino/aprendizagem.*

**P: Acha que o som/música desenvolve o movimento?**

**R:** *Sim, é uma das principais vantagens para estes alunos, que muitas vezes apresentam limitações ao nível da motricidade.*

**P: Os seus alunos são capazes de se acalmar sozinhos? Com que tipo de música os alunos conseguem relaxar?**

**R:** *Sim, mas se realizar um exercício com uma textura musical suave, como base, isso ajuda ainda mais.*

**P:** **Já lhes deu algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?**

**R:** *Gostam mais de instrumentos de percussão, sobretudo peles e lâminas.*

**P:** **Acha que a música é uma terapia para os seus alunos?**

**R:** *Sim, pode ajudar a um maior desenvolvimento cognitivo e psico-motor.*

**P:** **Os seus alunos respondem positivamente às actividades musicais do em grupo?**

**R:** *Sim, mas temos de atender ao grau de dificuldade da tarefa atribuída, caso contrário desmotivam e “desligam-se” rapidamente da actividade proposta pelo professor.*

**P:** **Como reagem os alunos quando executam instrumentos musicais?**

**R:** *Gostam imenso. Em relação à flauta, o sentimento já não é assim tão vincado, pois esta exige um maior domínio ao nível da motricidade fina e um tempo de concentração mais lato.*

**P:** **Acha que a Educação Musical contribui para a integração do grupo?**

**R:** *Sim, é muito útil para o sentimento de pertença.*

**P:** **A música contribui para o desenvolvimento do comportamento das crianças?**

**R:** *Sem dúvida, na medida em que promove a disciplina, o método de trabalho/estudo e o respeito pelo próximo.*

**P:** **Acha que os alunos respeitam o ambiente musical?**

**R:** *Geralmente sim, e tem-se trabalhado nesse sentido, para se conseguir criar, no futuro, públicos críticos, de qualidade, na cena musical.*

**P:** **Considera que a música contribui para a transmissão de mensagens, emoções e comunicação dos seus alunos?**

**R:** *Sim, sobretudo quando conjugado com o aspecto lírico e visual das mensagens que a música ajuda a transmitir.*

## Entrevista 5 (EMI)

---

**P: Os seus alunos gostam de música?**

**R:** *Sim.*

**P: Que géneros de música gostam mais? E menos?**

**R:** *Rock, Pop, ligeira. Gostam pouco, ou pensam, de clássica.*

**P: Costuma por música para eles ouvir, como reagem aos sons? E à música?**

**R:** *Sim, depende da forma como lhe coloco a música. Se os surpreendo por vezes assustam-se, se estão a contar com a música, depende dos instrumentos que são utilizados. Quanto à musica reagem de forma positiva, penso que têm a reacção que se espera conforme a estilo e tipo de musica que uso.*

**P: A música influencia os seus estados de espírito? (Fica mais calmo ou mais agitado)**

**R:** *Sim sem a música for calma eles acalmam, se a música for agitada eles também ficam agitados.*

**P: Que benefícios acha que a música traz para os seus alunos? (dançam ao som da música, movimentam-se livremente, cantam, ...)**

**R:** *Para além de os fazer ter sensações únicas permite-lhes libertarem-se e perder alguma da timidez que sentem, ou o inverso.*

**P: Quando estão a ouvir música, consegue ter uma relação mais próxima com eles?**

**R:** *Sim, acho que eles ficam mais comunicativos e que têm mais vontade de aprender aquilo que eu e a música lhe podemos transmitir.*

**P: A música promove a descoberta e a exploração?**

**R:** *Sim, na medida em que desinibe o aluno.*

**P: Como reagem o(s) aluno(s) quando ouvem música? (mostram-se agressivos uns com os outros ou partilham mais)**

**R:** *Os alunos partilham mais e expressam-se muito mais.*

**P: São capazes de trabalhar em colaboração com os outros alunos/turma?**

**R:** *Sim, sempre que sejam solicitados.*

**P: Acha que a música motiva os seus alunos e induz a uma melhor aprendizagem?**

**R:** *Sim.*

**P: Acha que o som/música desenvolve o movimento?**

**R:** *Sim.*

**P: Os seus alunos são capazes de se acalmar sozinhos? Com que tipo de música os alunos conseguem relaxar?**

**R:** *Acalmam-se melhor com música clássica calma.*

**P: Já lhes deu algum instrumento musical? Se sim, de qual gostaram mais?**

**R:** *Sim. Gostam muito da flauta e dos xilofones.*

**P: Acha que a música é uma terapia para os seus alunos?**

**R:** *Sim.*

**P: Os seus alunos respondem positivamente às actividades musicais do em grupo?**

**R:** *Sim, muito bem.*

**P: Como reagem os alunos quando executam instrumentos musicais?**

**R:** *Ficam eufóricos, principalmente se é a primeira vez que pegam nesse instrumento.*

**P: Acha que a Educação Musical contribui para a integração do grupo?**

**R:** *Sim, com esta disciplina os melhores alunos ás outras disciplinas nem sempre são os melhores a musica, o que faz com que os mais “fracos” se sintam “importantes”.*

**P: A música contribui para o desenvolvimento do comportamento das crianças?**

**R:** *Sim. O estilo de música que elas ouvem faz com que a sua cultura e personalidade se modelem.*

**P: Acha que os alunos respeitam o ambiente musical?**

**R:** *Depende do contacto que têm com a música e da educação que têm sobre o respeito que a música merece.*

**P: Considera que a música contribui para a transmissão de mensagens, emoções e comunicação dos seus alunos?**

**R:** *Sim, aliás ela é a única linguagem universal que existe, só ela é compreendida da mesma forma em todo o mundo.*

## **Anexo 7**

---

### **Quadros de Categorização das Observações**

---

Observação - A

Observação - G

Observação - D

Observação - P

# Quadros de Categorização dos Dados

## Observação - A

Categorias	Sub-categorias	Indicadores			
		Sala de Aula	Sala de Música	Sala Snoezelen	
<b>A</b>	<b>Nível Emocional</b>	<b>A1</b> <b>Promove os sentidos /Interesse pela Música</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimula os sentidos (revela pouco);</li> <li>• Promove auto-controlo (revela pouco);</li> <li>• Revela autonomia (revela pouco);</li> <li>• Promove a descoberta e a exploração;</li> <li>• Prefere ficar sozinho;</li> <li>• Manifesta satisfação, alegria e bem-estar. (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimula os sentidos (revela pouco);</li> <li>• Promove auto-controlo (revela pouco);</li> <li>• Revela autonomia (revela pouco);</li> <li>• Promove a descoberta e a exploração;</li> <li>• Prefere ficar sozinho;</li> <li>• Manifesta satisfação, alegria e bem-estar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimula pouco os sentidos (revela pouco);</li> <li>• Promove o auto-controlo;</li> <li>• Revela alguma autonomia(revela pouco);</li> <li>• Promove muito a descoberta e a exploração;</li> <li>• Mostra-se distante ignorando os outros;</li> <li>• Manifesta satisfação, alegria e bem-estar.</li> </ul>
<b>B</b>	<b>Nível Comportamental</b>	<b>B1</b> <b>Revela influência da Música</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Revela desconforto quando outras pessoas se aproximam (revela pouco);</li> <li>• Mostra ansiedade quando o professor mais próximo está longe;</li> <li>• Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>• Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere (revela pouco);</li> <li>• Relaxa e diverte-se (revela pouco);</li> <li>• Permite explorar várias actividades (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Revela desconforto quando outras pessoas se aproximam (revela pouco);</li> <li>• Mostra ansiedade quando o professor mais próximo está longe;</li> <li>• Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>• Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere (revela pouco);</li> <li>• Diverte-se e participa;</li> <li>• Permite explorar várias actividades;</li> <li>• Liberta stress (revela pouco);</li> <li>• Controla a ansiedade (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostra ansiedade quando o professor mais próximo está longe;</li> <li>• Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>• Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere;</li> <li>• Relaxa e diverte-se;</li> <li>• Permite explorar várias actividades;</li> <li>• Liberta o stress.</li> </ul>
<b>C</b>	<b>Interação</b>	<b>C1</b> <b>Relação social e de aproximação com os outros em ambiente/ contexto musical</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite o trabalho individual ou em grupo (revela pouco);</li> <li>• Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>• Tem algumas dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo (revela pouco);</li> <li>• Demonstra alguns comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite o trabalho individual ou em grupo (revela pouco);</li> <li>• Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>• Permite a interacção física, por parte de colegas e adultos, durante canções, danças, coreografias, criação de ritmos e jogos (revela pouco);</li> <li>• Tem algumas dificuldades em estabelecer relações de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite o trabalho individual ou em grupo;</li> <li>• Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>• Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo (revela pouco);</li> <li>• Tolerar que os colegas se sentem/deitem junto dele;</li> <li>• Respeita a opinião e o trabalho dos colegas.</li> </ul>

		<p>(revela pouco);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tolerar que os colegas se sentem/deitem junto dele (revela pouco);</li> <li>• Permite que o grupo intervenha nos seus jogos (revela pouco);</li> <li>• Respeita a opinião e o trabalho dos colegas.</li> </ul>	<p>amizade com o grupo (revela pouco);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstra alguns comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas (revela pouco);</li> <li>• Tolerar que os colegas se sentem/deitem junto dele (revela pouco);</li> <li>• Permite que o grupo intervenha nos seus jogos (revela pouco);</li> <li>• Toca em grupo.</li> </ul>	
	<p><b>C2</b></p> <p><b>Estimulação através de instrumentos musicais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motiva para a aprendizagem;</li> <li>• Responde com entusiasmo às actividades;</li> <li>• Relaxa com os sons, a musicalidade (revela pouco);</li> <li>• Respeita o ambiente musical (revela pouco);</li> <li>• Colabora nas actividades com entusiasmo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motiva para a aprendizagem;</li> <li>• Responde com entusiasmo às actividades musicais em grupo;</li> <li>• Demonstra facilidade na execução técnica de instrumentos musicais;</li> <li>• Respeita o ambiente musical;</li> <li>• Demonstra sentido rítmico e criatividade musical;</li> <li>• Explora sons e características físicas dos instrumentos musicais;</li> <li>• Colabora nas actividades com entusiasmo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motiva para a aprendizagem;</li> <li>• Responde com entusiasmo às actividades;</li> <li>• Relaxa com os sons, a musicalidade;</li> <li>• Colabora nas actividades com entusiasmo.</li> </ul>

# Quadros de Categorização dos Dados

## Observação - G

Categorias	Sub-categorias	Indicadores		
		Sala de Aula	Sala de Música	Sala Snoezelen
<b>A</b> Nível Emocional	<b>A1</b> <b>Promove os sentidos /Interesse pela Música</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promove auto-controlo (revela pouco);</li> <li>• Mostra-se distante ignorando os outros;</li> <li>• Prefere ficar sozinho;</li> <li>• Manifesta satisfação, alegria e bem-estar (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promove auto-controlo (revela pouco);</li> <li>• Revela autonomia (revela pouco);</li> <li>• Promove a descoberta e a exploração (revela pouco);</li> <li>• Mostra-se distante ignorando os outros;</li> <li>• Prefere ficar sozinho;</li> <li>• Manifesta satisfação, alegria e bem-estar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimula pouco os sentidos (revela pouco);</li> <li>• Promove o auto-controlo;</li> <li>• Promove a descoberta e a exploração (revela pouco);</li> </ul>
<b>B</b> Nível Comportamental	<b>B1</b> <b>Revela influência da Música</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Revela desconforto quando outras pessoas se aproximam (revela pouco);</li> <li>• Mostra ansiedade quando os professores que lhe são mais próximos estão longe;</li> <li>• Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>• Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere (revela pouco);</li> <li>• Relaxa e diverte-se (revela pouco);</li> <li>• Permite explorar várias actividades (revela pouco);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Revela desconforto quando outras pessoas se aproximam (revela pouco);</li> <li>• Mostra ansiedade quando os professores que lhe são mais próximos estão longe;</li> <li>• Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>• Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere (revela pouco);</li> <li>• Diverte-se e participa;</li> <li>• Permite explorar várias actividades;</li> <li>• Liberta stress (revela pouco);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>• Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere (revela pouco);</li> <li>• Relaxa e diverte-se (revela pouco);</li> <li>• Permite explorar várias actividades (revela pouco);</li> <li>• Liberta o stress (revela pouco).</li> </ul>
<b>C</b> Interacção	<b>C1</b> <b>Relação social e de aproximação com os outros em ambiente/ contexto musical</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite o trabalho individual ou em grupo (revela pouco);</li> <li>• Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>• Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo (revela pouco);</li> <li>• Demonstra comportamentos de hostilidade e alguma agressividade em relação aos colegas (revela pouco);</li> <li>• Tolerar que os colegas se sentem/deitem junto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite o trabalho individual ou em grupo (revela pouco);</li> <li>• Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>• Permite a interacção física, por parte de colegas e adultos, durante canções, danças, coreografias, criação de ritmos e jogos (revela pouco);</li> <li>• Tem algumas dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo (revela pouco);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>• Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo;</li> <li>• Demonstra comportamentos de hostilidade e alguma agressividade em relação aos colegas (revela pouco);</li> </ul>

		<p>dele (revela pouco);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite que o grupo intervenha nos seus jogos (revela pouco);</li> <li>• Respeita a opinião e o trabalho dos colegas (revela pouco);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstra alguns comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas (revela pouco);</li> <li>• Tolerar que os colegas se sentem/deitem junto dele (revela pouco);</li> <li>• Permite que o grupo intervenha nos seus jogos (revela pouco);</li> <li>• Toca em grupo.</li> </ul>	
	<p><b>C2</b></p> <p><b>Estimulação através de instrumentos musicais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Responde com entusiasmo às actividades;</li> <li>• Relaxa com os sons, a musicalidade (revela pouco);</li> <li>• Respeita o ambiente musical (revela pouco);</li> <li>• Pouco respeita o ambiente musical;</li> <li>• Colabora nas actividades com entusiasmo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motiva para a aprendizagem (revela pouco);</li> <li>• Responde com entusiasmo às actividades musicais em grupo;</li> <li>• Demonstra sentido rítmico e criatividade musical (revela pouco);</li> <li>• Respeita o ambiente musical (revela pouco);</li> <li>• Explora sons e características físicas dos instrumentos musicais;</li> <li>• Colabora nas actividades com entusiasmo (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motiva para a aprendizagem (revela pouco);</li> <li>• Relaxa com os sons, a musicalidade (revela pouco).</li> </ul>

# Quadros de Categorização dos Dados

## Observação - D

Categorias	Sub-categorias	Indicadores		
		Sala de Aula	Sala de Música	Sala Snoezelen
A Nível Emocional	A1  Promove os sentidos /Interesse pela Música	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mostra-se distante ignorando os outros;</li> <li>Manifesta satisfação, alegria e bem-estar (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Estimula os sentimentos (revela pouco);</li> <li>Promove a descoberta e a exploração revela pouco);</li> <li>Mostra-se distante ignorando os outros;</li> <li>Manifesta satisfação, alegria e bem-estar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Estimula pouco os sentidos (revela pouco);</li> <li>Promove o auto-controlo;</li> <li>Promove muito a descoberta e a exploração (revela pouco);</li> <li>Promove a descoberta e a exploração revela pouco);</li> <li>Manifesta satisfação, alegria e bem-estar.</li> </ul>
	B Nível Comportamental	B1  Revela influência da Música	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere (revela pouco);</li> <li>Relaxa e diverte-se (revela pouco);</li> <li>Permite explorar várias actividades (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere revela pouco);</li> <li>Diverte-se e participa;</li> <li>Permite explorar várias actividades revela pouco);</li> <li>Liberta o stress revela pouco).</li> </ul>
C Interação	C1  Relação social e de aproximação com os outros em ambiente/ contexto musical	<ul style="list-style-type: none"> <li>Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo (revela pouco);</li> <li>Respeita a opinião e o trabalho dos colegas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>Permite a interação física, por parte de colegas e adultos, durante canções, danças, coreografias, criação de ritmos e jogos (revela pouco);</li> <li>Toca em grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Permite o trabalho individual ou em grupo;</li> <li>Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo (revela pouco);</li> <li>Tolera que os colegas se sentem/deitem junto dele;</li> <li>Permite que o grupo intervenha nos seus jogos;</li> <li>Respeita a opinião e o trabalho dos colegas.</li> </ul>
	C2  Estimulação através de	<ul style="list-style-type: none"> <li>Responde com entusiasmo às actividades musicais em grupo (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Motiva para a aprendizagem (revela pouco);</li> <li>Responde com entusiasmo às actividades musicais em grupo (revela pouco);</li> <li>Respeita o ambiente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Motiva para a aprendizagem;</li> <li>Responde com entusiasmo às actividades;</li> <li>Relaxa com os sons, a musicalidade;</li> <li>Respeita o ambiente</li> </ul>

	<b>instrumentos musicais</b>		musical; • Explora sons e características físicas dos instrumentos musicais; • Colabora nas actividades com entusiasmo (revela pouco).	musical; • Colabora nas actividades com entusiasmo.
--	------------------------------	--	--	--

# Quadros de Categorização dos Dados

## Observação - P

Categorias	Sub-categorias	Indicadores		
		Sala de Aula	Sala de Música	Sala Snoezelen
<b>A</b> Nível Emocional	<b>A1</b> <b>Promove os sentidos /Interesse pela Música</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimula os sentimentos;</li> <li>• Promove auto-controlo;</li> <li>• Revela autonomia;</li> <li>• Promove a descoberta e a exploração (revela pouco);</li> <li>• Prefere ficar sozinho (revela pouco);</li> <li>• Manifesta satisfação, alegria e bem-estar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimula os sentimentos;</li> <li>• Promove auto-controlo;</li> <li>• Revela autonomia;</li> <li>• Promove a descoberta e a exploração;</li> <li>• Prefere ficar sozinho (revela pouco);</li> <li>• Manifesta satisfação, alegria e bem-estar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimula pouco os sentidos;</li> <li>• Promove o auto-controlo;</li> <li>• Revela autonomia;</li> <li>• Promove a descoberta e a exploração;</li> <li>• Mostra-se distante ignorando os outros (revela pouco);</li> <li>• Prefere ficar sozinho (revela pouco);</li> <li>• Manifesta satisfação, alegria e bem-estar.</li> </ul>
<b>B</b> Nível Comportamental	<b>B1</b> <b>Revela influência da Música</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostra ansiedade quando os professores que lhe são mais próximos estão longe;</li> <li>• Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>• Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere (revela pouco);</li> <li>• Relaxa e diverte-se;</li> <li>• Permite explorar várias actividades;</li> <li>• Liberta o stress (revela pouco);</li> <li>• Controla a ansiedade (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostra ansiedade quando os professores que lhe são mais próximos estão longe;</li> <li>• Sorri em resposta a sorrisos de outros;</li> <li>• Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere (revela pouco);</li> <li>• Diverte-se e participa;</li> <li>• Permite explorar várias actividades;</li> <li>• Liberta o stress (revela pouco);</li> <li>• Controla a ansiedade (revela pouco).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Revela desconforto quando outras pessoas se aproximam (revela pouco);</li> <li>• Mostra ansiedade quando os professores que lhe são mais próximos estão longe (revela pouco);</li> <li>• Manifesta diferentes emoções num curto espaço de tempo, mesmo que nada se altere;</li> <li>• Relaxa e diverte-se;</li> <li>• Permite explorar várias actividades;</li> <li>• Liberta o stress;</li> <li>• Controla a ansiedade (revela pouco).</li> </ul>
<b>C</b> Interacção	<b>C1</b> <b>Relação social e de aproximação com os outros em ambiente/ contexto musical</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite o trabalho individual ou em grupo;</li> <li>• Permite a presença de adultos durante a realização de actividades (revela pouco);</li> <li>• Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo (revela pouco);</li> <li>• Demonstra comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas (revela pouco);</li> <li>• Tolera que os colegas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite o trabalho individual pouco em grupo;</li> <li>• Permite a presença de adultos durante a realização de actividades (revela pouco);</li> <li>• Permite a interacção física, por parte de colegas e adultos, durante canções, danças, coreografias, criação de ritmos e jogos (revela pouco);</li> <li>• Tem algumas dificuldades em estabelecer relações de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite o trabalho individual ou em grupo;</li> <li>• Permite a presença de adultos durante a realização de actividades;</li> <li>• Tem dificuldades em estabelecer relações de amizade com o grupo (revela pouco);</li> <li>• Demonstra comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas (revela pouco);</li> <li>• Tolera que os colegas se sentem/deitem junto</li> </ul>

		<p>se sentem/deitem junto dele;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite que o grupo intervenha nos seus jogos (revela pouco).</li> <li>• Respeita a opinião e o trabalho dos colegas.</li> </ul>	<p>amizade com o grupo (revela pouco);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstra alguns comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas;</li> <li>• Tolerar que os colegas se sentem/deitem junto dele (revela pouco);</li> <li>• Permite que o grupo intervenha nos seus jogos (revela pouco);</li> <li>• Respeita a opinião e o trabalho dos colegas;</li> <li>• Toca em grupo.</li> </ul>	<p>dele;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite que o grupo intervenha nos seus jogos;</li> <li>• Respeita a opinião e o trabalho dos colegas (revela pouco).</li> </ul>
	<p><b>C2</b></p> <p><b>Estimulação através de instrumentos musicais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motiva para a aprendizagem;</li> <li>• Responde com entusiasmo às actividades musicais em grupo;</li> <li>• Relaxa com os sons, a musicalidade (revela pouco);</li> <li>• Respeita o ambiente musical;</li> <li>• Colabora nas actividades com entusiasmo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motiva para a aprendizagem;</li> <li>• Responde com entusiasmo às actividades musicais em grupo;</li> <li>• Demonstra facilidade na execução técnica de instrumentos musicais;</li> <li>• Respeita o ambiente musical;</li> <li>• Demonstra sentido rítmico e criatividade musical;</li> <li>• Explora sons e características físicas dos instrumentos musicais;</li> <li>• Colabora nas actividades com entusiasmo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motiva para a aprendizagem;</li> <li>• Responde com entusiasmo às actividades;</li> <li>• Relaxa com os sons, a musicalidade;</li> <li>• Respeita o ambiente musical;</li> <li>• Colabora nas actividades com entusiasmo.</li> </ul>

## Anexo 8

---

### Quadros de Categorização das Entrevistas

---

Entrevista EE

Entrevista TO

Entrevista EMMML

Entrevista EML

Entrevista EMI

## Quadros de Categorização dos Dados

### Entrevista – EE/TO/EM

---

Categorias	Sub-categorias	Indicadores
A Conhecimento do Professor de Educação Especial	A1 Nível Emocional	<p><i>“Todos os alunos gostam de música”.</i></p> <p><i>“Gostam particularmente de música infantil”.</i></p> <p><i>“O P é o único aluno falante da unidade, gosta muito de música indiana”.</i></p> <p><i>“Sim, todos os dias”.</i></p> <p><i>“A música tem por si só a função de relaxamento”.</i></p> <p><i>“As crianças quando gostam do som de um instrumento são capazes de andar com o instrumento o dia inteiro”.</i></p> <p><i>“Eles gostam de ouvir, dançar e até mesmo cantar”.</i></p> <p><i>“Gostam particularmente da pandeireta”.</i></p> <p><i>“Sim, por achar tão importante é que na sala de snoezelen temos sempre música”.</i></p> <p><i>“Sim todos os dias, para fazer o acolhimento e em todas as actividades”.</i></p> <p><i>“Se as crianças não gostarem da música quer sejam falantes ou não aprendem a dar-nos sinais positivos ou negativos sobre o que estão a ouvir”.</i></p>
		<p><i>“A música traz grandes benefícios para estes alunos com multideficiência”.</i></p> <p><i>“O G quando está muito agitado, começando a ouvir música começa a baloiçar ficando mais</i></p>

	<p><b>A2</b></p> <p>Nível Comportamental</p>	<p><i>calmo”.</i></p> <p><i>“A D no fim da canção que escolheu bate palmas”.</i></p> <p><i>“Sim, todas as crianças respondem à música, e a maior parte das vezes encontro-as a dançar”.</i></p> <p><i>“Depende dos alunos. Mas a música que mais os relaxa é mesmo o instrumental”.</i></p> <p><i>“Porque se concentram mais”.</i></p>
	<p><b>A3</b></p> <p>Interacção</p>	<p><i>“Facilmente consigo atingir o meu objectivo quando estão a ouvir música, pois ficam mais calmos”.</i></p> <p><i>“A música promove a descoberta, a exploração”.</i></p> <p><i>“Não se mostram agressivos”.</i></p> <p><i>“Ficam sentados até que todos cantem a música que gosta, chegam mesmo a pedir para repetir”.</i></p> <p><i>“O G não gosta de fazer actividades com outros meninos que não sejam aqueles que estão consigo diariamente”.</i></p> <p><i>“O P gosta de participar e de interagir com outras crianças”.</i></p> <p><i>“Adora as festas da escola e tudo que englobe música”.</i></p> <p><i>“O P reagiu mal à mudança da TO”:</i></p> <p><i>“Trabalho música mas não como disciplina”.</i></p>
	<p><b>B1</b></p> <p>Nível Emocional</p>	<p><i>“Não trabalhei com crianças ou jovens que não gostassem de música em geral”.</i></p> <p><i>“Não apreciam alguns estilos musicais”.</i></p> <p><i>“Têm maior preferência por música popular portuguesa e infantil”.</i></p> <p><i>“Sem dúvida!”</i></p> <p><i>“É um complemento a toda a intervenção”.</i></p>

		<p><i>“A música que estão mais familiarizados, ou seja, a que ouvem no seu dia-a-dia”.</i></p> <p><i>“Verificam-se alterações nas suas expressões faciais”.</i></p>
<p><b>B</b></p> <p>Conhecimento da Terapeuta Ocupacional</p>	<p><b>B2</b></p> <p>Nível Comportamental</p>	<p><i>“As reacções são todas diferentes”.</i></p> <p><i>“Adquirem noções de ritmo, noção de esquema corporal e proporciona o trabalho ao nível da coordenação”.</i></p> <p><i>“A descoberta do corpo e das suas possibilidades motoras”.</i></p> <p><i>“Ajuda na maioria das aprendizagens”.</i></p> <p><i>“A música ajuda mas depois é necessário ter um conjunto de objectivos inerentes para desenvolver em cada sessão”.</i></p> <p><i>“Depende dos alunos, nem sempre é possível”.</i></p> <p><i>“Utilizo música com alguma frequência porque penso que facilita a integração de alguns componentes de desempenho”.</i></p> <p><i>“Ajuda”.</i></p>
	<p><b>B3</b></p> <p>Interacção</p>	<p><i>“Utilizo com frequência música nas actividades/sessões”.</i></p> <p><i>“A música poderá ser um mediador na intervenção. Pode melhorar a relação terapêutica, como reforço positivo, etc”.</i></p> <p><i>“Geralmente observam-se reacções positivas que facilitam a nossa intervenção”.</i></p> <p><i>“Sim, realizando variados jogos”.</i></p> <p><i>“Na instituição existe uma aula de Educação Musical e o grupo que frequenta adora participar”.</i></p>
		<p><i>“Sim”.</i></p> <p><i>“Apreciam mais os géneros Rock e Pop”.</i></p> <p><i>“Gostam menos de Fado e Música Clássica”.</i></p>

<p style="text-align: center;"><b>C</b></p> <p style="text-align: center;">Conhecimento dos Professores de Educação Musical</p>	<p style="text-align: center;"><b>C1</b></p> <p style="text-align: center;">Nível Emocional</p>	<p><i>“Se a música for calma eles acalmam, se a música for agitada ficam agitados”.</i></p> <p><i>“A música altera o estado de espírito dos alunos”.</i></p> <p><i>Ter sensações únicas”.</i></p> <p><i>“Promove a descoberta e a exploração”.</i></p> <p><i>“Gostam mais de instrumentos de percussão, sobretudo peles e lâminas”.</i></p> <p><i>“A maioria gosta do tamborim e da pandeireta”.</i></p> <p><i>“Pode ajudar a um maior desenvolvimento cognitivo e psico-motor”.</i></p> <p><i>“A música é uma arte que proporciona emoções, sensações que interfere no comportamento dos alunos”.</i></p> <p><i>“Ficam eufóricos”.</i></p> <p><i>“Gostam imenso”.</i></p>
	<p style="text-align: center;"><b>C2</b></p>	<p><i>“Reagem de forma positiva aos sons e à música”.</i></p> <p><i>“Reagem muito bem, por vezes até com alguma euforia”.</i></p> <p><i>“Os alunos deixam-se emocionar através de gestos, movimento e sons”.</i></p> <p><i>“Conseguem mais facilmente exteriorizar o que sentem”.</i></p> <p><i>“Permite-lhes libertarem-se e perder alguma timidez”.</i></p> <p><i>“Apresentam atitudes de agressão, mas de vivacidade”.</i></p> <p><i>“A música induz a uma melhor aprendizagem”.</i></p> <p><i>“Sim, sem dúvida que a motivação é maior”.</i></p> <p><i>“A capacidade de concentração e os estímulos cognitivos desta prática podem também ser</i></p>

	<p>Nível Comportamental</p>	<p><i>úteis noutras áreas de ensino/aprendizagem”.</i></p> <p><i>“Sim, é uma das principais vantagens para estes alunos, que muitas vezes apresentam limitações ao nível da motricidade”.</i></p> <p><i>“Sim, mas se realizar um exercício com uma textura musical suave, como base, isso ajuda ainda mais”.</i></p> <p><i>“Apresentam atitudes de maior calma quando a música lhes proporciona sentimentos tranquilos, serenos...”.</i></p> <p><i>“O estilo de música que eles ouvem faz com que a sua cultura e personalidade se modelem”.</i></p> <p><i>“Sem dúvida, na medida em que promove a disciplina, o método de trabalho/estudo e o respeito pelo próximo”.</i></p> <p><i>“É a única linguagem universal que existe, só ela é compreendida da mesma forma em todos o mundo”.</i></p> <p><i>“Considero que a música é um dos maiores transmissores de mensagens, emoções, sensações...”.</i></p>
	<p><b>C3</b> Interacção</p>	<p><i>“Ficam mais comunicativos e com mais vontade de aprender”.</i></p> <p><i>“Os alunos partilham e expressam-se muito mais”.</i></p> <p><i>“Sentem-se parte do mesmo grupo, sentem-se bem integrados”.</i></p> <p><i>“Depende do grau de dificuldade da tarefa”.</i></p> <p><i>“Com tarefas adaptadas, se necessário, às suas dificuldades e capacidades”.</i></p> <p><i>“Desempenham as tarefas com mais à vontade quando estão em actividades em grupo”.</i></p>

		<p><i>“Sim, mas temos de atender ao grau de dificuldade da tarefa atribuída, caso contrário desmotivam e desligam-se rapidamente da actividade”.</i></p> <p><i>MM “Sim, contribui para a integração do grupo”.</i></p> <p><i>“Sim, é muito útil para o sentimento de pertença”.</i></p>
--	--	---